

## **Critérios**

---

Critérios | Instituições Financeiras | Bancos

# **Bancos: Metodologia e premissas de rating**

Data de publicação: 9 de novembro de 2011

**Contatos Analíticos:**

Angela Cruz, Madri, 34 (91) 389-6945, [angela.cruz@spglobal.com](mailto:angela.cruz@spglobal.com)

Matthew B. Albrecht, CFA, Nova York, 1 (212) 438-1867, [matthew.albrecht@spglobal.com](mailto:matthew.albrecht@spglobal.com)

**Contatos de Critérios:**

Michelle M. Brennan, Londres, 44 (20) 7176-7205, [michelle.brennan@spglobal.com](mailto:michelle.brennan@spglobal.com)

Tom Connell, Toronto, 1 (416) 507-2501, [thomas.connell@spglobal.com](mailto:thomas.connell@spglobal.com)

Nik Khakee, Nova York, 1 (212) 438-2473, [nik.khakee@spglobal.com](mailto:nik.khakee@spglobal.com)

**Contato Adicional:**

Ratings de Instituições Financeiras – Europa; [FIG\\_Europe@spglobal.com](mailto:FIG_Europe@spglobal.com)

## Bancos: Metodologia e premissas de rating

**(Nota do editor:** Este critério foi originalmente publicado em 9 de novembro de 2011. Em 25 de maio de 2017, fizemos uma republicação para corrigir no parágrafo 86 uma referência ao artigo “Entendendo as Definições de Rating da Standard & Poor’s”, de 3 de junho de 2009. Em 11 de maio de 2017, havíamos republicado o artigo com a inclusão da seção IX, que detalha como avaliamos a gestão de risco de bancos. O conteúdo dessa seção era anteriormente apresentado no critério “A Roadmap For Evaluating Financial Institutions’ ERM Practices”, publicado em 3 de maio de 2007, o qual foi substituído por este artigo. A consolidação dos artigos tem por objetivo proporcionar maior transparência a este critério.)

1. Este critério substitui aqueles listados no Apêndice A.
2. Este critério abrange a metodologia e as premissas específicas do artigo “Princípios dos Ratings de Crédito”, publicado em 16 de fevereiro de 2011.
3. O critério representa uma mudança substancial e tem como objetivo melhorar a comparabilidade entre os ratings de instituições financeiras e os de outros setores (consulte “Entendendo as Definições de Ratings da Standard & Poor’s”, de 3 de junho de 2009). O critério tem por objetivo proporcionar melhor transparência aos ratings de bancos globalmente.
4. O critério apresenta os passos para se determinar o perfil de crédito *individual* (SACP, *stand-alone credit profile*) e o rating de crédito de emissor (ICR, *issuer credit rating*) de um banco, incluindo a consideração da probabilidade de suporte direto adicional por parte do grupo controlador do banco ou do governo soberano. O critério atribui ênfase específica ao risco econômico e risco da indústria bancária ao definir o ponto de partida – ou a “âncora” – na atribuição de ratings a instituições financeiras. A âncora é então ajustada de acordo com fatores específicos ao banco, como capitalização, administração, posição de risco e outros, para determinar o SACP (consulte “Perfis de crédito individual (*Stand-Alone Credit Profiles* ou SACP): componente de um rating”, publicado em 1º de outubro de 2010). Por último, o critério aplica a análise da estrutura de suporte de uma instituição, incluindo tanto o potencial suporte do governo quanto do grupo econômico (gráfico 1).
5. O critério classifica o SACP de um banco mediano localizado em economias desenvolvidas nas categorias ‘bbb’ e ‘a’; as letras minúsculas intencionalmente diferenciam o perfil de crédito individual do rating de crédito de emissor. Por consequência, apenas bancos com posições de negócios mais fortes e capitalização suficiente para resistir a um cenário de estresse severo ou extremo sem dependência do suporte externo podem ser avaliados com SACPs mais altos. A probabilidade de qualquer suporte extraordinário do governo ou do grupo será incorporada ao ICR após a determinação do SACP.
6. O critério limita alterações nos ratings de bancos decorrentes de mudanças cíclicas. Ratings ‘AAA’ ainda podem ser atribuídos a bancos. Contudo, a instituição deve apresentar características de crédito, incluindo os níveis de capitalização, significativamente mais fortes do que aquelas observadas na maioria dos bancos antes de 2007.

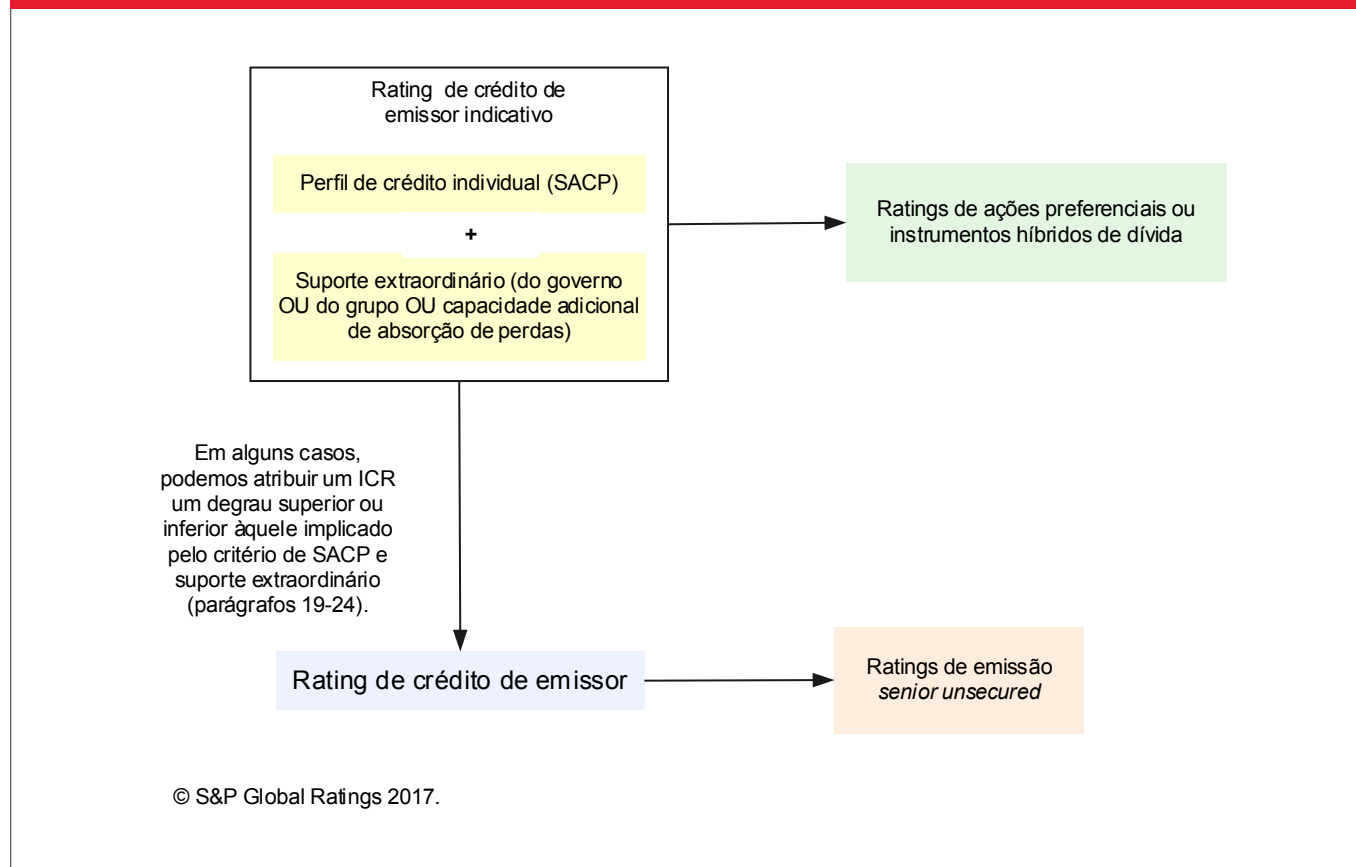
## I. ESCOPO DO CRITÉRIO

7. O critério aplica-se a ratings de bancos de varejo, comerciais, corporativos e de investimentos. A definição de “banco” é ampla e abrange grandes sociedades corretoras, financiadores de hipotecas, trust banks, cooperativas de crédito, sociedades de crédito imobiliário e bancos de custódia. O critério não se aplica a ratings de empresas financeiras, gestoras de recursos de terceiros, bolsas de valores, câmaras de compensação e corretores de títulos e valores mobiliários regionais.

## II. RESUMO DO CRITÉRIO

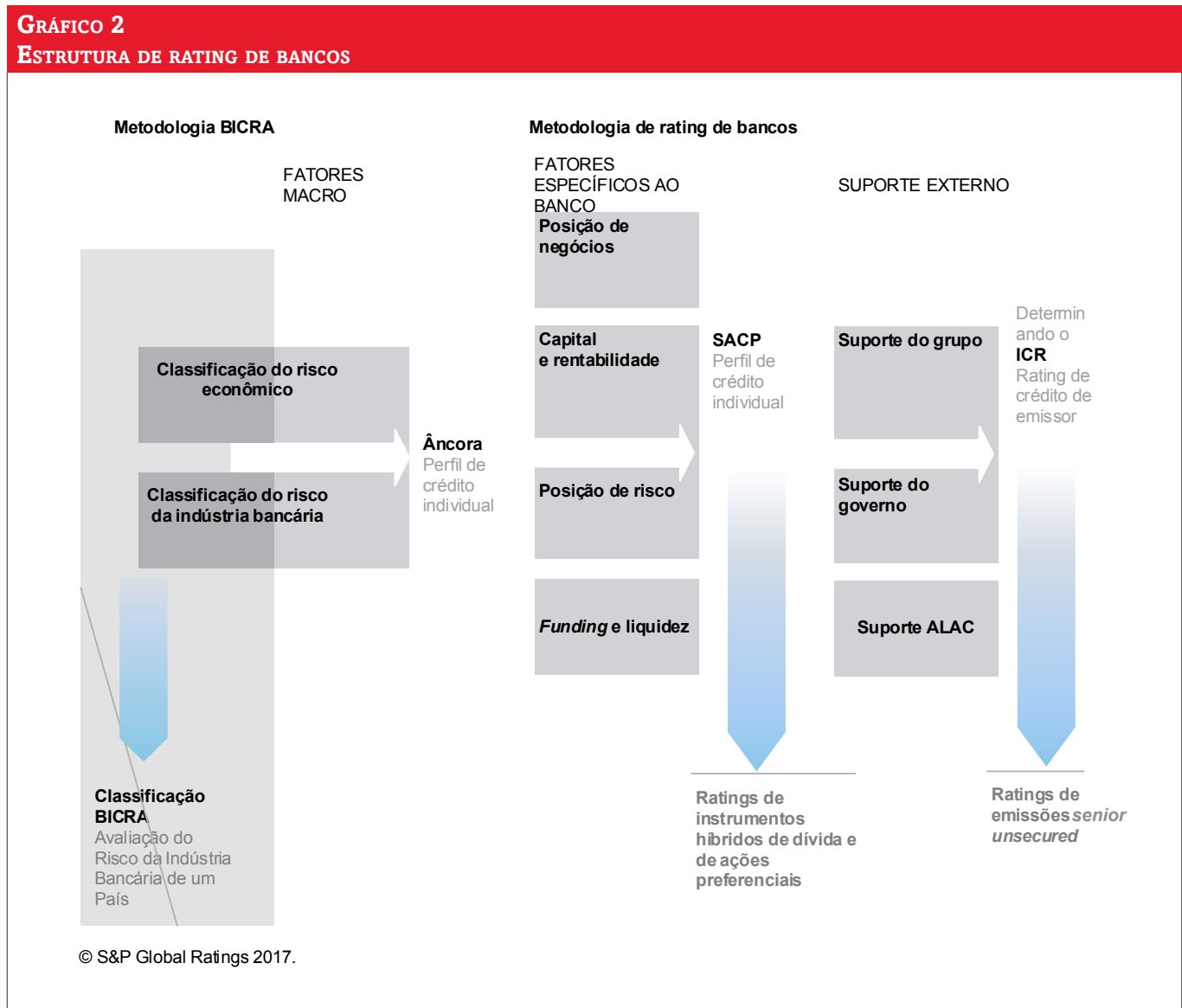
8. Esta metodologia consiste em duas etapas fundamentais: determinar o SACP e avaliar o suporte extraordinário do governo ou do grupo. Uma vez determinada a probabilidade de suporte extraordinário, o critério estabelece um ICR indicativo do banco. O ICR indicativo é um componente do ICR derivado da combinação do SACP e das conclusões de suporte (parágrafo 193). Na maioria dos casos, o ICR é equivalente ao ICR indicativo (gráfico 1). Em alguns casos, descritos nos parágrafos 19-24, o critério permite a atribuição de um ICR um degrau superior ou inferior do que implicado pelo critério de SACP e suporte extraordinário.

**GRÁFICO 1**  
**DETERMINANDO OS RATINGS DE CRÉDITO**



9. Ratings de emissão de instrumentos híbridos e ações preferenciais fazem referência ao SACP, enquanto os ratings de emissão de instrumentos de dívidas seniores quirografárias (*senior unsecured*) fazem referência ao ICR (veja o gráfico 1 e a “Metodologia e premissas para avaliar dívidas subordinadas não diferíveis e instrumentos híbridos de capital de emissão de bancos”, 29 de janeiro de 2015).

10. A avaliação do SACP leva em consideração seis fatores (gráfico 2). Os dois primeiros deles – risco econômico e risco da indústria bancária – baseiam-se na metodologia da BICRA – *Banking Industry Country Risk Assessment* (“Metodologia e premissas para avaliação do risco da indústria bancária de um país”, 9 de novembro de 2011). Tais fatores representam os pontos fortes e fracos do ambiente operacional mais amplo que situa, ou ancora, o SACP. Os outros quatro fatores representam os pontos fortes e fracos específicos ao banco. Com base na análise desses fatores, o SACP é ajustado para cima ou para baixo em relação à âncora.



11. A estrutura de suporte considera tanto a relação entre um banco e seu grupo controlador ou o governo, e como essa relação altera a qualidade de crédito geral do banco. As conclusões sobre o suporte (além do suporte incluso no SACP; veja o parágrafo 167) e o SACP são combinados na atribuição do ICR indicativo. O ICR indicativo é equivalente ao SACP, a menos que seja provável que o banco receba capital, liquidez ou outra forma de suporte extraordinário do governo ou de seu grupo controlador em uma crise. Na prática, um banco normalmente recebe ajuda de seu grupo controlador ou do governo. Do mesmo modo, se for uma subsidiária, o banco será avaliado com um ICR indicativo mais alto resultante da aplicação da estrutura de suporte do grupo ou do suporte do governo (gráfico 6). O capital adicional para absorção de perdas (ALAC, additional loss absorbing capital) é a terceira forma de suporte extraordinário, em conjunto com suporte do governo ou do grupo (consulte “Metodologia e premissas de ratings de bancos: Capacidade adicional de absorção de perdas”, 27 de abril de 2015).

12. Os parágrafos 12-16 foram movidos para o Apêndice B.

17. Este parágrafo foi excluído.

## V. DATA DE VIGÊNCIA E TRANSIÇÃO

18. Este parágrafo foi movido para o Apêndice C.

## VI. METODOLOGIA: DETERMINANDO O RATING DE CRÉDITO DE EMISSOR

19. O ICR é estabelecido no mesmo nível que o ICR indicativo (sujeito aos critérios indicados nos parágrafos 206-212), ou um degrau acima ou abaixo, em alguns casos, de acordo com os critérios definidos nos parágrafos 19-24. Na maioria dos casos, não há necessidade de ajustar o ICR indicativo para cima ou para baixo. Se aplicado, a soma total dos ajustes para o universo de bancos que a Standard & Poor's avalia será em geral equilibrada, ou não superior a um índice de 2:1 de ajustes para cima ou para baixo.

20. A opinião sobre a qualidade de crédito de um banco é refinada considerando-se a sua posição relativa de crédito entre todos os bancos com um SACP similar, ou seja, o mesmo ou um degrau acima ou abaixo. Por exemplo, se um banco for avaliado com um SACP 'a-', será comparado a outros bancos com SACPs 'a', 'a-' e 'bbb+'.

21. Na análise final de comparação com pares, o índice de sustentabilidade de capital (tabela 10 e parágrafo 90) e o índice de *earnings buffer* (medida da capacidade de geração de ganhos para cobrir as perdas esperadas; veja a tabela 11 e os parágrafos 105-110) são as principais métricas de comparação. A combinação dessas métricas de rentabilidade significa que ganhos mais fortes do que a média são reconhecidos apenas quando um banco também mantém ou aumenta o capital.

22. O ICR indicativo é elevado em um degrau quando o banco:

- Está em uma transição positiva que reduza o risco ou melhore a qualidade de crédito, ainda não integralmente refletida no ICR indicativo; ou
- Está sujeito a tendências políticas, sociais, econômicas ou competitivas que fortaleçam sua qualidade de crédito; ou
- Apresenta desempenho superior de forma contínua e esperada entre seu grupo de pares com índices superiores e reflexivos do rating mais alto, a menos que já incorporado em outras partes da metodologia.

23. Um banco com avaliação de índice regulatório "em risco" (tabela 8) ou de liquidez "fraca" (tabela 16) não atenderia às condições para a elevação de um degrau detalhada no parágrafo 22.

24. O ICR indicativo é um degrau inferior quando o banco:

- Está em uma transição negativa que aumente o risco ou reduza a qualidade de crédito, que ainda não esteja totalmente refletida no ICR indicativo; ou
- Está sujeito a tendências políticas, sociais, econômicas ou competitivas que estejam enfraquecendo sua qualidade de crédito; ou
- Apresenta fraco desempenho entre seu grupo de pares, com índices compatíveis com o rating mais baixo.

## VII. METODOLOGIA: PERFIL DE CRÉDITO INDIVIDUAL

25. O risco econômico e o risco da indústria bancária representam a análise macro da qualidade de crédito de um banco, enquanto a posição de negócios, a avaliação de capital e rentabilidade, a posição de risco, e *funding* e liquidez representam a microanálise (consulte a metodologia BICRA).

26. Este critério de avaliação de bancos utiliza as classificações de risco econômico e de risco da indústria bancária do BICRA para determinar o SACP-âncora de um banco (tabela 2), o qual é o ponto de partida na atribuição de um ICR. O SACP-âncora é ajustado para cima ou para baixo na escala de ratings com base nos pontos fortes e fracos específicos de um banco, levando em consideração os seguintes fatores:

- Posição de negócios;
- Capital e rentabilidade;
- Posição de risco; e
- Funding e liquidez.

27. O critério exige um SACP para a maioria dos bancos que a Standard & Poor's avalia. Em alguns casos, a atribuição de um SACP não é significativa por conta do alto grau de integração operacional ou financeira de um banco com seu controlador ou com seu grupo. Nesses casos, o banco é economicamente um centro ou uma divisão de custos, embora legalmente possa ser uma entidade separada (consulte a “Metodologia de rating de grupo”, de 19 de novembro de 2013).

28. A análise descrita no parágrafo 26 resulta no SACP do banco, o qual representa um passo intermediário na avaliação de sua qualidade de crédito em geral. Esse SACP inclui o suporte do governo, conforme descrito no parágrafo 167, mas não inclui o suporte extraordinário.

### A. Risco econômico

29. O risco econômico é o primeiro fator na determinação do SACP. A mudança em uma classificação de risco econômico de um país pode resultar em uma mudança no SACP-âncora, no SACP ou nos ratings de um banco que opere naquele país.

30. A classificação de risco econômico do BICRA do país (ou países) onde um banco opera incorpora o risco econômico do banco. A classificação de risco econômico do BICRA varia do Grupo 1 (risco muito baixo) a Grupo 10 (risco extremamente alto).

31. O risco econômico leva em consideração a estabilidade e a estrutura da economia de um país, a flexibilidade de sua política econômica, os desequilíbrios reais ou potenciais, e o risco de crédito dos participantes econômicos – principalmente famílias e empresas. A metodologia BICRA visa identificar o potencial para desdobramentos econômicos adversos e a capacidade do sistema bancário de se ajustar a eles (consulte a metodologia BICRA).

32. Quando um banco tem operações em mais de um país, a classificação de risco econômico é calculada como a média ponderada das classificações de risco econômico – denominada risco econômico médio ponderado (tabela 1). A proporção de negócios de um banco em cada país que representa os seus principais riscos econômicos é usada para ponderar as classificações de risco econômico. A classificação de risco econômico deve refletir os riscos econômicos subjacentes do banco. O cálculo inclui apenas os países onde o banco realiza mais de 5% de seus negócios. Todas as ponderações são arredondadas para os 5% mais próximos antes do cálculo da média.

**TABELA 1****EXEMPLO HIPOTÉTICO DO RISCO ECONÔMICO MÉDIO PONDERADO DE UM BANCO**

| País                               | Ponderação (% do negócio) | Risco econômico* | Risco econômico ponderado |
|------------------------------------|---------------------------|------------------|---------------------------|
| França                             | 45                        | 2                | 0,9                       |
| EUA                                | 20                        | 4                | 0,8                       |
| Suécia                             | 15                        | 1                | 0,15                      |
| Índia                              | 10                        | 5                | 0,5                       |
| Japão                              | 10                        | 2                | 0,2                       |
| Média ponderada do risco econômico | --                        | --               | 2,55                      |

\*Em uma escala de 1-10, do risco mais baixo ao mais alto.

33. Para uma instituição de crédito, a média ponderada é calculada de acordo com a proporção de empréstimos em cada país. Quando as atividades de concessão de crédito são irrelevantes, outras métricas de riscos econômicos subjacentes determinam as ponderações. A análise baseia-se na composição geográfica da carteira de crédito de um banco ou da exposição ajustada utilizada na análise de capital ajustado pelo risco (consulte “Metodologia e premissas de avaliação de capital de bancos”, 6 de dezembro de 2010). São realizados ajustes de acordo com as prováveis alterações na distribuição geográfica de risco do banco – por exemplo, como resultado de aquisições em novos países.

34. Para bancos de investimentos, o país onde a instituição é sediada determina sua classificação de risco econômico. As atividades de *investment banking* incluem subscrição de títulos de dívida e de ações, consultoria em fusões & aquisições (F&A), sales & trading, investimentos de principal, e trading proprietário.

35. Além disso, os encargos de capital na metodologia de capital ajustado pelo risco (RACF, *risk-adjusted capital framework*) – o critério da Standard & Poor’s para a avaliação do capital de um banco – são calculados com base na classificação do risco econômico do respectivo país. Ponderações de risco mais altas são aplicadas às mesmas exposições em países com classificação mais alta de risco econômico (parágrafo 74).

## B. Risco da indústria

36. O risco da indústria é o segundo fator na determinação do SACP de um banco, e uma alteração na classificação de risco da indústria bancária de um país pode resultar em uma mudança no SACP-âncora, no SACP ou no rating do banco.

37. O risco da indústria de um banco é determinado com base na classificação de risco da indústria bancária do BICRA do país onde a instituição é domiciliada e regulada. A classificação de risco da indústria do BICRA varia do Grupo 1 (risco muito baixo) a Grupo 10 (risco extremamente alto).

38. A classificação do risco da indústria avalia três aspectos estruturais da indústria bancária de um país: (1) o arcabouço institucional ou a qualidade e a eficácia da regulação bancária e o histórico das autoridades na gestão de crises do setor financeiro; (2) as dinâmicas competitivas ou o cenário e desempenho competitivo, produtos e práticas financeiros, e o papel das instituições financeiras não bancárias; e (3) a captação de recursos (*funding*) por intermédio dos mercados de capitais ou do governo, incluindo o papel do banco central e do governo.

39. No âmbito da análise do risco da indústria, as dinâmicas competitivas determinam o grau de utilização de produtos complexos, incluindo derivativos financeiros. O uso agressivo de produtos complexos e derivativos contribui para um maior risco da indústria bancária; a ausência de produtos complexos e derivativos sustenta uma avaliação de risco da indústria bancária mais baixa.

40. Como o risco da indústria bancária trata da gama e da solidez das opções de funding disponíveis para os bancos em um país, incluindo o papel do banco central e do governo, o SACP inclui elementos de suporte extraordinário do governo (parágrafo 167).

41. Ao contrário do risco econômico, o risco da indústria bancária não é calculado como a média ponderada quando o banco opera em mais de um país. A principal razão para isso é a importância da estrutura regulatória doméstica do banco.

### C. O SACP-âncora: Combinando o risco econômico e o risco da indústria

42. O risco econômico e o risco da indústria bancária ancoram a qualidade de crédito de um banco em seu ambiente operacional. Especificamente, as classificações de risco econômico e risco da indústria do banco estão associadas a um SACP-âncora específico (tabela 2). O SACP-âncora constitui uma classificação relativa da qualidade de crédito globalmente consistente entre mercados bancários nacionais, variando de ‘a’, de menor risco, até ‘b’, de maior risco.

**TABELA 2**

**DETERMINANDO O SACP-ÂNCORA A PARTIR DO RISCO ECONÔMICO E RISCO DA INDÚSTRIA BANCÁRIA**

| Risco da indústria* | Risco econômico* |      |      |      |      |      |      |     |     |    |
|---------------------|------------------|------|------|------|------|------|------|-----|-----|----|
|                     | 1                | 2    | 3    | 4    | 5    | 6    | 7    | 8   | 9   | 10 |
| 1                   | a                | a    | a-   | bbb+ | bbb+ | bbb  |      |     |     |    |
| 2                   | a                | a-   | a-   | bbb+ | bbb  | bbb  | bbb- |     |     |    |
| 3                   | a-               | a-   | bbb+ | bbb+ | bbb  | bbb- | bbb- | bb+ |     |    |
| 4                   | bbb+             | bbb+ | bbb+ | bbb  | bbb  | bbb- | bb+  | bb  | bb  |    |
| 5                   | bbb+             | bbb  | bbb  | bbb  | bbb- | bbb- | bb+  | bb  | bb- | b+ |
| 6                   | bbb              | bbb  | bbb- | bbb- | bbb- | bb+  | bb   | bb  | bb- | b+ |
| 7                   |                  | bbb- | bbb- | bb+  | bb+  | bb   | bb   | bb- | b+  | b+ |
| 8                   |                  |      | bb+  | bb   | bb   | bb   | bb-  | bb- | b+  | b  |
| 9                   |                  |      |      | bb   | bb-  | bb-  | b+   | b+  | b+  | b  |
| 10                  |                  |      |      |      | b+   | b+   | b+   | b   | b   | b- |

\*Em uma escala de 1-10, do risco mais baixo ao mais alto, com as classificações de risco econômico e do risco da indústria bancária arredondadas para o número inteiro mais próximo antes da aplicação da tabela.

SACP (Stand-alone credit profile) - Perfil de crédito individual.

43. O nível ‘a’ – o SACP-âncora mais forte – reflete a volatilidade do sistema bancário, mesmo nos mercados mais sólidos. Ao incorporar essa noção de volatilidade ao SACP-âncora, o critério visa assegurar que as lições da crise econômica após 2007 não serão esquecidas à medida que as economias nacionais se recuperam e outro período de condições favoráveis leve ao crescimento e a lucros bancários atraentes. Os bancos provavelmente continuarão respondendo de forma mais severa a choques econômicos antes vistos como moderados, por serem sensíveis à confiança e muitas vezes apresentarem alavancagem alta. [1] Reconhecendo a estabilidade de crédito como uma questão fundamental para os ratings, a Standard & Poor’s não atribui um ICR de longo prazo de ‘AA’ caso seja provável um rebaixamento a um nível inferior a ‘A’ dentro de um ano em condições de estresse moderado. Da mesma forma, a Standard & Poor’s não atribuiria um rating ‘A’ se for provável um rebaixamento a um nível abaixo de ‘BB’ dentro de um ano nas mesmas condições de estresse (consulte “Critérios de estabilidade de crédito”, 3 de maio de 2010). As crises bancárias observadas ao longo da história mostram de forma significativa que os SACP’s de muitos bancos importantes nos mercados desenvolvidos teriam ficado abaixo de ‘a’ com base neste critério de avaliação de bancos. Portanto, mesmo em países que oferecem o ambiente mais favorável, o critério estabelece o SACP-âncora máximo ‘a’.



44. Crises bancárias em série ao longo da história demonstram que os depositantes e investidores podem perder a confiança rapidamente – levando instituições financeiras à falência, a resgates (*bailout*) por parte do governo, e ao crescimento econômico fraco, como Reinhart e Rogoff descrevem em seu livro “*This Time is Different: Eight Centuries of Financial Folly*”. A sensibilidade à confiança e a alavancagem em um sistema bancário podem levar a um estresse moderado a uma recessão mais severa e prolongada.

45. O estudo empírico de Reinhart e Rogoff de crises bancárias em 66 países entre 1800 e 2008 mostra que estas são comuns em economias avançadas e em desenvolvimento. Por exemplo, desde 1800, houve 13 crises bancárias nos EUA, 12 no Reino Unido e 15 na França. Esse padrão de altos e baixos no setor bancário e de suporte do governo provavelmente se repetirá de alguma forma, independentemente das reações políticas recentes e emergentes dos governos. Novas leis aprovadas após as crises anteriores, como o seguro de depósitos, nem sempre impediram crises posteriores. As crises bancárias provavelmente ocorrerão novamente.

46. Além disso, em resposta à recente crise financeira, várias autoridades de supervisão concluíram que os bancos estavam descapitalizados até 2007. Muitos estudos, incluindo os da U.S. Financial Crisis Inquiry Commission, da Swiss Commission of Experts e da U.K.’s Independent Commission on Banking, indicam que os padrões de capital precisam ser elevados substancialmente para lidar com a natureza alavancada e interligada dos bancos em todo o mundo. A análise da Standard & Poor’s mostra que, apesar dos esforços dos bancos para melhorar os níveis de capital, a alavancagem continuou elevada em 2011. Por exemplo, o relatório final da Swiss Commission of Experts para limitar os riscos econômicos apresentados por grandes empresas concluiu que o nível adequado de capital para instituições “grandes demais para falir” (“too big to fail”) é de 19%, constituído por 10% de ações ordinárias e de 9% de títulos contingentes conversíveis.[2] Da mesma forma, a Comissão Bancária Independente do Reino Unido recomendou recente que os grandes grupos bancários do Reino Unido disponham de uma “capacidade mínima de absorção de perdas de 17%-20%”. [3]

47. O SACP-âncora integra a realidade de que o capital geralmente não é um ponto forte do rating e que os serviços bancários são um negócio essencial, ainda que volátil. Os bancos desempenham um papel importante nas economias nacionais por converterem depósitos de curto prazo em empréstimos de longo prazo. O pagamento de juros aos depositantes protege o valor que estes mantêm em poupança contra a inflação, e a concessão de empréstimos a governos e ao setor privado estimula o investimento e o crescimento. Ao operar com alavancagem cada vez mais alta – tomando mais empréstimos dos poupadores e dos mercados de capitais de dívida – os bancos podem conceder mais crédito, o que se traduz em maior crescimento econômico. Para que suas posições de negócios de alta alavancagem funcionem, os bancos dependem da confiança contínua dos depositantes e investidores em sua qualidade de crédito para rolares depósitos a vencer e refinar dividas vencidas. Além disso, os governos visam reforçar essa confiança por meio de regulação e supervisão para proteger o crescimento econômico.

## **D. Análise específica a bancos: Ajustando o SACP-âncora**

48. Após a determinação do SACP-âncora, o critério considera cada fator de classificação específico ao banco em seu SACP – em outras palavras, uma análise das características individuais de um banco. A avaliação de cada fator pode elevar ou reduzir o SACP-âncora em um ou mais degraus – ou não ter nenhum efeito em alguns casos (tabela 3). Essas conclusões são expressas por meio de classificações e descritores específicos. Essas classificações e descritores, por sua vez, determinam o número de degraus a ser aplicado ao SACP-âncora a fim de determinar o nível de SACP de um banco em particular.

**TABELA 3**  
**UTILIZANDO A ANÁLISE ESPECÍFICA DE UM BANCO PARA DETERMINAR O SACP**

| Fator de Rating/Classificação (Ranking)  |                    | Ajuste do SACP-âncora |                 |
|--|--------------------|-----------------------|-----------------|
| Posição de negócios (Seção E.)   |                    |                       |                 |
| Muito forte  | +2 degraus         |                       |                 |
| Forte  | +1 degrau          |                       |                 |
| Adequada   | 0 degrau           |                       |                 |
| Moderada   | -1 degrau          |                       |                 |
| Fraca  | -2 a -3 degraus    |                       |                 |
| Muito fraca  | -5 degraus         |                       |                 |
| Capital e rentabilidade* (Seção F.)  |                    |                       |                 |
| Âncora   | 'bbb-' ou superior | 'bb+' a 'bb-'         | Abaixo de 'bb-' |
| Muito forte  | +2 degraus         | +2 degraus            | +2 degraus      |
| Forte  | +1 grau            | +1 grau               | +2 degraus      |
| Adequada   | 0 degrau           | 0 degrau              | +1 grau         |
| Moderada   | -1 grau            | 0 degrau              | 0 degrau        |
| Fraca  | -2 a -3 degraus    | -1 grau               | 0 degrau        |
| Muito fraca  | -5 degraus         | -2 degraus            | -1 a -2 degraus |
| Posição de risco (Seção G.)  |                    |                       |                 |
| Muito Forte  | +2 degraus         |                       |                 |
| Forte  | +1 grau            |                       |                 |
| Adequada   | 0 degrau           |                       |                 |
| Moderada   | -1 degraus         |                       |                 |
| Fraca  | -2 degraus         |                       |                 |
| Muito fraca  | -5 degraus         |                       |                 |
| Funding e liquidez (seção H): Consulte a matriz de <i>funding</i> e liquidez (tabela 17)   |                    |                       |                 |
| *O limite do SACP é 'bb+' quando o capital regulatório é classificado 'em risco', 'ccc+' quando está 'sujeito à tolerância regulatória' (regulatory forbearance), e 'cc' quando 'insolvente'. SACP (Stand-alone credit profile): Perfil de crédito individual. |                    |                       |                 |

### 1. Análise comparativa e revisão dos pares (peer review)

49. O principal objetivo da análise comparativa e da revisão dos pares é contextualizar a avaliação dos fatores de rating específicos a um banco e determinar o ICR.

50. A análise comparativa, a qual toma formas ligeiramente diferentes para cada fator de rating de SACP (tabela 4), ajuda a desenvolver a análise específica de um banco. Em alguns casos, a análise é relativa, e, em outros, é absoluta. Especificamente, as análises de posição de negócios, posição de risco e funding são todas relativas, enquanto as análises de capital e rentabilidade e de liquidez são absolutas.

51. Um banco é geralmente comparado a todos os bancos de seu país de origem.

52. Uma vez determinado o ICR indicativo, o critério também utiliza uma revisão final dos pares para definir o ICR (parágrafos 19-24). Nesse contexto, o grupo de pares são bancos com um SACP similar, ou seja, igual ou um degrau superior ou inferior (parágrafo 20).

**TABELA 4****FOCO DA ANÁLISE COMPARATIVA PARA CADA FATOR DE RATING DO SACP**

| Fator de rating do SACP | Grupo comparativo   | Diretriz  |
|-------------------------|---|---|
| Posição de negócios     | Bancos com risco da indústria bancária similar*                             | A análise comparativa da posição de negócios abrange todos os bancos com classificação similar de risco da indústria bancária. Um banco é geralmente comparado com todos os bancos de seu país de origem.   |
| Capital e rentabilidade | Todos os bancos globalmente   | A análise comparativa de capital e rentabilidade engloba todos os bancos. Métricas globalmente consistentes são utilizadas como métricas absolutas a serem usadas como parâmetro ( <i>benchmark</i> ) para medir o desempenho da avaliação de capital e rentabilidade.  |
| Posição de risco        | Bancos com risco econômico e mix de produtos similares*                     | A análise comparativa respalda as conclusões mais qualitativas sobre a posição de risco com as premissas de riscos mais quantitativas na análise do capital e rentabilidade para determinar se ambas as premissas são apropriadas para o banco. O histórico de perdas de um banco e as expectativas de perda da Standard & Poor's que são inferiores à média implicam menor risco. Em contraste, maiores perdas comparativas implicam maior risco. A análise comparativa da posição de risco abrange todos os bancos com classificação de risco econômico e <i>mix</i> de produtos similares. |
| Funding e liquidez      | Funding: todos os bancos de um país / Liquidez: todos os bancos globalmente | A análise comparativa de <i>funding</i> abrange todos os bancos de um país. Especificamente, os bancos são comparados com a média da indústria doméstica, de modo que essa avaliação de <i>funding</i> permanece consistente com a avaliação de <i>funding</i> do BICRA. O subfator de liquidez baseia-se nos índices de liquidez de um banco e na dependência do <i>funding</i> proveniente do banco central para fazer uma comparação com os bancos nacionais e internacionais. Dessa forma, a análise comparativa da liquidez engloba todos os bancos.                                     |

\*Quando não há bancos domésticos suficientes ou quando existem muitas semelhanças entre as indústrias bancárias nacionais, a comparação pode incluir bancos internacionais. A qualidade de crédito relativa entre o risco da indústria bancária e o risco econômico é determinada com base no critério do BICRA (*Banking Industry Country Risk Assessment*). Um banco é comparado com os bancos dentro de uma categoria das classificações de risco da indústria bancária e do econômico do BICRA.  
SACP (*Stand-alone credit profile*): Perfil de crédito individual.

**E. Posição de negócios**

53. A posição de negócios, o terceiro fator de rating do SACP, reflete a solidez das operações de negócios de um banco. A posição de negócios é a combinação de aspectos específicos dos negócios do banco que aumentam ou mitigam a classificação de risco da indústria bancária. O critério agrupa esses aspectos em três subfatores: estabilidade, concentração ou diversidade dos negócios, e administração e estratégia corporativa. A solidez relativa é avaliada com base em uma série de indicadores (tabela 5). Quando relevantes e se disponíveis, são utilizadas as métricas quantitativas; no entanto, grande parte da avaliação é qualitativa.

**TABELA 5**  
**SUBFATORES E INDICADORES DA POSIÇÃO DE NEGÓCIOS**

| Subfatores  | Explicação  | Indicadores  |
|---|---|--|
| Estabilidade do negócio (parágrafos 57-61)  | A estabilidade ou fragilidade da franquia de um banco             | Estabilidade das receitas, participação de mercado e base de clientes  |
| Concentração ou diversidade (parágrafos 62-67)  | A concentração ou diversificação das atividades de negócios       | Contribuições de diferentes linhas de negócio e cobertura geográfica em relação à receita em geral                 |
| Administração e estratégia corporativa (parágrafos 68-72)   | A qualidade da administração, estratégia e governança corporativa | Posicionamento estratégico, eficácia operacional, administração financeira e políticas de governança e financeiras |
| Para ajustar a âncora de acordo com a posição de negócios, consulte a tabela 3, “Utilizando a análise específica de um banco para determinar o SACP”. |   |  |

54. Para cada banco, a solidez de sua posição de negócios é classificada utilizando um dos seis descritores-padrão (tabela 6), com base nas conclusões sobre sua solidez em relação à análise comparativa descrita na tabela 4.

55. Embora os três subfatores sejam avaliados de forma independente, é importante entender como um pode reforçar ou enfraquecer o outro. A avaliação não é uma simples soma de métricas dos três subfatores. Por exemplo, se a concentração de receitas de uma única região ou de uma única linha de negócios levar a uma visão ainda mais negativa de uma avaliação de estabilidade de negócios fraca, resultará em uma classificação muito fraca. Além disso, as áreas mais fortes não compensam as áreas mais fracas automaticamente nem “estabelecem uma média” destas. Em vez disso, o foco é identificar riscos e determinar se estes contribuem para aumentar ou reduzir o risco geral.

**TABELA 6**  
**AValiação DA POSIÇÃO DE NEGÓCIOS**

| Qualificador   | Significado  | Diretriz   |
|--|--|--|
| Muito forte  | As operações de negócios de um banco o tornam mais bem posicionado para enfrentar condições operacionais adversas do que indicado na classificação de risco da indústria bancária. | Uma combinação de pontos fortes nos três subfatores da posição de negócios – estabilidade, concentração ou diversidade de negócios, administração e estratégia corporativa – compensam qualquer ponto fraco; e |
| O negócio é, em geral, muito mais forte do que outros bancos fortes, com classificação similar de risco da indústria bancária; e<br>O banco não solicitou suporte direto do governo na última crise financeira, quando outros bancos o fizeram.  |  |  |
| Forte  | As operações de negócios de um banco o tornam de certa forma menos vulnerável a condições operacionais adversas do que indica a classificação de risco da indústria bancária.      | Os pontos fortes compensam claramente qualquer ponto fraco; e  |
| Em geral, o negócio é mais forte do que outros bancos com classificação similar de risco da indústria bancária; e<br>Se o banco recebeu suporte direto do governo na última crise financeira, a nova administração executou os elementos mais substanciais do plano de reestruturação associado. |  |  |
| Adequado   | As operações de negócios de um banco são representativas da classificação de risco da indústria bancária.  | Nem os pontos fortes nem os fracos compensam uns aos outros;   |

**TABELA 6****AVALIAÇÃO DA POSIÇÃO DE NEGÓCIOS. CONT.**

| <b>Qualificador</b>   | <b>Significado</b>  | <b>Diretriz</b>  |
|---|---|--|
| <p>Um único ponto fraco em uma categoria, que não domina a avaliação, pode ser compensado pelos pontos fortes; e</p> <p>Em geral, o negócio é representativo da média para outros bancos com classificação similar de risco da indústria bancária.</p> <p>Moderado</p>  | <p>As operações de negócios de um banco o tornam mais vulnerável a condições operacionais adversas do que indica a classificação de risco da indústria bancária.</p>                              | <p>Os pontos fracos claramente compensam quaisquer pontos fortes; ou</p>   |
| <p>Em geral, o negócio é menos favorável do que o de outros bancos com classificação similar de risco da indústria bancária.</p> <p>Fraco*</p>  | <p>As operações de negócios de um banco o tornam significativamente mais vulnerável a condições operacionais adversas do que indica a classificação de risco da indústria bancária.</p>           | <p>Uma combinação dos pontos fracos entre os três subfatores compensa quaisquer pontos fortes; ou</p>                          |
| <p>Há um único ponto fraco predominante em um dos três subfatores; e</p> <p>Em geral, o negócio é mais fraco do que o de outros bancos com classificação similar de risco da indústria bancária.</p> <p>Muito fraco</p>   | <p>A classificação de risco da indústria bancária não é representativa da vulnerabilidade do banco a condições operacionais adversas. (Esta categoria aplica-se apenas a casos excepcionais.)</p> | <p>O grau de pontos fracos específicos ao banco se sobrepõe a qualquer potencial ponto forte da indústria em que opera; ou</p> |
| <p>As operações de negócios do banco são substancialmente mais arriscadas do que as de outros bancos com classificação similar de risco da indústria bancária.</p> <p>*O impacto no SACP é a dedução de dois ou três degraus. Três degraus só se aplicam a indústrias fragmentadas, com um grande número de bancos de pequeno porte, nas quais todos apresentam risco da indústria bancária mais fraco do que a média. Deduzir dois ou três degraus do SACP para uma classificação fraca ajuda a diferenciar ainda mais esses bancos.</p> |   |  |

56. Uma posição de negócios “adequada” significa que a classificação do risco da indústria bancária incorpora adequadamente o risco das atividades de negócios de um banco. Em outras palavras, quando comparado a bancos com uma classificação similar de risco da indústria bancária, as atividades de negócios de um banco representam um risco médio. Uma avaliação “muito forte” ou “forte” significa que as atividades de negócios de um banco são menos arriscadas do que a média. Uma avaliação “moderada”, “fraca” ou “muito fraca” indica que as atividades de negócios de um banco são mais arriscadas do que a média. Cada descritor determina o ajuste, em degraus, no SACP-âncora (tabela 3).

## 1. Estabilidade de negócios

57. A estabilidade de negócios é o primeiro subfator na avaliação da posição de negócios, consistindo na previsibilidade da continuidade do volume de negócios diante de flutuações econômicas e de mercado. Isso é importante porque a deterioração da confiança que um banco pode sofrer durante períodos de turbulência de mercado o expõe à possibilidade de risco de default repentino. Os clientes e contrapartes podem deixar a instituição, e o acesso a liquidez no mercado de capitais pode acabar. Uma posição de negócios que incorpore esse risco de default repentino é inconsistente com um SACP na categoria 'a'.

58. Uma lição importante da crise bancária que teve início em 2007 foi que diferenças na estabilidade da franquia e na sensibilidade à confiança afetam a qualidade de crédito de forma considerável. As instituições financeiras com operações de trading relevantes – particularmente em derivativos – são sensíveis à deterioração da confiança. Um banco cujas receitas são altamente imunes a uma desaceleração econômica ou a um período de turbulência no mercado está associado à estabilidade de negócios mais forte. Por outro lado, um banco cujas receitas são suscetíveis à volatilidade significativa durante condições moderadamente adversas está associado à estabilidade de negócios mais fraca.

59. O critério utiliza indicadores de estabilidade da receita, participação de mercado, e base de clientes para comparar a estabilidade de negócios de um banco com a de bancos domésticos e bancos com uma classificação similar do risco da indústria em outros países. A análise comparativa concentra-se na contribuição subjacente das linhas de negócios em relação às receitas e à rentabilidade total, bem como nas estimativas da Standard & Poor's para a sua contribuição futura. As linhas de negócios com receitas de prestação de serviços e receita líquida de intermediação financeira recorrentes com um forte aspecto de anuidade são mais estáveis. Em contraste, as fontes de receitas a seguir são menos estáveis:

- Receitas de trading, incluindo receitas de intermediação financeira de atividades de trading;
- Receita líquida de intermediação financeira proveniente de descasamentos acima da média entre ativos e passivos;
- Outras receitas sensíveis a mercado; e
- Receitas de prestação de serviços derivadas de financiamentos off balance (não contabilizados no balanço patrimonial).

60. A estabilidade de negócios dá suporte a uma posição de negócios adequada ou mais forte se o banco apresenta duas ou mais das seguintes características:

- Sua base de clientes é comprovadamente estável, isto é, suas relações com os clientes são duradouras, e estes são responsáveis por uma alta porcentagem das receitas. Há fortes evidências de que os clientes provavelmente permanecerão com o banco durante um estresse financeiro;
- As receitas são menos sensíveis às percepções do mercado quanto à qualidade de crédito;
- Muitos contratos com clientes e contrapartes possuem termos contratuais favoráveis, tais como gatilhos ou eventos de rescisão relacionados a crédito; e
- O banco é menos dependente de preços do que a indústria para reter clientes.

61. Há potencial instabilidade das linhas de negócios, podendo levar a uma posição de negócios moderada ou mais fraca se o banco apresentar duas ou mais das seguintes características:

- Os clientes podem facilmente transferir seus negócios para outras instituições. Não há evidências de que os clientes provavelmente permanecerão com o banco durante um estresse financeiro. O relacionamento entre os clientes e o banco baseia-se em uma série de transações únicas (*one-off*) abertas a cotações de mercado;
- Há pouco ou nenhum relacionamento direto entre o cliente final e o banco. Um banco depende de terceiros para fornecer volumes de negócios;
- As receitas de prestação de serviços ou de intermediação financeira provenientes de relacionamentos duradouros com clientes representam uma porcentagem menor das receitas do que a média da indústria;
- As receitas são mais sensíveis às percepções de mercado quanto à qualidade de crédito do que para a indústria;
- O banco depende mais dos preços para atrair e reter clientes do que a indústria; e
- Condições contratuais desfavoráveis, tais como cláusulas contratuais restritivas (*covenants*), gatilhos (*triggers*) de crédito e exigências de garantia mais severas do que para bancos com classificação similar do risco da indústria que realizam os mesmos tipos de operações.

## 2. Concentração e diversidade das atividades de negócios

62. A concentração e diversidade é o segundo subfator da avaliação da posição de negócios. A concentração e a diversidade das atividades de negócios são mensuradas pelas contribuições das diferentes linhas de negócios e da cobertura geográfica das receitas de um banco comparado a bancos com classificação similar de risco da indústria bancária. Entidades com uma ampla variação de atividades de negócios apresentam risco mais baixo, enquanto aquelas com um mix mais restrito são de maior risco. A concentração de atividades de negócios pode mitigar parcialmente muitos dos pontos fortes na avaliação da posição de negócios.

63. A concentração de volumes de negócios ou de receitas pode levar a receitas menos estáveis e previsíveis, o que enfraquece a posição de negócios. Por outro lado, a diversificação bem sucedida pode levar a receitas mais estáveis e previsíveis. Uma diversificação bem sucedida significa que a rentabilidade de um banco era mais forte do que a da indústria durante a última desaceleração no mercado doméstico e, desde então, a administração não aumentou a exposição do banco ou seu apetite ao risco de forma substancial.

64. O critério trata um banco como mais concentrado do que a média da indústria quando este possui uma gama de produtos ou abrangência geográfica mais limitadas, em particular para um banco com concentrações regionais, de produto ou de clientes significativas. Ainda que seja em uma região, produto ou segmento de cliente atrativo, a concentração pode ser um ponto fraco. A presença regional deve ser considerada no contexto da dimensão da economia local ou regional. Por exemplo, o foco no estado norte-americano do Texas é muito diferente, e muito menos concentrado, do que um foco em um cantão suíço.

65. A diversificação de negócios pode ser tanto um ponto forte quanto um fraco na posição de negócios de um banco. Uma diversificação bem sucedida e contínua respalda uma posição de negócios mais forte. Essa diversificação de negócios é muitas vezes internacional, sendo amparada por evidências de que o banco é em geral menos suscetível à volatilidade nas condições econômicas e de negócios domésticas do que a média dos bancos na indústria doméstica. Uma diversificação fraca piora a posição de negócios geral. Por exemplo, um banco enfraquecerá sua posição de negócios em geral se começar a oferecer novos produtos e a operar em países onde sua expertise é limitada e não possui massa crítica para ser um competidor real para os líderes de mercado estabelecidos. O ponto fraco é maior quando os novos produtos ou mercados apresentam mais riscos do que os negócios principais tradicionais.

66. As aquisições podem aumentar o risco de concentração se os ativos adquiridos forem similares aos existentes na carteira do banco e, em particular, quando o banco não aumenta o capital ajustado pelo risco em linha com os ativos e riscos.

67. Outras partes da metodologia também consideram a concentração, mas de forma distinta. Por exemplo, as correlações entre as exposições de risco são analisadas na avaliação da posição de risco (tabelas 12-14 e parágrafos 118-121), e as concentrações nas fontes de funding são abordadas na seção de funding e liquidez (parágrafos 144-145).

## 3. Administração e estratégia

68. O subfator final na avaliação da posição de negócios, administração e estratégia, considera a capacidade da administração para executar planos operacionais de forma consistente, a direção estratégica do banco, o apetite ao risco da administração, e o controle acionário e a governança da instituição. A competência estratégica da administração, a gestão de riscos e a eficácia operacional moldam a competitividade de um banco no mercado e sua condição financeira (veja mais detalhes na seção “IX: Metodologia: Gestão integrada de riscos”).

69. Essa avaliação é qualitativa, mas o desempenho passado e as metas prospectivas fornecem alguns padrões objetivos. A análise também é relativa. A posição de negócios de um banco é comparada àquela dos bancos com classificação similar de risco da indústria bancária. Se a administração desempenha um papel positivo na determinação do êxito operacional de um banco, é mais provável que seja capaz de gerir importantes riscos estratégicos e operacionais no futuro. Alternativamente, uma administração fraca com uma estratégia operacional ineficaz ou incapacidade de executar seu plano de negócios efetivamente aumenta o risco.

70. A administração e estratégia dão suporte a uma posição de negócios adequada ou mais forte quando:

- O apetite ao risco do banco é mais prudente e conservador do que a média da indústria. A administração tem apresentado capacidade de execução e possui uma equipe estável. Há um histórico de evitar erros estratégicos de outros bancos;
- Os retornos têm sido, e provavelmente continuarão sendo, menos voláteis do que a média da indústria. Tanto as metas de remuneração quanto as financeiras concentram-se no valor de longo prazo de todas as partes interessadas (incluindo credores); e
- Conselheiros independentes têm forte influência e um robusto sistema de pesos e contrapesos (*checks and balances*) na tomada de decisões.

71. A avaliação da administração e estratégia pode levar a uma posição de negócios moderada ou mais fraca se:

- O apetite ao risco, as estratégias, as metas financeiras – como o retorno sobre o patrimônio (ROE, *return on equity*) e o crescimento do lucro por ação (EPS, *earnings per share*) – e as estratégias de aquisição da administração são mais agressivos do que os da média da indústria;
- O banco reporta consistentemente um índice de ROE superior ao do setor ou à média do país, particularmente em um período de expansão;
- Os padrões de governança são negativamente comparáveis à média da indústria (veja os parágrafos 42-52 da “Metodologia: Fatores de créditos relativos à administração e governança para entidades corporativas e seguradoras”, de 13 de novembro de 2012);
- A entidade depende de serviços contínuos de indivíduos-chave ou de equipes pequenas;
- A organização opera com estruturas corporativas, legais ou fiscais mais complexas;
- Estruturas de remuneração estimulam a realização de lucros de curto prazo;
- Há rotatividade não planejada da administração em posições seniores-chave; e
- O banco realizou aquisições a preços que refletem um prêmio em relação ao valor contábil tangível, aos lucros projetados, ou depósitos de clientes adquiridos, em comparação aos preços pagos por operações recentes de tamanho e natureza comparáveis.

72. Embora essa avaliação seja em geral qualitativa, é baseada em dados históricos sobre o desempenho passado e indicadores prospectivos da atitude da administração e dos controladores em relação a risco, incluindo metas financeiras como crescimento do ROE e do EPS, bem como estruturas de remuneração, pacotes de incentivos da administração, e declarações de apetite ao risco. Um estudo do ROE reportado em relação ao ROE médio para o setor ou país pode ser um indicador bruto do apetite ao risco. Um desempenho consistentemente superior em relação ao ROE médio do setor ou país, particularmente durante um período de expansão, pode indicar maior risco da administração e estratégia.

## **F. Capital e rentabilidade**

73. A avaliação de capital e rentabilidade, o quarto fator de rating do SACP, mensura a capacidade de um banco de absorver perdas. Essa capacidade fornece proteção a credores seniores enquanto o banco mantém suas operações em funcionamento (*going concern*). A análise do capital e rentabilidade compreende quatro etapas: avaliação das exigências regulatórias, níveis futuros de capital ajustado pelo risco (RAC - *risk-adjusted capital*), qualidade do capital e rentabilidade, e capacidade de geração de receitas. O índice de RAC projetado é a métrica mais importante, embora possa haver outros indicadores de capital.

74. O índice de RAC compara o capital de um banco em relação aos seus ativos ponderados pelo risco (*RWAs, risk-weighted assets*). Especificamente, o critério utiliza um indicador globalmente consistente de capital, o capital total ajustado (TAC, *total adjusted capital*) e os ativos ponderados pelo risco da Standard & Poor's (veja uma explicação completa na “Metodologia e premissas de avaliação de capital de bancos”, de 6 de dezembro de 2010). Para determinar os ativos ponderados pelo risco de um banco, as ponderações de risco especificadas são aplicadas às várias exposições da entidade.



75. O critério para esse fator mensura o grau pelo qual o capital e a rentabilidade de um banco cobririam as perdas estimadas que surgiriam após um estresse econômico substancial para um país desenvolvido. Ao incorporar a rentabilidade com base na capacidade do banco de absorver perdas e constituir capital, o critério considera a rentabilidade como um componente da análise de capital em vez de um fator de rating separado. Em teoria, a precificação dos produtos de um banco inclui uma margem suficiente para cobrir perdas esperadas em seus ativos, o que proporciona capital para proteção contra perdas inesperadas.

76. O primeiro passo para analisar o capital e a rentabilidade é observar o desempenho do banco em relação às exigências regulatórias. O cumprimento dessas exigências é um pré-requisito para a continuidade de suas operações. Qualquer ponto fraco aqui seria um fator primordial que limita o SACP (seção F.1).

77. O segundo passo é utilizar o índice de RAC projetado para formar uma opinião do capital futuro de um banco, desde que seu desempenho em relação às medidas regulatórias seja adequado ou superior. Este critério introduz padrões sobre como interpretar o índice de RAC projetado. Como a retenção de lucros é a principal forma de o banco constituir ou preservar capital, o índice de RAC projetado está alinhado ao índice de sustentabilidade de capital (parágrafo 90 e tabela 10). Esse índice considera o equilíbrio de um banco entre o crescimento, que enfraquece o capital, e o acúmulo de capital por meio de lucros retidos (seção F.2).

78. Em terceiro lugar, o critério avalia a qualidade do capital e da rentabilidade, considerando a composição e a tendência do TAC, e a estabilidade e previsibilidade da rentabilidade. Quando o índice RAC projetado encontra-se na extremidade superior de uma faixa de classificação, o capital de alta qualidade pode elevar a avaliação de capital e rentabilidade a uma categoria mais forte. Por outro lado, quando o índice de RAC projetado enquadra-se na camada inferior de uma faixa, a qualidade mais fraca do capital ou da rentabilidade pode levar a avaliação a uma categoria mais fraca (seção F.3).

79. Por fim, o critério avalia a capacidade de geração de receitas, a primeira linha de defesa contra perdas e a principal forma que um banco constitui ou mantém capital. O earnings buffer (parágrafos 105-110 e tabela 11) é uma métrica que calcula a capacidade de a rentabilidade absorver “perdas normalizadas” ao longo do ciclo de crédito. O *earnings buffer* de um banco pode ser positivo ou negativo. Quando o *earnings buffer* do banco é negativo, a rentabilidade não é suficiente para cobrir perdas normalizadas. O *earnings buffer* ajuda a identificar instituições com desempenho consistentemente superior e inferior ao definir o ICR final (parágrafos 19-24 e seção F.4).

80. As métricas relevantes são combinadas em uma classificação de capital e rentabilidade em uma escala de seis pontos (tabela 7).

**TABELA 7****AVALIAÇÃO DE CAPITAL E RENTABILIDADE**

| <b>Descritor</b>  | <b>Significado</b>  | <b>Diretriz†§</b>  |
|---|---|--|
| Muito forte   | O capital e a rentabilidade são suficientes para suportar um estresse extremo, conforme definido nas premissas de risco utilizadas na metodologia RACF. | O índice RAC projetado é e permanecerá superior a 15%, e o <i>earnings</i> buffer é positivo.* |
| Capital ou rentabilidade de baixa qualidade podem reduzir uma avaliação próxima ao limite mínimo de muito forte para forte.   |   |  |
| Forte   | O capital e a rentabilidade são capazes de suportar um estresse severo, conforme definido nas premissas de risco usadas na metodologia RACF.            | O índice RAC projetado é e permanecerá superior a 10% e inferior a 15%.*                       |
| Um capital de alta qualidade pode elevar uma avaliação próxima aos limites de forte para muito forte, e um capital ou rentabilidade de baixa qualidade pode reduzi-la para adequada.†   |   |  |
| Adequada  | O capital e a rentabilidade são capazes de suportar um estresse substancial, conforme definido pelas premissas de risco utilizadas na metodologia RACF. | O índice RAC projetado é e permanecerá superior a 7% e inferior a 10%.*                        |
| Capital de alta qualidade pode aumentar uma avaliação próxima aos limites de adequada para forte, e capital ou rentabilidade de baixa qualidade pode reduzi-la para moderada.†          |   |  |
| Moderada  | O capital e a rentabilidade são capazes de suportar um estresse moderado, conforme definido nas premissas de risco utilizadas na metodologia RACF.      | O índice RAC projetado é e permanecerá superior a 5% e inferior a 7%. *                        |
| Um capital de alta qualidade pode elevar uma avaliação próxima aos limites de moderada para adequada, e um capital ou rentabilidade de baixa qualidade pode reduzi-la para fraca.†      |   |  |
| Fraca   | O capital e a rentabilidade são capazes de suportar um estresse modesto, conforme definido nas premissas de risco utilizadas na metodologia RACF.       | O índice RAC projetado é e permanecerá superior a 3% e inferior a 5%.*                         |
| Um capital de alta qualidade pode elevar uma avaliação próxima aos limites de fraca para moderada. Um capital ou rentabilidade de baixa qualidade pode reduzi-la para muito fraca.†     |   |  |
| Muito fraco   | O capital e a rentabilidade são capazes de suportar um estresse modesto, conforme definido nas premissas de risco utilizadas na metodologia RACF.       | O índice RAC projetado é e permanecerá inferior a 3%.*   |
| Um capacidade de capital ou rentabilidade de alta qualidade pode elevar uma avaliação próxima ao limite de muito fraca para fraca, a menos que o <i>earnings</i> buffer seja negativo.† |   |  |

\*Se o *earnings* buffer (tabela 11) for negativo, o índice RAC projetado precisa ser mais forte em um valor correspondente de modo a compensar as perdas normalizadas não cobertas pela rentabilidade. †No limite significa uma diferença de 25 pontos-base em relação ao limite do índice RAC apresentado na tabela 9. ‡ O impacto no SACP é uma dedução de dois ou três degraus. Se o índice RAC projetado for entre 4% e 5%, é dois degraus, e entre 3% e 4%, três degraus. § O impacto das faixas de RAC é modificado para bancos com os SACPs-âncoras nas categorias 'bb' e 'b' . Consulte os parágrafos 88-89.

## 1. Exigências regulatórias

81. Como primeiro passo na análise do capital e da rentabilidade, o critério determina se um banco atende às exigências regulatórias mínimas. Um banco que opera com capital próximo a ou que descumpra as exigências mínimas do regulador local recebe uma das seguintes classificações: “em risco”, “sujeito à tolerância regulatória (regulatory forbearance)” ou “insolvente”. Os limites do SACP associados a essas classificações são ‘bb+’, ‘ccc+’ e ‘cc’, respectivamente (tabela 8). Bancos que operam com um capital de certa forma acima das exigências mínimas regulatórias locais podem ser avaliados com um SACP ‘bbb-’ ou superior. (Contudo, seu SACP pode ser inferior em razão de outros pontos fracos).

**TABELA 8**  
**AValiação DAS EXIGÊNCIAS REGULATÓRIAS E O SACP**

| Descritor                        | Diretriz   |
|----------------------------------|--|
| Em risco                         | O limite para o SACP é ‘bb+’ quando um banco atende às exigências regulatórias de capital, mas por uma margem limitada, geralmente inferior a 100 pontos-base. Nesse nível, o critério considera o banco como “em risco” de descumprir suas exigências regulatórias no caso de desdobramentos adversos plausíveis. Para esclarecer, isso significa que os índices de capital de um banco estão acima do mínimo legal, mas próximos dos níveis mínimos que acionariam uma ação regulatória. Quando o descritor é “em risco”, o descritor de capital e rentabilidade é “fraco”, na melhor das hipóteses.   |
| Sujeito à tolerância regulatória | O limite para o SACP é ‘ccc+’ quando o regulador permite que o banco continue operando mesmo que esteja em descumprimento das exigências regulatórias de capital. Isso pode ocorrer se o regulador conceder ao banco uma isenção (waiver) temporária ou uma decisão que calcule as exigências regulatórias de capital de forma mais generosa do que o usual. A categoria também inclui bancos que estariam em descumprimento das exigências regulatórias mínimas se tivessem reportado perdas de acordo com os princípios contábeis aceitos, mas não o fizeram. Quando o descritor é “sujeito à tolerância regulatória”, o descritor de “capital e rentabilidade” é “muito fraco”. |
| Insolvente                       | O SACP é ‘cc’ quando um banco não atende às exigências regulatórias mínimas legais e não há perspectiva de atingi-las ou de tolerância regulatória. Este critério não desconsidera que o regulador possa eventualmente intervir antes da insolvência de fato ou estimular uma recapitalização. Quando o descritor é “insolvente”, a avaliação do capital e rentabilidade é “muito fraca”.  |

SACP (Stand-alone credit profile): Perfil de crédito individual.

## 2. Capital

82. A segunda etapa, avaliar o capital com o índice de RAC, é a pedra angular do critério de capital e rentabilidade (consulte “Metodologia e premissas de avaliação de capital de bancos”, de 6 de dezembro de 2010).

### **ÍNDICE RAC = TAC ÷ RWAs**

RAC - Capital ajustado pelo risco.

TAC - Capital total ajustado, definição de capital da Standard & Poor's.

RWAs - Ativos ponderados pelo risco, cálculo de RWAs da Standard & Poor's.

83. A avaliação classifica o nível de capital de um banco utilizando o índice de RAC projetado antes dos ajustes de concentração ou diversificação (tabela 9).

**TABELA 9**  
**AValiação DO CAPITAL**

| Qualificador | Índice RAC projetado antes dos ajustes de concentração ou diversificação (%) |
|--------------|--|
| Muito forte  | Mais de 15%  |
| Forte        | Mais de 10% e até 15%  |
| Adequado     | Mais de 7% e até 10%   |
| Moderado     | Mais de 5% e até 7%  |
| Fraco        | Entre 3% e 5%  |
| Muito fraco  | Menos de 3%  |

\*O impacto das faixas é modificado para bancos com os SACP-âncoras nas categorias 'bb' e 'b' (parágrafos 88-89). RAC (*Risk-adjusted capital*): Capital ajustado pelo risco.

84. O critério considera o capital prospectivamente com foco no índice de RAC projetado do banco. Essa métrica pode ser inferior do que na última data de divulgação dos resultados financeiros durante um período de crescimento, ou superior à da última data de divulgação durante uma recuperação ou redução de risco, ou em um período de reestruturação. Como a principal fonte de capital de um banco é sua rentabilidade, os índices de RACs projetados devem ser consistentes com sua capacidade para aumentar ou reconstituir capital por meio de lucros retidos gerados internamente. As projeções de capital também incluem captação externa de recursos.

85. A metodologia de RACF aplica as ponderações de risco da Standard & Poor's às exposições *on e off balance* de um banco para obter os ativos ponderados pelo risco da Standard & Poor's. As ponderações de risco aplicadas a cada tipo de risco e classe de ativo refletem seu grau de risco relativo.

86. Além disso, as ponderações de risco são calibradas de acordo com os cenários de estresse da Standard & Poor's, os quais, por sua vez, são usados para maximizar a comparabilidade dos ratings entre setores e ao longo do tempo. Especificamente, os ativos ponderados pelo risco são calibrados para um cenário de estresse substancial ou 'A' (veja o Apêndice IV de "Entendendo as Definições de Rating da Standard & Poor's", de 3 de junho de 2009). Um índice RAC de 8%, por exemplo, implica que um banco localizado em um país desenvolvido tem capital suficiente para suportar um cenário de estresse substancial ou 'A'. Em comparação, um índice RAC de 12% implica que um banco dispõe de capital suficiente para suportar um estresse severo ou 'AA' definido no critério em um país desenvolvido. Essas calibrações baseiam-se em nossas observações de que as perdas bancárias após um estresse severo ou 'AA' são normalmente cerca de 1,5x maiores do que após um estresse substancial e cerca de 2x maiores do que o estresse extremo ou 'AAA'. Observe que os cenários de estresse da Standard & Poor's em geral incluem emissores ou obrigações em países desenvolvidos, como os EUA, Japão, Europa Ocidental e Austrália, e conduzem as premissas de risco para perdas bancárias nestas economias (veja o parágrafo 13 de "Metodologia e premissas de avaliação de capital de bancos", 6 de dezembro de 2010).

87. Para ajustar as premissas de risco conforme as diferenças estruturais – por exemplo, em cultura de crédito, leis bancárias e de falência, e observada a experiência de menor perda para algumas classes de ativos – o critério incorpora a metodologia BICRA para avaliar o risco da indústria bancária e o risco econômico, os quais estabelecem o SACP-âncora. A metodologia BICRA também é utilizada para modificar as premissas de risco de acordo com as características de maior risco das economias em desenvolvimento e os tipos específicos de exposições dos bancos que operam nesses países.

88. Quando o SACP-âncora de um banco, derivado da metodologia BICRA, classifica-se na categoria 'bb' e o seu índice de capital regulatório Nível 1 é superior às exigências regulatórias locais – ou no mínimo 7%, se este percentual for superior ao exigido pelas regulamentações locais – um índice RAC moderado ou adequado é neutro para o SACP. O SACP-âncora é rebaixado em um degrau se o índice for fraco e em dois degraus se muito fraco. Se o índice de RAC for forte, o SACP-âncora é elevado em um degrau, e se o índice RAC for muito forte, é elevado em dois degraus (veja a tabela 3 e a nota de rodapé da tabela 9).

89. Quando o SACP-âncora de um banco, derivado da metodologia BICRA, classifica-se na categoria 'b' e o seu índice de capital regulatório Nível 1 é superior às exigências regulatórias locais – ou no mínimo 7%, se este percentual for superior ao exigido pelas regulamentações locais – um índice RAC fraco ou moderado é neutro para o SACP. O SACP-âncora é rebaixado em um degrau se o índice for muito fraco (ou em dois degraus se o índice for inferior a 2%). Se o índice de RAC do banco for adequado, o SACP-âncora é elevado em um degrau, e se o índice de RAC for forte ou muito forte, o SACP-âncora é elevado em dois degraus (veja a tabela 3 e a nota de rodapé na tabela 9).

90. O critério avalia se o índice RAC projetado é consistente com o índice de sustentabilidade de capital. Isso representa uma estimativa prospectiva da capacidade de um banco de aumentar ou reconstituir capital por meio da retenção de lucros, sendo a diferença entre o acúmulo de capital e as exigências de capital (veja na tabela 10 detalhes sobre como esse índice é calculado). O índice é mais relevante quando um banco está crescendo e reportando lucros. O índice reflete as estimativas sobre crescimento e retenção de lucros. Há normalmente uma relação entre o índice de sustentabilidade de capital e o índice RAC projetado, e um é um parâmetro para o outro:

- Quando a sustentabilidade de capital está entre -30 pontos-base (bps) e +30 bps, o índice RAC projetado provavelmente mostrará pouco ou nenhum crescimento, a menos que o banco tenha anunciado planos para captar recursos externos ou conseguir algum outro meio de crescimento de capital, e espera-se ser bem sucedido.
- Quando a sustentabilidade de capital é inferior a -30 bps, os índices RACs projetados declinarão, a menos que o banco tenha anunciado planos críveis de captar recursos externos ou conseguir algum outro meio de crescimento de capital.
- Quando a sustentabilidade de capital é superior a 30 bps, os índices RACs projetados apresentarão um aumento com base na geração interna de capital.
- Se o banco está gerando perdas, essas regras não se aplicam. O declínio do índice RAC projetado se reflete na avaliação de capital.

91. Em períodos de expansão, a avaliação de capital depende de o quanto um banco utiliza seus lucros retidos para financiar o crescimento e para manter os índices de capital. Para ilustrar, se os ativos ponderados pelo risco crescerem 10%, é necessário um aumento próximo a 10% no capital para manter os índices de capital. A incapacidade de aumentar o capital por meio da retenção de lucros no mesmo ritmo que a expansão do negócio indica que o capital se deteriorará – a menos que o banco tenha acesso a fontes externas para compensar a deficiência. Se o banco assume mais risco e reporta maiores retornos, o cálculo da sustentabilidade de capital se ajusta a isso elevando os ativos ponderados pelo risco da Standard & Poor's em conformidade. A análise concentra-se no crescimento dos lucros e no ritmo de expansão do banco. Um crescimento além da capacidade da administração, infraestrutura e capital é um dos principais indicadores da elevação do risco.

92. As estimativas de perdas de crédito e as projeções na segunda linha da tabela 10 refletem o cenário mais provável, complementado pelas previsões econômicas da Standard & Poor's. Elas são pontuais e inerentes ao país, ajustadas ao ciclo econômico e de crédito. Essas estimativas de perda no nível do país podem ser modificadas para um banco específico de acordo com expectativas de perdas mais severas com base nos riscos específicos do banco, incluindo a necessidade de reforçar as reservas para créditos de liquidação duvidosa ou elevar perdas do valor recuperável (impairment) se a cobertura para créditos de liquidação duvidosa for substancialmente deficiente.

**TABELA 10**  
**CÁLCULO DE SUSTENTABILIDADE DE CAPITAL PARA UM BANCO HIPOTÉTICO**

| (€ mi)   | Ano posterior (projetado) | Ano corrente (estimado) | Ano anterior (real) |
|--|---------------------------|-------------------------|---------------------|
| Lucro operacional antes de provisões               | 2.094                     | 1.672                   | 1.553               |
| Perdas de crédito                                  | -295                      | -450                    | -700                |
| Outras perdas                                      | 0                         | -56                     | -125                |
| Impostos   | -452                      | -343                    | -231                |
| Dividendos   | -156                      | -128                    | -105                |
| Recompras de ações                                 | -650                      | -350                    | 0                   |
| Constituição de capital (CB)                       | 541                       | 345                     | 392                 |
| Ativo ponderado pelo risco (RWA) da S&P            | 42.000                    | 36.500                  | 28.500              |
| RWAs CB/S&P (bps)                                  | 129                       | 95                      | 138                 |
| RWAs CB/S&P média de 3 anos                        | -                         | 120                     | -                   |
| RWAs S&P   | 42.000                    | 36.500                  | 28.500              |
| Crescimento (%)                                    | 15.07                     | 28.07                   | 3.00                |
| Capital ajustado pelo risco (último reportado) (%) | 8.49                      | 8.49                    | 8.49                |
| Capital total ajustado                             | 3.566                     | 3.099                   | 2.420               |
| Exigências de capital adicional (ACR)              | 467                       | 679                     | 226                 |
| ACR/S&P RWAs                                       | 111                       | 186                     | 79                  |
| ACR/S&P RWAs média de 3 anos                       | -                         | 126                     | -                   |
| CB menos ACR (bps)                                 | 18                        | (92)                    | 58                  |
| Sustentabilidade de capital (bps)                  | -                         | (5)                     | -                   |

Bps - pontos-base.

93. Em contraste com o excesso (buffer) do índice de sustentabilidade de capital, o cálculo do *earnings buffer* (parágrafos 105-110 e tabela 11) utiliza as “perdas normalizadas” para ajustar os ganhos com base em um conjunto de premissas de risco de crédito que não se modificam durante o ciclo econômico ou de crédito.

94. Embora o índice RAC forneça uma métrica de capital globalmente consistente, em função das limitações de todos os modelos, as premissas de riscos na metodologia RACF são testadas como parte da avaliação da posição de risco. A análise da posição de risco basicamente determina o grau em que a análise de capital e a rentabilidade subestima ou superestima o risco específico do banco (tabelas 12-14). A análise do capital e rentabilidade também inclui julgamentos qualitativos sobre a qualidade do TAC e a qualidade dos lucros.

### 3. Qualidade do capital e rentabilidade

95. A avaliação da qualidade do capital e rentabilidade é a terceira etapa na análise do capital e rentabilidade. Ela ajuda a determinar se o TAC projetado não foi capaz de incorporar os pontos fortes ou fracos adicionais da rentabilidade ou da base de capital. Várias características ajudam a conduzir a avaliação da qualidade de capital como “alta” ou “baixa”. A contribuição da qualidade da rentabilidade tem um viés negativo, visto que os pontos fortes já estão incorporados no TAC projetado.

96. A qualidade relativa do capital e rentabilidade de um banco é comparada à de outros bancos com classificação similar de risco econômico a fim de determinar se proporciona flexibilidade financeira adicional ou se demonstra rentabilidade mais fraca. Quando o índice RAC projetado está próximo aos limites (dentro de 25 pontos-base da extremidade superior ou inferior das faixas na tabela 9 acima), a alta qualidade do capital pode levar a avaliação de capital e rentabilidade para a próxima categoria mais forte, enquanto um capital ou rentabilidade de baixa qualidade pode levar a avaliação para a próxima categoria mais fraca (tabela 7).

97. O critério associa um capital e rentabilidade de alta qualidade como a combinação dos seguintes pontos:

- O capital core do banco, mensurado pelo patrimônio líquido ajustado (ACE, *adjusted common equity*), compreende mais de 85% do TAC do banco.
- A base de investidores é mais favorável a um nível de capital forte em relação a outros bancos; os investidores têm menores expectativas quanto ao rendimento de dividendos e as recompras de ações são consistentes com os níveis de RAC projetados aplicados na tabela 9.
- O banco é capaz de, e está disposto a, vender ativos atrativos, equivalentes em valor a aproximadamente 10% ou mais do TAC, para captar recursos que não exigiriam reestruturação ou prejudicariam a sua posição competitiva. Vários compradores estão interessados em tais ativos – mesmo em um período de turbulência econômica e de mercado.
- O banco dispõe de capital econômico substancial em reservas de ao menos 10% do TAC que não fazem parte da avaliação de capital na seção F.2. Estes normalmente derivam da otimização tributária.
- O banco emitiu instrumentos híbridos ou ações preferenciais (os quais seu regulador trata como capital) de, pelo menos, 10% do TAC nos mercados ou com o governo, que não fazem parte da avaliação de capital na seção F.2.

98. O critério associa capital e rentabilidade de baixa qualidade com a combinação dos seguintes fatores:

- O capital core do banco, mensurado pelo ACE, compreende menos de 70% do TAC do banco.
- Restrições legais, tributárias ou regulatórias significativas ou características da estrutura do grupo (por exemplo, participações minoritárias) restringem o fluxo de capital entre os membros do grupo para absorver perdas.
- Pagamentos de dividendos ou recompras de ações planejadas podem impedir a manutenção de um nível de capital forte.
- Um acionista agressivo pode estar aumentando sua participação acionária, podendo pressionar a administração para manter um nível de capital mais fraco no futuro.
- O governo pode ter contribuído para o TAC, mas espera pagamento quando possível.
- O valor absoluto da base de capital é inferior a US\$100 milhões, pondo em xeque a capacidade do banco de resistir a choques ou a eventos significativos que outros competidores de maior porte podem absorver mais facilmente.
- Uma empresa holding do banco tem dupla alavancagem elevada (parágrafo 99).
- As receitas dependem de itens extraordinários, como ganhos de capital realizados sobre investimentos em títulos ou ativos fixos, produzindo um nível mais baixo do lucro líquido ajustado pelo risco ou maior volatilidade no desempenho dos lucros.
- Mais de 75% das receitas derivam de uma linha de negócios relativamente limitada, especialmente quando a receita líquida de intermediação financeira e as tarifas e comissões respondem por menos de 60% das receitas.
- As provisões para crédito (provisão para créditos de liquidação duvidosa) são substancialmente deficitárias.
- As subsidiárias não consolidadas estão materialmente subcapitalizadas.
- O banco registra outras perdas econômicas substanciais ainda não reconhecidas nas demonstrações financeiras.

99. Este critério não introduz nenhuma alteração ao tratamento da dupla alavancagem (consulte a “Metodologia de rating de grupo”, de 19 de novembro de 2013). A dupla alavancagem (DL, *double leverage*) é definida como a relação entre os investimentos de uma empresa holding em subsidiárias e o patrimônio líquido (não consolidado) da holding. A dupla alavancagem torna a holding não operacional (NOHC, *nonoperating holding company*) dependente, em parte, de dividendos para honrar os pagamentos de juros relativos à dívida externa. A dupla alavancagem só é relevante quando o TAC não é calculado sobre os dados contábeis integralmente consolidados que combinem as informações financeiras da holding com as de seus bancos operacionais.

100. Uma dupla alavancagem elevada – 120% ou mais – é um sinal de administração agressiva de liquidez e capital e pode aumentar a possibilidade de estresse de liquidez, exceto se mitigado pela liquidez do controlador. De forma similar, se o valor absoluto da dupla alavancagem de um grupo financeiro com uma holding não operacional exceder o lucro líquido de dois anos do grupo consolidado, a holding não operacional controladora precisaria compensar a liquidez. Caso contrário, a qualidade do capital do banco será baixa.

101. Quando os índices tradicionais de rentabilidade são mais fracos do que para outros bancos competidores diretos, a qualidade da rentabilidade é baixa. Um banco que demonstra rentabilidade forte ou muito forte em termos absolutos, mas apresenta baixo desempenho em relação aos competidores diretos em uma base ajustada pelo risco, é mais vulnerável a qualquer deterioração no ambiente operacional. A rentabilidade mais baixa com base em menor risco é geralmente positiva para a qualidade de crédito, enquanto retornos mais altos com base em maior risco são geralmente negativos.

102. O objetivo da análise comparativa de rentabilidade com pares é identificar valores discrepantes por meio de várias medidas distintas. O posicionamento relativo geral de um banco influencia a avaliação da qualidade de sua rentabilidade. No entanto, em alguns casos, um único aspecto pode determinar o resultado da qualidade da rentabilidade. A análise comparativa da rentabilidade com pares baseia-se nos índices listados a seguir para ajudar a determinar a qualidade relativa da rentabilidade do banco.

103. Para as seguintes métricas, a qualidade da rentabilidade melhora à medida que o índice aumenta:

- Receita líquida de intermediação financeira / receitas totais,
- Tarifas e comissões / receitas totais,
- Lucros líquidos / ativos ponderados pelo risco da Standard & Poor's,
- Lucros líquidos / ativos, e
- Lucro operacional líquido antes de provisões para créditos de liquidação duvidosa / ativos.

104. Para as seguintes métricas, a qualidade da rentabilidade se deteriora conforme os índices aumentam:

- Resultados de negociação de títulos / receitas totais,
- Outras receitas sensíveis ao mercado / receitas totais;
- Outras receitas / receitas totais, e
- Índice de custo / receita.

#### 4. Capacidade de geração de receitas

105. A avaliação da capacidade de geração de receitas é a etapa final na análise do capital e rentabilidade. Quando os lucros não cobrem as estimativas de perdas de crédito normalizadas de um banco (parágrafos 106-108), o critério adiciona o deficit às exigências de risco que o capital precisa cobrir. Uma nova métrica, o *earnings buffer*, mede a capacidade de os lucros cobrirem as perdas normalizadas (tabela 11). Quando esse índice é negativo, o critério compensa a deficiência subtraindo o valor do TAC no cálculo do índice RAC (veja a nota de rodapé da tabela 7).

**TABELA 11**

**CÁLCULO DO *EARNINGS BUFFER* DE UM BANCO HIPOTÉTICO**

| (€ Mil.)                                   | Ano posterior | Ano corrente | Ano anterior |
|--|---------------|--------------|--------------|
| Receita operacional antes de provisões     | 1.180         | 1.105        | 905          |
| Itens extraordinários                      | 0             | 0            | 320          |
| Perdas de crédito normalizadas             | -579          | -540         | -521         |
| Receita operacional normalizada (A)        | 601           | 565          | 704          |
| RWAs da Standard & Poor's (B)              | 30.000        | 28.000       | 27.500       |
| <i>Earnings buffer</i> (%) (A/B)           | 2             | 2,02         | 2.56         |
| <i>Earnings buffer</i> médio de 3 anos (%) | --            | 2,19         | --           |
| RWAs—ativos ponderados pelo risco          |               |              |              |

106. As perdas de crédito normalizadas são um cálculo das perdas médias de crédito anualizadas de longo prazo (parágrafos 107-108). O critério estima as taxas de perda normalizadas para cada classe de ativos por país, utilizando uma abordagem baseada na taxa média de perda anual “ao longo do ciclo” esperada para uma determinada classe de ativos. A média inclui tanto os períodos de baixa quanto os picos das taxas de perdas do ciclo de crédito. Quando os dados estão disponíveis, as estimativas são obtidas utilizando um ciclo de crédito de 12 anos, incluindo três anos de recessão, para estimar perdas normalizadas ao longo do ciclo. Essa estimativa de perda normalizada ao longo do ciclo é mais conservadora do que um cálculo de perdas esperadas com base em um horizonte de tempo mais curto, o qual poderia excluir os períodos de recessão.



107. Este critério estima as perdas de crédito normalizadas para avaliar a rentabilidade ao longo do ciclo, ou a receita operacional normalizada (consulte p Apêndice C da “Metodologia e premissas de avaliação de capital de bancos”, de 6 de dezembro de 2010). A avaliação dos ganhos reflete um ajuste para determinar a rentabilidade subjacente. Começando com a receita operacional antes de provisões, o ajuste exclui o impacto dos itens extraordinários, incluindo baixas relativas à marcação-a-mercado significativa de títulos, e as perdas normalizadas. O próximo passo é comparar os ganhos residuais em relação aos ativos ponderados pelo risco da Standard & Poor’s. Com base nesse índice, é calculada a média de três anos (ano anterior, ano em curso e próximo ano). (Veja o cálculo do *earnings buffer* na tabela 11).

108. O cálculo da perda normalizada para uma classe de ativos consiste em:

- Considerar os dados disponíveis sobre a experiência histórica de perdas em cada mercado.
- Ajustar a taxa de perda normalizada para cima ou para baixo para incorporar quaisquer mudanças ou potenciais alterações nos padrões de concessão de crédito ou riscos na economia.
- Extrapolar as taxas de perda da classificação de risco econômico do BICRA. A extrapolação começa com as mesmas taxas de perda para ativos nas economias com a mesma classificação de risco econômico, mas as agrupa entre os dez grupos de risco econômico aplicando as taxas reduzidas em países de menor risco e taxas elevadas nos países de maior risco. Esse agrupamento está em linha com as ponderações de risco da metodologia RACF.

109. Outras perdas de mercado ou operacionais são geralmente inesperadas e, portanto, destinadas a serem cobertas pelo capital. Consequentemente, quando os lucros são mais sensíveis aos riscos de mercado e operacionais, o critério exige a interpretação do *earnings buffer* com cautela. Para bancos com risco de mercado significativo, o *earnings buffer* pode parecer relativamente forte, mas a métrica não leva em conta a volatilidade associada ao risco de mercado. Essa volatilidade é avaliada mais qualitativamente na qualidade da rentabilidade (parágrafos 95-104).

## 5. Exemplo das premissas-padrão de riscos

110. As premissas de risco utilizadas na análise de capital e rentabilidade combinam os encargos de capital da metodologia RACF e as taxas de perda normalizadas utilizadas no *earnings buffer*. Para ilustrar essas premissas de risco para um banco hipotético com sede em um país avaliado no grupo 3 do BICRA e com uma classificação de risco econômico 3 veja a tabela 20 e os parágrafos 117-119 da “Metodologia e premissas de avaliação de capital de bancos”, de 6 de dezembro de 2010.

## G. Posição de risco

111. A posição de risco é o quinto dos seis fatores de rating do SACP, sendo utilizada para refinar a visão dos riscos reais e específicos de um banco além da conclusão baseada nas premissas padrões da análise de capital e rentabilidade. Tais premissas nem sempre refletem ou incorporam adequadamente as características de risco específicas a um banco específico. A análise descrita na posição de risco é similar àquela tradicionalmente aplicada para avaliar a qualidade dos ativos de um banco.

112. Para diferenciar a posição de risco única de um banco, cinco áreas são analisadas:

- Como o banco administra o crescimento e as mudanças em suas posições de risco (veja mais detalhes na seção “IX: Metodologia: Gestão integrada de riscos”);
- O impacto de concentrações de risco ou da diversificação de riscos;
- Como a maior complexidade leva a um risco adicional;
- Se os riscos relevantes não são adequadamente incorporados ao RACF; e
- Evidência de uma posição de risco adequada, forte ou muito forte, comparando as perdas passadas e esperadas no atual mix de negócios com aquelas dos seus pares, e comparando a experiência de perdas de um banco no decorrer das últimas crises econômicas com as premissas-padrão de risco da Standard & Poor’s. Perdas acima da média podem indicar uma posição de risco mais fraca.

113. A combinação dos primeiros cinco passos incorpora em que medida as premissas-padrão de risco subestimam ou superestimam os riscos específicos de um banco. Veja nas tabelas 12-13 como esses cinco passos são combinados para formar uma opinião única sobre a posição de risco. As características descritivas são aplicadas conforme aquela que melhor se enquadra (“best-fit”).

**TABELA 12**

**AVALIAÇÃO DA POSIÇÃO DE RISCO: MUITO FORTE, FORTE, ADEQUADA (SEÇÕES G.1-G.5)**

| Descritor    | Significado  | Diretriz   |
|--------------|--|--|
| Muito forte* | Riscos específicos ao banco significam que a instituição é mais capacitada para suportar um estresse econômico do que indica o descritor de capital e rentabilidade.   | <p>A administração tem capacidade para gerenciar riscos decorrentes de crescimento ou de mudanças na exposição, e</p> <p>A diversificação de risco está presente para e tem atenuado o impacto negativo de crises econômicas no desempenho do banco superior ao de seus pares. Esse é o fator que mais suporta uma posição de risco muito forte, e</p> <p>A administração tem capacidade para gerenciar os riscos decorrentes da complexidade, e</p> <p>A metodologia RACF não desconsidera nenhuma exposição substancial de risco ou o benefício da diversificação compensa qualquer risco que a estrutura de capital desconsidera.</p> <p>Uma posição de risco muito forte é amparada por evidências de que as perdas históricas recentes do banco e a tendência prospectiva de perdas são muito mais fortes dos que as dos pares, e a experiência de perdas históricas do banco durante desacelerações econômicas no passado foi muito melhor do que a média.</p> |
| Forte        | Riscos específicos ao banco significam que o banco é de certa forma mais capaz de suportar um estresse econômico do que indica o descritor de capital e rentabilidade. | <p>A administração tem capacidade para gerenciar riscos decorrentes de crescimento ou de mudanças na exposição; e</p> <p>Não há concentrações de risco, ou se existem, todas as concentrações de risco são mais do que compensadas por outras características de risco mais baixo; e</p> <p>A administração tem capacidade para gerenciar os riscos decorrentes da complexidade; e</p> <p>A metodologia RACF não desconsidera exposições substanciais a riscos ou o benefício da diversificação contrabalança qualquer risco que a estrutura de capital desconsidera.</p> <p>Uma posição de risco forte é amparada por evidências de que a experiência de perdas históricas recente do banco e a tendência de perda prospectiva são mais fortes em relação às dos seus pares, e a experiência de perda do banco durante as últimas desacelerações econômicas foi melhor do que a média.</p>  |
| Adequada     | Riscos específicos ao banco significam que a instituição é capaz de suportar o estresse econômico indicado pelo descritor de capital e rentabilidade.                  | <p>A administração tem a capacidade para gerenciar riscos decorrentes de crescimento ou de mudanças na exposição, e</p> <p>Não há concentrações significativas de risco ou qualquer potencial benefício da diversificação é compensado por outras características de risco mais alto; e</p> <p>A metodologia RACF não desconsidera exposições substanciais a risco ou, se a faz, isso é mais do que compensado por outras características de risco mais baixo; e</p> <p>A administração tem capacidade para gerenciar os riscos decorrentes da complexidade; e</p> <p>Uma posição de risco adequada é amparada por evidências de que a experiência de perdas históricas recente do banco e a tendência de perda prospectiva são, pelo menos, médias em relação às de seus pares, e a experiência de perda do banco durante desacelerações econômicas no passado foi próxima à da média.</p>  |

\*É improvável que mais de 10% dos bancos se enquadrem em uma posição de risco muito forte.

**TABELA 13****AValiação da Posição de Risco: Moderada, Fraca, Muito Fraca (Seções G.1-G.5)**

| Descritor    | Significado  | Diretriz  |
|--------------|--|---|
| Moderada†    | Riscos específicos ao banco significam que a instituição é de certa forma menos capaz de suportar estresse econômico do que indica o descritor de capital e rentabilidade.   | A administração pode não ter capacidade para gerenciar riscos decorrentes de crescimento ou de mudanças na exposição; ou<br>Há concentrações de risco substanciais, ou qualquer diversificação de risco é mais do que compensada por outras características de risco mais alto; ou<br>A administração pode não ter capacidade para gerenciar riscos decorrentes da complexidade; ou<br>A metodologia RACF desconsidera exposições substanciais a riscos; ou<br>As perdas recentes ou prospectivas do banco são maiores do que as dos pares, ou a experiência de perda do banco durante desacelerações econômicas do passado foi pior do que a média, e o apetite ao risco, os controles e a administração não têm melhorado de forma significativa. |
| Muito fraca§ | Os riscos específicos ao banco são tão altos em relação às premissas de riscos da avaliação de capital e rentabilidade que o descritor de capital e rentabilidade é errôneo. | A metodologia RACF não incorpora adequadamente as exposições substanciais a riscos adicionais, que se sobrepõem a quaisquer aspectos positivos da gestão de risco ou diversificação, ou<br>A experiência de perda do banco e as tendências prospectivas de perda não têm relação com as premissas de taxa de perda na avaliação de capital e rentabilidade.<br>†A posição de risco é, na melhor das hipóteses, moderada quando as atividades de trading são significativas (parágrafo 125). ‡O critério não necessariamente busca um equilíbrio entre bancos com posição de risco fraca e aqueles com posição de risco muito forte.   |

§ Aplicado somente em casos excepcionais.

114. O exemplo a seguir mostra como a avaliação da posição de risco pode se combinar com a avaliação do capital e rentabilidade para alterar o SACP. Tanto o Banco A quanto o Banco B apresentam um indicador de earnings buffer saudável e qualidade adequada de capital, e ambos mantêm índices de capital regulatórios confortavelmente acima da exigência regulatória. No entanto, o índice RAC projetado do Banco A é de 11% e o do Banco B é de 6%. Portanto, o critério de capital e rentabilidade considera o Banco A como “forte” e o Banco B como “moderado”. Após a análise de risco fundamental, isso torna evidente que a experiência de perda do Banco A é mais volátil do que a de seus pares. Embora sua gestão de risco pareça adequada, muitos produtos são complexos: Há grandes exposições a derivativos, um amplo e arriscado portfólio de private equity, e um foco limitado em serviços de consultoria, operações estruturadas e trading proprietário. O Banco A, portanto, apresenta uma posição de risco “moderada”. Alternativamente, o Banco B tem uma franquia global de varejo e comercial com posições de liderança de mercado em todas as suas unidades de negócios. Os produtos são simples. As atividades off balance são limitadas, e todos os derivativos protegem os negócios derivados de cliente. O banco tem crescido constantemente ao longo do tempo, muitas vezes a um ritmo mais lento do que os competidores agressivos. A volatilidade é mais baixa, e as perdas são consistentemente inferiores à média. Notadamente, o Banco B continuou reportando lucros durante as últimas duas crises. O Banco B tem uma posição de risco “muito forte”. As avaliações da posição de risco “moderada” e “muito forte” modificam as avaliações de capital e rentabilidade “fortes” e “moderados” do Banco A e do Banco B, respectivamente. Todos os demais fatores permanecendo estáveis, esses dois fatores mantêm o SACP-âncora inalterado e levam à elevação de um degrau do SACP-âncora do Banco B (tabela 14).

**TABELA 14****IMPACTO DAS AVALIAÇÕES DE CAPITAL E RENTABILIDADE E DA POSIÇÃO DE RISCO NO SACP**

|                         | <b>Banco A</b> |                 | <b>Banco B</b> |                 |
|-------------------------|----------------|-----------------|----------------|-----------------|
|                         | Avaliação      | Impacto no SACP | Avaliação      | Impacto no SACP |
| Capital e rentabilidade | Forte          | +1 degrau       | Moderada       | -1 degrau       |
| Posição de risco        | Moderada       | -1 degrau       | Muito forte    | +2 degraus      |
| Impacto combinado       |                | Inalterado      |                | +1 degrau       |

**1. Crescimento e mudanças de exposição**

115. Como a rápida expansão tende a prenunciar perdas consideráveis no setor bancário e na carteira de negociação, é importante monitorar o portfólio de riscos de um banco e seu movimento e direção no espectro de risco. A mudança no risco de um banco significa que a experiência tradicional que o ajudou a sobreviver a crises econômicas anteriores pode não ajudar na próxima crise.

116. A administração tem capacidade de gerenciar riscos associados a crescimento e a mudanças na exposição quando um banco apresenta uma ou mais das tendências abaixo. Esse ponto forte pode se somar a outros pontos fortes para compensar um ponto fraco na posição de risco do banco:

- Apresentar menor crescimento por meio de aquisições ou orgânico recente e menores perspectivas de crescimento futuro do que no passado e em comparação com pares que possuem classificação de risco econômico similar, quando o menor crescimento se baseia em evitar riscos e em reduzir as oportunidades de crescimento de maior risco que outros bancos estão dispostos a assumir;
- Manter os padrões de concessão de crédito, apesar das pressões competitivas;
- Reduzir sua exposição a risco, por exemplo, deixando as atividades de maior risco ou reforçando os padrões de concessão de crédito;
- Manter o foco no atendimento de sua base de clientes core em seu ramo de experiência tradicional e limitar atividades proprietárias oportunistas; ou
- Manter um portfólio de risco similar ao que limitou a experiência de perdas em desacelerações econômicas anteriores.

117. A administração pode não ter capacidade de gerenciar o risco adicional apresentado pelo crescimento ou por outras alterações na exposição quando um banco apresenta uma ou mais das seguintes tendências:

- Apresentar crescimento por meio de aquisições ou orgânico recente mais agressivo e perspectivas de crescimento futuro mais significativas do que no passado e em comparação com pares que possuem classificação similar de risco econômico;
- Iniciar atividades significativas envolvendo novos produtos, clientes ou mercados fora de sua área de especialidade; e
- Apresentar padrões de concessão de crédito mais fracos em relação aos dos pares com classificação similar de risco econômico. Entre os exemplos, está uma financeira hipotecária enfraquecendo consideravelmente seus padrões em relação à capacidade de pagamento de um requerente a empréstimo, posição de crédito do mutuário, ou a cobertura das garantias (e.g., mensurada pelo índice *loan-to-value* [LTV, relação entre o valor de financiamento e da garantia], um credor *senior secured* de financiamento imobiliário comercial que conceda cada vez mais empréstimos mezaninos ou corporativos para desenvolvimento de empreendimentos, ou um banco comercial cada vez com mais operações de maior porte ou de maior risco).

## 2. Concentrações de riscos e diversificação de risco

118. As concentrações de risco de qualquer tipo são o principal motivo que leva bancos a falência. Em contrapartida, alguns bancos podem demonstrar que a diversidade de riscos levou a perdas no geral mais baixas do que seus pares menos diversificados. Este critério considera o impacto da concentração de risco ou da diversificação neste ponto, uma vez que não são incorporados à avaliação de capital e rentabilidade. O RACF produz um ajuste por concentração ou diversificação que a análise da posição de risco utiliza como insumo (veja o Apêndice B da “Metodologia e premissas de avaliação de capital de bancos”, 6 de dezembro de 2010). O fator de rating de posição de negócios incorpora concentrações ou diversificações na contribuição de receitas por linha de negócio (parágrafos 62-67) e utiliza fontes de lucros concentradas como um indicador da rentabilidade de baixa qualidade (parágrafo 98). O fator de posição de risco tem como foco a concentração das exposições a devedores individuais, contrapartes e indústrias ou setores, ou acumulações de riscos entre classes de ativos e tipos de risco.

119. Há um benefício de diversificação de risco quando o banco apresenta:

- O ajuste do RACF pela concentração e diversificação indica uma redução nos RWAs da Standard & Poor's;
- A diversificação geográfica resulta de exposições claramente associadas a uma franquia de cliente no exterior e não de arbitragem oportunista de produtos, impostos, regulatória ou cambial; ou
- A diversificação por setor ou tipo de ativo resulta de operações em atividades que não apresentam maior risco do que o core business tradicional da empresa.

120. Riscos substanciais de concentrações em um banco decorrem de um ou mais dos seguintes aspectos:

- Exposições a risco por setor, país ou por cliente no portfólio de crédito, na carteira de investimentos e na carteira de negociação (*trading book*) que são mais concentradas do que em pares com classificação similar de risco econômico. O ajuste do RACF pela diversificação e concentração suporta essa comparação (veja o Apêndice B da “Metodologia e premissas de capital de bancos”, de 6 de dezembro de 2010);
- O risco subjacente que afeta vários tipos de risco, como no exemplo abaixo do setor imobiliário comercial (parágrafo 121). O ajuste do RACF não incorpora esse risco agregado;
- Um número limitado, mas um montante substancial, de contrapartes para derivativos e outras negociações como porcentagem do RWAs total; e
- Uma base de capital inferior a US\$100 milhões em mercados desenvolvidos, o que torna o banco mais sensível ao risco de concentração e de eventos do que os pares de maior porte nesses mercados.

121. O ajuste do RACF pela concentração ou diversificação é um fator útil na análise por ser uma métrica quantitativa, baseada nas matrizes-padrão de correlação (veja o Apêndice B da “Metodologia e premissas de capital de bancos”, de 6 de dezembro de 2010); Esse ajuste pode não incorporar todas as questões de concentração relevantes para um banco específico. Considere o exemplo de um banco que concede um empréstimo a um cliente corporativo para que este possa adquirir instalações ou desenvolver propriedades comerciais e, ao mesmo tempo, detenha títulos lastreados por hipotecas comerciais (CMBS, *commercial mortgage-backed securities*) em seu balanço patrimonial. As ponderações de risco RACF para exposições a empréstimos corporativos e a carteira de CMBS não são adequadas o suficiente para reconhecer a concentração de risco resultante em imóveis comerciais. Do mesmo modo, a segmentação reportada pelo banco da exposição por indústria, que é a premissa utilizada no RACF, pode não capturar certas concentrações dentro de um setor. Por exemplo, as exposições de um banco ao setor de transporte mais amplo pode ocultar uma concentração para o subsetor de financiamentos da indústria marítima.

### 3. Complexidade

122. A maior escala pode gerar benefícios de diversificação a um banco, mas também aumentar a complexidade. O nível cada vez maior de complexidade de produtos, linhas de negócios, regiões e estrutura organizacional frequentemente supera a capacidade da administração do banco de gerir riscos. Nos últimos anos, grande parte da complexidade adicionada resultou do uso crescente de derivativos, atividades off balance, securitizações e outros produtos exóticos. Existe um risco em conferir crédito excessivo à diversificação para essas instituições altamente complexas, que são mais difíceis de administrar. Por outro lado, há um risco em penalizar demasiadamente as instituições de menor porte e complexidade pelo risco de concentração. O oposto da complexidade é a apresentação de riscos transparentes e simples que são bem compreendidos e bem geridos quando comparados aos dos pares com uma classificação de risco econômico e mix de produtos similares. No entanto, a ausência de complexidade por si só raramente é suficiente para melhorar a posição de risco em geral de um banco.

123. A administração está exposta aos riscos adicionais associados à complexidade quando um banco apresenta um ou mais dos seguintes aspectos:

- Linhas de negócios com produtos complexos, tais como derivativos, securitizações e crédito estruturado, como obrigações de dívidas colateralizadas (CDOs, *collateralized debt obligation*), que são importantes para o grupo em geral;
- Transparência limitada em posições de risco subjacentes, gestão de risco ou geração de lucros;
- Uma abordagem fragmentada para a gestão de riscos, a qual pode impedir uma mensuração e gestão consistentes da exposição a risco;
- Dependência significativa de modelos matemáticos e de suas premissas subjacentes, muitas vezes complexas, para medir e gerir risco e para avaliar os ativos e passivos;
- Um portfólio que contenha riscos com uma baixa probabilidade de ocorrência, mas alto índice de severidade de perda, também conhecida como risco de cauda (*tail risk*);
- Estratégias de balanço patrimonial que são conduzidas por arbitragem regulatória; e
- Operações em muitas jurisdições ou com uma estrutura organizacional com diversas entidades legais, as quais podem sair do controle da administração.

124. Um índice alto e crescente de ativos totais administrados em relação ao ACE que não se reflita em um índice RAC baixo e decrescente pode indicar um risco adicional derivado de complexidade. O índice de ativos totais administrados sobre o ACE consiste em uma métrica bruta de alavancagem, insensível a risco e suscetível a inconsistências contábeis de definição. No entanto, as tendências no índice ou múltiplos elevados podem revelar exposições a risco que outras métricas não refletem. Nesses casos, os riscos, que prejudicam a qualidade de crédito, provavelmente resultam das atividades off balance ou de grandes posições de derivativos, implicando complexidade e riscos incertos.

125. A posição de risco de um banco será moderada, na melhor das hipóteses, se suas atividades de *investment banking* forem significativas ou se fizer uso mais do que moderado de estratégias com arbitragem regulatória como objetivo principal. As atividades de *investment banking* são relevantes, de acordo com o critério, se esperado que contribuam com mais de 50% das receitas no longo prazo. As estratégias de arbitragem regulatória são significativas, por exemplo, se um banco apresenta um múltiplo particularmente elevado de ativos totais administrados sobre o ACE (parágrafo 124).

126. Quando as atividades de *investment banking* representam menos do que 50%, não há limite automático para a posição de risco. Em vez disso, o critério avalia se a alta administração apresenta expertise e dispõe das ferramentas para compreender e gerir integralmente esses riscos e o grau de clareza sobre como e onde o banco gera seus lucros. O critério reconhece as limitações na forma que a análise de capital e rentabilidade quantifica o risco de mercado.

127. Análises adicionais do risco de mercado para bancos com operações de trading significativas podem resultar em uma classificação da posição de risco fraca. Quando o trading é uma atividade significativa, depender exclusivamente do Valor em Risco (VaR, *Value-at-Risk*) é insuficiente. Uma análise mais profunda pode incluir revisões dos resultados de testes de estresse e cenário; políticas, limites de risco, práticas, e estrutura organizacional na gestão do risco de trading; e políticas, práticas e dados de VaR suplementares de um banco. O artigo "*Lifting The Lid On Traded Market Risk*", publicado em 31 de outubro de 2006, explica como dados suplementares de VaR fornecem informações e oportunidades para se fazer comparações.

128. Na metodologia de RACF, os encargos-padrão de atividades de trading são um múltiplo de VaR de um banco, conforme utilizado pelos reguladores. Apesar das limitações conhecidas do VaR (resumidas no artigo "*Chasing Their Tails: Banks Look Beyond Value-At-Risk*", de 12 de julho de 2005), este tem a vantagem de ser amplamente disponível para instituições financeiras.

#### **4. Riscos não cobertos pelo RACF**

129. Os riscos mais comuns que o RACF não cobre são riscos de taxas de juros cambial na carteira de títulos disponíveis para venda (*banking book*) e a volatilidade dos fundos de pensão. Apesar de menos comuns, pode haver também outros riscos relevantes a um banco específico ou segmento do mercado que a estrutura de capital não incorpora. Tais riscos são substanciais se mais significativos para um banco do que para seus pares com classificação similar de risco econômico. O teste de cenário e estresse de um banco faz parte de sua gestão de risco desses e de outros passivos contingentes substanciais.

130. Além disso, uma vez que os encargos para renda variável do RACF baseiam-se essencialmente na volatilidade observada nos índices de ações de cada país, eles não se aplicam ao portfólio de ações de um banco se este apresentar maior ou menor risco do que tais índices.

##### **a) Risco de taxa de juros e cambial no *banking book***

131. A avaliação do risco de taxas de juros inclui o risco de taxa de juros estrutural, o qual provém naturalmente de linhas de negócios como empréstimos hipotecários, e o risco de taxa de juros estratégico, mantido e administrado estrategicamente por meio da gestão de ativos e passivos (ALM, *asset-liability management*).

132. A análise do risco da taxa de juros inclui uma revisão de alguns ou de todos os itens abaixo:

- A sensibilidade dos lucros projetados do banco a uma mudança nas taxas de juros ou no formato da curva de juros com base em seus próprios testes de estresse;
- O comprometimento e consciência da alta administração em estabelecer e gerenciar a magnitude do risco da taxa de juros;
- O nível da lacuna de vencimento entre ativos e passivos reprecificados; e
- A adequação da gestão de risco de um banco com base em uma revisão de seu teste de cenário e estresse, nas características opcionais de ativos ou passivos com opções de pré-pagamento ou alongamento, ou outras características comportamentais diferentes daquelas contratuais.

133. Veja mais detalhes sobre a avaliação da gestão do risco da taxa de juros na seção "IX: Metodologia: Gestão integrada de riscos";

134. A avaliação do risco cambial inclui uma análise dos lucros projetados para alterações nas taxas de câmbio com base nos próprios testes de estresse de um banco. O risco cambial decorre quando os ativos da carteira de empréstimos e o *funding* do banco são mantidos em diferentes moedas que não contam com instrumentos de hedge. A posição de risco de um banco é mais fraca quando o risco cambial é maior do que para seus pares com classificação similar de risco econômico.

## **b) Volatilidade de fundos de pensão**

135. O critério deduz do TAC os passivos não colateralizados de planos de pensão de benefício definido, incluindo deficits de pensão, se as demonstrações financeiras do banco ainda não os contabilizarem integralmente. Entretanto, o banco enfrenta um risco adicional de potenciais mudanças nos valores dos ativos e passivos dos planos, em especial para planos de pensão de benefício definido, e o RACF não captura esse risco de outra forma.

136. Esse risco adicional depende da magnitude dos passivos dos planos; das principais premissas atuariais, incluindo o fator de desconto, a expectativa de vida ou futuros aumentos salariais; e de outras variáveis, como a política de investimento e o montante de resseguro utilizado. Quando a dimensão dos passivos dos planos é grande, uma pequena alteração em uma dessas variáveis pode ter impacto substancial na solidez financeira de um banco. O relatório de avaliação (*valuation*) dos planos de pensão identifica o impacto nos passivos do plano derivados de mudanças em algumas das premissas e variáveis. Um exemplo desse teste de sensibilidade é o impacto nos passivos decorrente do aumento da expectativa de vida do participante em um ano.

137. O índice dos testes de sensibilidade em relação ao TAC é importante. A posição de risco é relativamente mais fraca quando o impacto nos passivos do regime de qualquer um dos testes de sensibilidade identificado no relatório de avaliação em relação ao TAC é maior do que o dos pares com classificação similar de risco econômico.

## **5. Evidência da experiência de perdas históricas mais fortes ou mais fracas**

138. Uma posição de risco mais forte é evidenciada por perdas recentes e projetadas relativamente mais baixas em comparação com pares com uma classificação de risco econômico e mix de produtos similares, além de um histórico de perdas melhor do que a média durante períodos de estresse econômico similares. Por outro lado, posições de risco mais fracas estão associadas a perdas acima da média comparada com pares com classificação de risco econômico e mix de produtos similares, ou um histórico de perdas pior do que a média durante períodos recentes de estresse econômico similares.

139. Os desvios em relação ao desempenho médio dos pares são explicados destacando-se as causas originárias como qualquer combinação de crescimento, concentração e complexidade, ou considerando-se como o risco específico do banco é substancialmente diferente das premissas-padrão de riscos no RACF ou do cálculo de perdas normalizadas da Standard & Poor's.

140. Os exemplos dessas diferenças substanciais podem incluir:

- Provisão de crédito e reconhecimento de perda que podem ser mais ou menos agressivos do que para os pares;
- Volatilidade no portfólio de ações do banco que pode ser menor ou maior do que os encargos RACF para renda variável na carteira de não negociação;
- Custos legais ou regulatórios ou multas que podem ser mais altos ou mais baixos do que para os pares que atuam nas mesmas linhas de negócio; ou
- Negócio de seguro relevante (representando mais de 10% do lucro) que pode ser subcapitalizado em relação ao restante do grupo.

## **H. Funding e liquidez**

141. O *funding* e a liquidez, combinados, são o sexto e último fator de rating do SACP. O modo como um banco financia seu negócio e a natureza de sensibilidade à confiança de seus passivos afetam diretamente sua capacidade de manter os volumes de negócios e atender às obrigações em circunstâncias adversas. Este critério mantém a prática anterior de combinar uma análise de *funding* e liquidez para avaliar o risco financeiro (veja mais detalhes sobre como são gerenciados os riscos de *funding* e liquidez na seção "IX. Metodologia: Gestão integrada de riscos").



142. A análise de *funding* compara a solidez e a estabilidade do mix de funding de um banco, de acordo com várias métricas, com a média da indústria doméstica (tabela 15). O critério utiliza essa média para manter a consistência com a avaliação de *funding* do BICRA.

143. A análise de liquidez tem como foco a capacidade do banco de gerenciar suas necessidades de liquidez em condições adversas de mercado e econômicas e sua probabilidade de sobrevivência por um período prolongado nessas condições. A análise é absoluta e relativa aos pares (tabela 16).

## **1. Funding**

144. A solidez relativa e a potencial volatilidade de *funding* são avaliadas por meio da análise dos passivos de um banco – ou do mix de depósitos de varejo e de atacado, empréstimos interbancários e dívidas com garantia e sem garantia nos mercados de capitais. Um banco desenvolve um mix de *funding* resultante de suas escolhas estratégicas sobre quais produtos e serviços oferecer, e das decisões de gestão de risco sobre quais opções de funding utilizar, dada a disponibilidade dos depósitos estáveis de clientes ou *funding* de longo prazo e *funding* de curto prazo de maior risco de atacado.

145. Se o banco não tem acesso ao mecanismo de *funding* do banco central, a avaliação de *funding* é limitada a abaixo da média, no máximo. Isso ocorre porque o critério considera esse mecanismo como uma importante fonte de contingência de liquidez, mas não para as operações de negócios ordinários de *funding* em base contínua. A dependência do banco de funding central de um banco é avaliada como parte da análise de liquidez.

146. O critério inicia a avaliação do perfil de *funding* de um banco utilizando seu índice de empréstimos sobre depósitos, o índice de *funding* de longo prazo, a dependência do *funding* de atacado de curto prazo e o mix de *funding* em geral. Quando não há dados reportados disponíveis para um específico banco, a análise utiliza estimativas.

147. O próximo passo é classificar os bancos dentro da indústria bancária de um país de acordo com essas métricas e comparando-as com a média da indústria, ponderadas pelos ativos. Esses índices definem a posição relativa de competidores dentro de uma indústria antes da aplicação das métricas mais qualitativas (tabela 15).

**TABELA 15**  
**AValiaÇÃO DE FUNDING**

| Descritor       | Significado   | Diretriz   |
|-----------------|---|--|
| Acima da média  | O banco apresenta métricas de <i>funding</i> mais fortes do que a média de todos os bancos do mesmo país. | Um banco com <i>funding</i> acima da média apresenta todas as características abaixo:<br>Uma fonte de <i>funding</i> de varejo consolidada, estável e diversificada (em relação ao <i>funding</i> de atacado), como, por exemplo, uma franquia de depósitos com alta porcentagem de depósitos com garantia;<br>Fontes de <i>funding</i> que são diversificadas em termos de prazo e adequadas para o perfil de ativos;<br><i>Funding</i> menos sensível à confiança. Por exemplo, o banco não depende excessivamente dos depósitos de não residentes potencialmente mais sensíveis ou do preço de mercado para atrair e reter saldos (“Hot Money” - empréstimos de curtíssimo prazo);<br>Menos <i>funding</i> de curto prazo nos mercados de capitais domésticos ou internacionais comparado à média da indústria; e<br><i>Funding</i> consistentemente mais diversificado em termos de fontes estáveis do que os pares. |
| Média           | O banco apresenta métricas de <i>funding</i> similares à média de todos os bancos do mesmo país.          | Um banco com um perfil de <i>funding</i> médio possui métricas alinhadas à média dos bancos do país e com risco da indústria bancária similar. A maioria dos bancos de um sistema bancário (mais de 60%) apresenta perfil de <i>funding</i> médio. Além disso, esta será a classificação-padrão para bancos que não atendam às descrições de <i>funding</i> acima ou abaixo da média.  |
| Abaixo da média | O banco apresenta métricas de <i>funding</i> mais fracas do que a média de todos os bancos do mesmo país. | Um banco com <i>funding</i> abaixo da média apresenta três ou mais das características indicadas abaixo;<br>Dependência significativa de <i>funding</i> de atacado, incluindo <i>funding</i> de atacado de curto prazo;<br>Fontes de <i>funding</i> não diversificadas por prazo e, mais importante, não adequadas para o perfil de ativos;<br><i>Funding</i> sensível à confiança (i.e., o banco depende de depósitos de não residentes potencialmente mais sensíveis ou do preço de mercado para atrair e reter saldos (“hot money”); e<br>Mais <i>funding</i> de curto prazo nos mercados de capitais domésticos ou internacionais do que a média da indústria; e<br><i>Funding</i> menos diversificado entre as fontes estáveis comparado aos pares.   |

**QUADRO 1**  
**EXEMPLOS DE BANCOS COM FUNDING ACIMA DA MÉDIA**

- Alguns bancos asiáticos com um índice de empréstimos sobre depósitos de clientes entre 60%-70% (em comparação com 80%-90% do sistema bancário) e empréstimos de atacado de curto prazo insignificantes;
- Alguns bancos de poupança na Europa com depósitos de varejo que estão 100% segurados (caso não estejam incluídos na avaliação de *funding* do BICRA); e
- Bancos regionais de pequeno porte dos Estados Unidos, principalmente com depósitos internacionais segurados, que mantêm um índice de empréstimos sobre depósitos entre 60%-70% (versus 80%-90% para bancos regionais maiores), empréstimos de atacado de curto prazo insignificantes; e flexibilidade de *funding* por meio da participação em programas de empréstimos garantidos do FHLB.

BICRA (*Banking Industry Country Risk Assessment*): Avaliação do Risco da Indústria Bancária de um País. FHLB - Federal Home Loan Banks.

© Standard & Poor's 2011.

## 2. Liquidez

148. Os principais diferenciais de liquidez são a dependência relativa de um banco ao *funding* do banco central e sua capacidade de acessar outras fontes de liquidez (tabela 16). A liquidez enfraquece-se progressivamente à medida que uma instituição depende cada vez mais do suporte de *funding* por parte das autoridades monetárias. Isso ocorre porque o *funding* de outras fontes não está disponível ou é excessivamente caro, em particular se outros bancos não vêm utilizando os recursos na mesma medida.

149. O critério utiliza os índices-padrão de liquidez. Alguns índices não estarão disponíveis para alguns bancos em função das diferenças em termos de divulgação pública de informações nos diferentes países. No entanto, dois índices de liquidez devem estar disponíveis para todos os bancos: ativos líquidos sobre *funding* de atacado e ativos líquidos sobre depósitos de clientes. Quando há dados mais detalhados disponíveis, a análise também considera os seguintes índices: ativos líquidos sobre *funding* de atacado de curto prazo, e *funding* de atacado de curto prazo sobre *funding* de atacado total.

**TABELA 16**  
**AValiação de liquidez: Forte, Adequada, Moderada**

| Descritor | Significado  | Diretrizes (parágrafos 143–161)   |
|-----------|--|---|
| Forte     | O banco é capaz e está preparado para administrar com êxito a sua liquidez, e pode sobreviver em condições de estresse durante 12 meses sem significativa dependência de <i>funding</i> – geralmente inferior a 10% – do Banco Central.  | Índices de liquidez e indicadores de mercado são mais fortes do que os da grande maioria dos demais bancos do mesmo país (parágrafo 148).<br><br>As fontes de liquidez de curto prazo cobrem os usos de curto prazo em ao menos 1,2x.<br>Especificamente, o banco pode sobreviver sem acesso ao <i>funding</i> de mercado nos próximos 12 meses.<br>Planos de contingência para condições adversas incluem penhorar garantias no banco central para aumentar a liquidez, se o acesso ao mercado continuar restrito por mais de 12 meses, mas não como fonte significativa de liquidez.<br>Não há necessidades amplas ou incomuns de liquidez para os próximos 12-24 meses.<br>O banco aplica cenários de estresse abrangentes para identificar o limite máximo e a magnitude dos passivos contingentes (veja o parágrafo 129 em exposição ao risco).<br>Os passivos contingentes não são relevantes e são facilmente identificados (veja o parágrafo 129 em exposição ao risco).  |
| Adequada  | O banco é capaz e está preparado para administrar com êxito sua liquidez, e provavelmente é capaz de sobreviver em condições de estresse por mais de seis meses, mas com a possibilidade de que a dependência de <i>funding</i> do banco central possa se tornar significativa, geralmente inferior a 25%, após os primeiros seis meses. | Os índices de liquidez e indicadores de mercado não identificam o banco como atípico em relação aos bancos do mesmo país (parágrafo 148). Fontes de liquidez de curto prazo parecem cobrir os usos de curto prazo.<br>Especificamente, o banco pode sobreviver sem acesso ao <i>funding</i> de mercado nos próximos seis meses.<br>Planos de contingência para condições adversas incluem penhorar garantias no banco central para aumentar a liquidez se o acesso ao mercado permanecer limitado por mais de seis meses, e pode se tornar uma fonte importante, mas não significativa, de liquidez.<br>Não há necessidades amplas ou incomuns de liquidez nos próximos 12-24 meses.<br>O banco aplica cenários de estresse abrangentes para identificar o limite máximo e o tamanho dos passivos contingentes (veja o parágrafo 129 em exposição ao risco).<br>Os passivos contingentes são identificados e levados em consideração (veja o parágrafo 129 dentro em exposição ao risco).   |
| Moderada  | O banco é menos capaz e preparado para administrar sua liquidez. É menos provável que possa sobreviver em condições adversas por mais de seis meses sem forte dependência – até 25%-50% – do banco central.  | Os índices de liquidez ou os indicadores de mercado podem indicar que o banco possui liquidez mais fraca do que outros bancos do mesmo país (parágrafo 145). Fontes de liquidez de curto prazo podem não cobrir os usos de curto prazo se surgirem condições adversas de mercado e econômicas.<br>Especificamente, o banco pode não ser capaz de sobreviver sem acesso ao <i>funding</i> de mercado nos próximos seis meses sem dependência significativa de <i>funding</i> do banco central.<br>Planos de contingência para condições adversas incluem penhorar garantias no banco central para aumentar a liquidez se o acesso ao mercado permanecer limitado por mais de seis meses, o que pode se tornar uma fonte muito importante de liquidez.<br>Sem necessidades amplas ou incomuns de liquidez em condições benéficas nos próximos 12-24 meses, mas as necessidades podem se tornar relevantes em condições adversas.<br>Um banco com liquidez moderada pode ser avaliado com um SACP na categoria 'bb' ou 'bbb' se dispor de um plano confiável em vigor para solucionar a deficiência de liquidez, que provavelmente resultaria em uma liquidez fraca ou muito fraca no curto a médio prazo. |

**TABELA 16****AVALIAÇÃO DE LIQUIDEZ: FORTE, ADEQUADA, MODERADA. CONT.**

| Descritor   | Significado  | Diretrizes (parágrafos 143–161)  |
|-------------|--|--|
| Fraca       | O banco é incapaz de ou está despreparado para administrar a liquidez sem suporte extraordinário do banco central, que é superior a 50% e deve estar disponível o tempo necessário para corrigir os desequilíbrios.                    | Os índices de liquidez ou os indicadores de mercado podem indicar que o banco possui liquidez visivelmente mais fraca do que seus pares (parágrafo 148). Há sinais de que o banco tenha acesso restrito, porém inferior, ao <i>funding</i> não garantido de contrapartes comparado a outros bancos com classificação similar de risco da indústria bancária.<br>O <i>funding</i> do banco central é uma fonte muito importante de liquidez. Embora o banco dependa temporariamente do governo ou de linhas de liquidez do banco central, essa dependência provavelmente diminuirá nos próximos seis meses.<br>Há necessidades amplas ou incomuns de liquidez para os próximos 12-24 meses, mas que o banco ou o suporte externo podem gerenciar com uma ação corretiva. Um banco com liquidez fraca pode ser avaliado com um SACP na categoria 'b' ou mesmo 'bb' se dispuser de um plano confiável para resolver sua restrição de liquidez, a qual o critério entende que provavelmente resultaria em liquidez moderada no curto a médio prazo.<br>A gestão da liquidez parece agressiva e o plano de contingência, inadequado. A gestão de riscos é lenta ao responder ao aumento de fontes de <i>funding</i> mais sensíveis. |
| Muito fraca | O banco é incapaz de ou está despreparado para gerenciar sua liquidez em condições econômicas e de mercado adversas sem suporte extraordinário do banco central, o qual está disponível e representa mais de 50%, mas pode ser finito. | Os índices de liquidez ou os indicadores de mercado podem indicar que o banco apresenta liquidez visivelmente mais fraca do que outros bancos do mesmo país (parágrafo 148). O banco não pode acessar <i>funding</i> não garantido de contrapartes. Para um refinanciamento, o banco depende do governo ou de linhas de liquidez do banco central, e não está claro se o banco pode captar recursos de forma independente no mercado nos próximos seis meses.<br>A dependência de <i>funding</i> do banco central é maior do que para outros bancos do país.<br>Há suporte de liquidez extraordinário dos bancos centrais ou dos governos disponível atualmente, mas tal suporte pode ser finito.<br>Há necessidades amplas ou incomuns de liquidez para os próximos 12-24 meses. Um banco com liquidez muito fraca pode ser avaliado com um SACP na categoria 'cc' ou 'ccc' se dispuser de um plano confiável em vigor para resolver sua restrição de liquidez, o que o critério entende que provavelmente resultaria em uma liquidez fraca no curto a médio prazo. O banco está despreparado para uma crise de liquidez ou apresenta fontes de liquidez de emergência inadequadas ou questionáveis.                          |

150. As avaliações de *funding* e liquidez são combinadas para determinar o impacto no SACP (tabela 17). Mesmo se o *funding* de um banco for acima da média, seu SACP pode ser limitado se o seu perfil de liquidez for considerado moderado ou mais fraco.

**TABELA 17**  
**IMPACTO NO SACP DA COMBINAÇÃO DAS AVALIAÇÕES DE FUNDING E LIQUIDEZ**

| Descritor | LIQUIDEZ        |          |          |                        |                       |                        |
|-----------|-----------------|----------|----------|------------------------|-----------------------|------------------------|
|           | Forte           | Adequada | Moderada | Fraca                  | Muito Fraca           |                        |
| FUNDING   | Acima da média  | +1       | 0        | -1<br>limitado a 'bbb' | -2<br>limitado a 'bb' | -5<br>limitado a 'ccc' |
|           | Médio           | 0        | 0        | -1<br>limitado a 'bbb' | -2<br>limitado a 'bb' | -5<br>limitado a 'ccc' |
|           | Abaixo da média | -1       | -1       | -1<br>limitado a 'bb'  | -2<br>limitado a 'b'  | -5<br>limitado a 'cc'  |

© Standard & Poor's 2011.

151. Ao comparar os usos e fontes de liquidez, a análise considera diferentes períodos de sobrevivência – e.g. 30 dias, de três a seis meses, e 12 meses – porque não há como dizer quanto tempo distúrbios no mercado ou desacelerações econômicas podem persistir. Quando relevante, a análise inclui o potencial para descasamentos entre a moeda local ou estrangeira. Além disso, contingências não contratuais ou de reputação resultantes da necessidade percebida pela administração para preservar o valor da franquia são importantes. Os exemplos incluem:

- A recompra de commercial papers antes do vencimento;
- Resgate de dívida de longo prazo na primeira data de resgate, apesar de não ter nenhuma obrigação contratual de fazê-lo;
- Provisão de suporte aos fundos money market, securitizações, bonds com opção de venda, títulos a taxa definida em leilão (ARS, auction rate securities);
- Suporte de ativos em mercados secundários como formador de mercado (market maker); ou
- Proteger os investidores de perdas com securitizações lastreadas por ativos originadas por um banco.

152. O critério raramente trata a liquidez de um banco como forte, mesmo quando esta é bem administrada, pois uma das principais fontes de liquidez contingente baseia-se no suporte do banco central ou das autoridades monetárias. Em outras palavras, os bancos não são totalmente autossuficientes. A alta alavancagem e descasamentos de vencimentos de ativos e passivos – dado o papel fundamental da maioria dos bancos na transformação de vencimentos – os tornam sensíveis à confiança. Isso significa que um banco depende fortemente da confiança dos depositantes para evitar ter de repagar todos os passivos de depósitos dentro do prazo contratual (também conhecido como uma “corrida aos bancos”). Como uma parte central do plano de contingência para um evento como esse, muitos bancos dependem do suporte de terceiros, sobretudo do banco central ou das autoridades monetárias. Em todos os casos, exceto os mais excepcionais, o critério considera essa dependência de terceiros para cobrir as exigências contingentes de liquidez como aceitável para uma avaliação adequada, na melhor das hipóteses, para bancos avaliados com grau de investimento.

153. Uma avaliação de liquidez forte, no entanto, tem maior probabilidade de fazer uma diferença real no risco de *default* para um banco mais fraco. Se apresentar liquidez considerável, o banco geralmente consegue evitar um *default* por um período mais longo de tempo do que os bancos avaliados com grau especulativo e liquidez adequada ou fraca.

154. Instituições financeiras sem acesso formal a *funding* do banco central restringem sua exposição a chamadas de curto prazo de liquidez ou dependem excessivamente da liquidez de ativos e de linhas de crédito bancárias comprometidas para cobrir suas necessidades de liquidez. Dessa forma, uma instituição financeira não bancária que não tenha acesso à liquidez do banco central pode apresentar liquidez mais forte do que um banco regulado.

#### **a) Comparando usos e fontes de liquidez**

155. A análise busca encontrar um equilíbrio entre os usos contingentes e esperados de liquidez de um banco e suas fontes de liquidez confiáveis diante de condições adversas econômicas e de mercado. As duas subseções a seguir explicam a avaliação do critério com relação aos usos e fontes de liquidez.

156. Dada a natureza contingente das necessidades de liquidez de um banco, a análise da liquidez tem como foco avaliar como um banco mensura e gerencia passivos sob diferentes estresses, e menos nas medidas e índices específicos baseados em contabilidade. Dimensionar os usos de liquidez é complicado pelas escolhas que os bancos costumam oferecer a clientes e contrapartes. Por exemplo, os depositantes podem muitas vezes retirar seus recursos quando necessitam ou em um prazo relativamente curto, os investidores institucionais são livres para decidir se mantêm ou não seu *funding*, e os clientes podem sacar linhas de crédito comprometidas a qualquer momento. Enquanto isso, nos contratos de derivativos, as mudanças nos preços de mercado ou na percepção de crédito podem aumentar as exigências para pedidos de chamadas de margem e de garantia.

157. Se as fontes de liquidez forem confiáveis, é possível determinar quanta liquidez de ativos livre de ônus existe no balanço de um banco, bem como avaliar a solidez dos compromissos de liquidez com o banco advinda de outras contrapartes, mesmo diante de condições adversas. Uma parte implícita dessa avaliação é a solidez da estrutura e controles da gestão de riscos de liquidez de um banco, levando em consideração o tipo de negócio que realiza e os mercados em que opera.

#### **b) Usos de liquidez**

158. A análise avalia os seguintes potenciais usos de caixa para determinar as obrigações de curto prazo contratuais e contingentes de um banco:

- Fuga e retirada de depósitos. A estabilidade dos depósitos leva em conta a composição dos depósitos: garantidos versus não garantidos, internacionais versus domésticos, corporativos versus varejo, com base em relacionamentos versus em taxas. Em todos os casos, o primeiro é mais estável do que o segundo;
- Fuga de recursos de outros clientes, como saldos de crédito livres de corretoras de valores.
- Uso de linhas de crédito comprometidas. A capacidade do banco de reduzir os limites e a extensão das linhas comprometidas disponíveis dos clientes;
- O perfil de vencimento dos passivos de investidores institucionais. Incapacidade de refinarar empréstimos não garantidos de curto prazo (e.g. *commercial paper*, certificados de depósito, notas promissórias) ou de refinarar vencimentos de dívida não garantida de longo prazo;
- Incapacidade determinada pelo mercado de refinarar vencimentos de dívida garantida de curto prazo ou acordos de recompra. Ou seja, o mercado pode exaurir totalmente títulos de qualidade inferior ou, na ausência destes, buscar margens mais altas, exigências de garantia, ou spreads de crédito;
- Aumentos de margem e exigências de garantia específicos à empresa ou determinados por crédito, por exemplo, resultantes de um descumprimento dos gatilhos (*triggers*) de rating;
- Atritos de liquidação à medida que as contrapartes disputam cada vez mais por avaliações de marcação a mercado e atrasam pagamentos;
- Incapacidade de refinarar vencimentos de securitizações lastreadas por ativos revolvendo;
- Regates de garantias a terceiros não relacionados, tais como cartas de crédito *standby*, garantias de performance, indenizações referentes a empréstimos de valores mobiliários e garantias de custódia;
- Pagamentos de suporte a afiliadas, incluindo aqueles exigidos pela regulação; garantias; e acordos financeiros entre as partes ("*keepwell agreements*") ou de suporte;
- Compromissos de capital em joint ventures;
- Penalidades resultantes de sanções regulatórias; e
- Decisões ou acordos relativos a litígios.

#### **c) Fontes de liquidez**

159. A análise das fontes de liquidez de um banco tem com foco a confiança, classificada de acordo com a dependência.

160. Para os fins da tabela 16, o critério inclui as seguintes fontes:

- Saques de caixa irrestrito e depósitos de curto prazo;
- Linhas de liquidez no sistema, disponibilizadas pelos bancos centrais ou por outras de fontes do governo, tanto regulares quanto as extraordinárias, determinadas por ativos livres de ônus que o banco central qualificaria como garantia e liquidez disponíveis em troca desses ativos após os cortes (*haircuts*) do banco central;
- Saque de linhas de crédito comprometidas, sujeitas a cláusulas contratuais restritivas (*covenants*) e considerações básicas;

- A venda ou recompra de títulos líquidos não onerados de alta qualidade no mercado aberto. Como os bancos possuem diferentes premissas para o que se qualifica como líquido, este critério visam entender e compará-las às do critério de valor de mercado para avaliar operações lastreadas por títulos;
- Nos grupos corporativos, a capacidade de acessar recursos das afiliadas na forma de adiantamentos ou de capital, sujeitos a restrições regulatórias e de *covenants*;
- Liquidação de adiantamentos de curto prazo a outras instituições financeiras e acordos de recompra;
- Caixa disponível de adiantamentos vincendos a clientes;
- Acesso aos mercados de dívida e de capitais na medida do possível;
- Acesso a mercados de securitização ou de *covered bonds* por meio de estruturas estabelecidas ou programas de vendas de ativos; e
- Vendas de carteiras.

161. Quando dados regulatórios ou contábeis existem, o objetivo do critério é quantificar o equilíbrio entre os usos e as fontes de liquidez.

## VIII. METODOLOGIA: ESTRUTURA DE SUPORTE DO GOVERNO

162. O critério de estrutura de suporte incorpora aos ratings de um banco a probabilidade de suporte do governo ou do grupo controlador com base em uma avaliação da relação entre as partes. Esta seção (parte VIII) do critério e o artigo de critério “Ratings de Entidades Vinculadas a Governos (GREs, na sigla em inglês para *Government-Related Entities*): Metodologia e Premissas”, de 25 de março de 2015, abordam o suporte do governo, enquanto a “Metodologia de rating de grupo”, de 19 de novembro de 2013, trata do suporte do grupo. (Veja detalhes da ALAC como fonte adicional de suporte externo na “Metodologia e premissas de ratings de bancos: Capacidade adicional de absorção de perdas”, de 27 de abril de 2015). A probabilidade de suporte do governo é incorporada tanto no SACP quanto no ICR (gráfico 4).

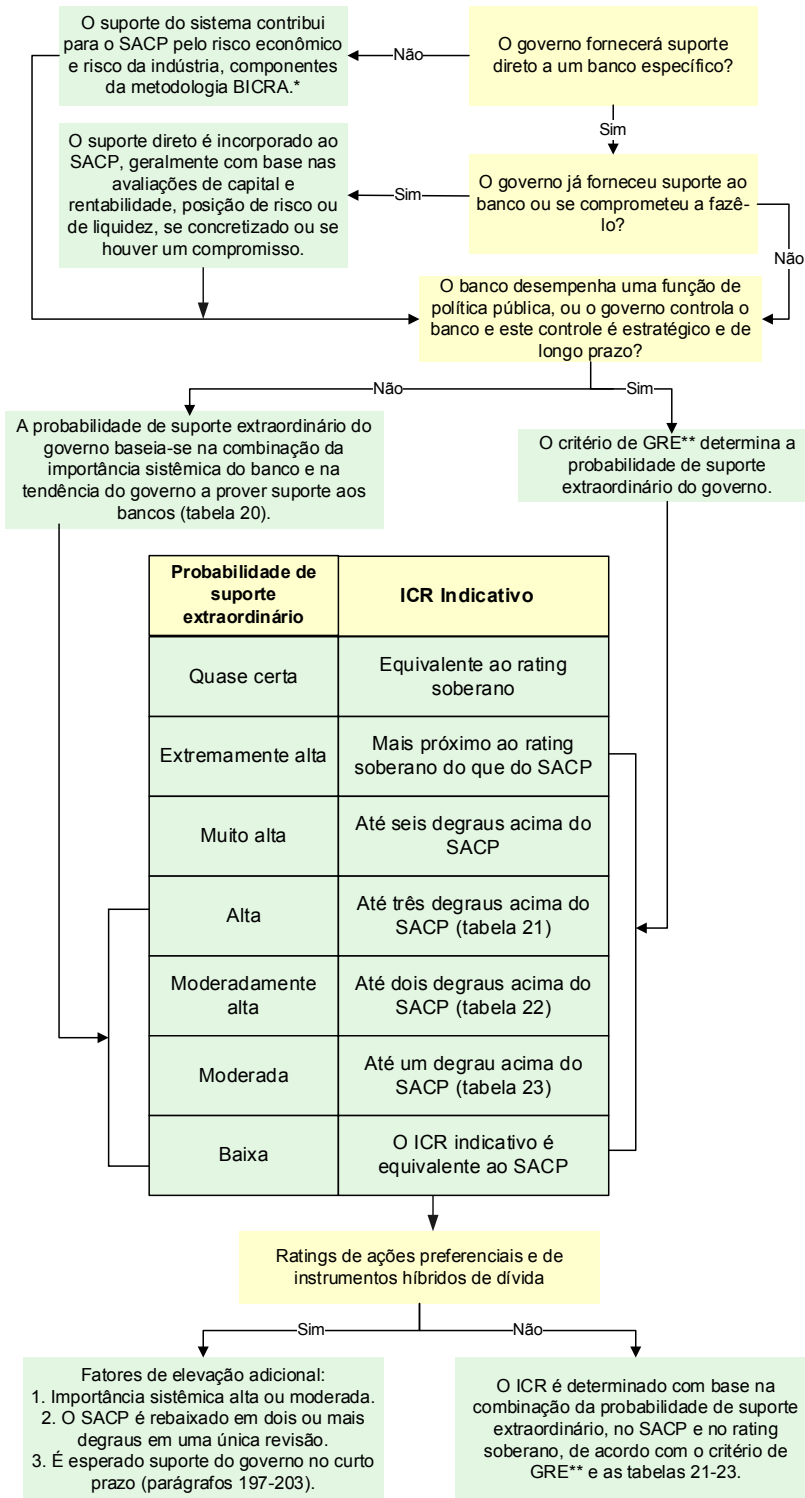
163. A influência do governo nos bancos é normalmente positiva para a qualidade de crédito soberana, mas ocasionalmente é negativa. Um governo pode optar por fornecer suporte a um banco mesmo que este prejudique a qualidade de crédito soberana. Foi o caso da Irlanda em 2010. (Consulte “*Republic of Ireland Long-Term Rating Lowered To ‘AA-’ On Higher Banking Sector Fiscal Costs*”, de 24 de agosto de 2010.)

164. Para instituições financeiras vinculadas ao governo que desempenhem um papel político público ou na qual a participação acionária do governo é estratégica e de longo prazo, a probabilidade de suporte é avaliada com base na metodologia para ratings de entidades vinculadas a governos (consulte “Ratings de Entidades Vinculadas a Governos (GREs, na sigla em inglês para *Government-Related Entities*): Metodologia e Premissas”, de 25 de março de 2015). A importância do banco para o governo e a solidez do vínculo entre o governo e o banco determinam a probabilidade de suporte do governo.

165. Para um banco comercial do setor privado (que não se qualifica para ser caracterizado como uma GRE), o critério avalia a probabilidade de suporte do governo utilizando as avaliações tanto da “importância sistêmica” do banco, ou seja, em manter a confiança geral no sistema financeiro, quanto da tendência do governo de dar suporte a bancos comerciais do setor privado. A motivação dos governos a oferecer suporte a bancos comerciais do setor privado não é tão clara como para GREs. Os governos atuam para dar suporte às suas economias e aos sistemas financeiros nacionais. Isso geralmente resulta em proteção adicional aos credores seniores de bancos comerciais sistemicamente importantes, embora o vínculo não seja de forma alguma certo.

166. O provável suporte extraordinário do governo a um banco comercial do setor privado não é de forma alguma certo. Essa incerteza significa que uma elevação decorrente de suporte nunca resultará na equiparação dos ratings de um banco não vinculado ao governo e ao rating soberano por conta de outras variáveis. Por exemplo, o governo pode:

- Ser menos capaz de fornecer suporte a uma série de bancos em uma crise financeira nacional em função das restrições de seu próprio balanço ou porque um banco pode ser de grande porte em relação à economia doméstica;
- Estar menos disposto a prover suporte financeiro se a crise específica afetar um determinado banco, em vez de todos os bancos do sistema financeiro nacional, e ter implicações indiretas limitadas em todo o sistema;
- Mudar sua atitude no sentido de dar suporte ao setor bancário ao longo do tempo; ou
- Não fornecer suporte a tempo de evitar um *default* ou dar suporte que não cubra totalmente os credores seniores.



\*Consulte a "Metodologia e premissas para avaliação do risco da indústria bancária de um país", 9 de novembro de 2011.

\*\*"Ratings de Entidades Vinculadas a Governos (GRES, na sigla em inglês para Government-Related Entities): Metodologia e Premissas", 25 de março de 2015.



## A. Incorporando o suporte do governo ao SACP

167. O SACP inclui quatro tipos de suporte ou de interferência negativa do governo:

- O suporte do sistema consiste naquele fornecido pelo governo a todos os bancos em um sistema financeiro. Esse tipo de suporte é avaliado como parte da análise de risco econômico e de risco da indústria bancária na metodologia BICRA.
- O suporte direto é aquele fornecido por um governo a um banco específico em crise. Ele pode se manifestar e, portanto, ser avaliado, nos fatores do SACP da posição de negócios, capital e rentabilidade, posição de risco ou de *funding* e liquidez.
- A interferência do governo pode ocorrer na forma de empréstimos direcionados e medidas que geram distorções de mercado. Esses são refletidos no risco da indústria bancária na metodologia BICRA e na posição de negócios e de risco no SACP.
- Suporte adicional de curto prazo para bancos com importância sistêmica alta ou moderada.

### 1. Suporte do sistema

168. Este critério incorpora o suporte do sistema no SACP. Os governos fornecem suporte a seus sistemas financeiros para limitar os danos de longo prazo de uma crise bancária na economia. Os governos fornecem suporte do sistema a instituições financeiras por meio da infraestrutura legal, da estrutura regulatória bancária, e de seu papel no *funding* de bancos e na manutenção da confiança no sistema financeiro. O suporte do sistema tem por objetivo preservar a confiança no sistema financeiro do país, especialmente durante períodos de estresse econômico.

169. Este critério considera qualquer suporte disponível ao sistema como um todo como suporte do sistema, seja este contínuo ou extraordinário. Nos últimos anos, houve muitos casos de suporte do sistema de natureza extraordinária e não contínuo. Entre os exemplos estão o aumento nos seguros de depositantes, liquidez garantida pelo governo e programas de dívida, e a elegibilidade de ativos de menor qualidade como colateral no banco central.

170. A metodologia BICRA avalia o suporte do sistema, o qual contribui diretamente para o SACP por meio dos fatores de rating de risco econômico e de risco da indústria bancária. Portanto, de acordo com a metodologia BICRA, as mudanças no suporte de um governo ao sistema financeiro do país podem resultar em mudanças no SACP de bancos com exposição a esse país.

### 2. Suporte direto

171. O critério incorpora o suporte direto ao SACP. Os governos podem fornecer suporte direto a um banco específico provendo liquidez ou injeções de capital, ou comprando ou garantindo ativos de maior risco. Essas medidas podem fortalecer as características de crédito específicas do banco. Este critério visa quantificar esse suporte direto e incorporá-lo ao fator de rating relevante: capital e rentabilidade, posição de risco, ou *funding* e liquidez.

172. O suporte direto é incorporado ao SACP uma vez que o governo tenha assumido o compromisso de provê-lo. O critério trata o suporte do governo como comprometido quando recebeu as aprovações políticas apropriadas, como do Congresso ou do Parlamento. Em alguns países, existem leis para dar à administração a autoridade para agir sem aprovações adicionais.

173. Entretanto, é improvável que o suporte direto eleve o SACP do banco ao nível registrado antes de começarem as dificuldades. A posição de negócios do banco provavelmente será mais fraca do que antes do estresse. A franquia terá sido prejudicada e o risco de execução permanecerá para o banco ao contornar a crise e retornar à independência.

## GRÁFICO 5

### EXEMPLO DE SUPORTE DO SISTEMA E SUPORTE DIRETO

Este critério pode concluir que o suporte do governo abrange elementos de suporte ao sistema e de suporte direto. Esse pode ser o caso, por exemplo, de programas sistêmicos nos quais os bancos devem se inscrever para participar. Se esse for o caso, o banco participante pode se beneficiar do suporte do sistema e do suporte direto, de acordo com o critério. O suporte do sistema pode proporcionar estabilidade para a classificação de risco da indústria bancária na avaliação do SACP e pode mitigar outros pontos fracos, como o *funding* ou estrutura institucional. O suporte direto pode contribuir para uma elevação do SACP do banco. O Plano de Proteção de Ativos (*Asset Protection Scheme*) do Reino Unido e o Programa de Empréstimos de Títulos Lastreados por Ativos (TALF, *Term Asset Liquidity Funding*), nos EUA, são exemplos de programas do sistema. Em ambos os casos, os governos soberanos forneceram alívio de capital a todos os bancos de seus sistemas financeiros, oferecendo garantia contra perdas em grupos específicos de ativos.

De acordo com o critério, os programas de *funding* do sistema, como os mencionados acima, afetariam positivamente o papel do governo na avaliação do risco da indústria bancária do BICRA. Além disso, o uso desses recursos afeta o SACP de um banco se melhorar, por exemplo, os índices de capital de um banco. Por fim, o critério avalia a probabilidade de suporte extraordinário no futuro, o que contribuirá para o cálculo da elevação relativa ao suporte.

© Standard & Poor's 2011.

### 3. Interferência do governo

174. Várias medidas do governo podem enfraquecer a qualidade de crédito de um banco ao criar distorções e ineficiências. Essas podem assumir várias formas, incluindo medidas do governo que influenciam as decisões de negócios de um banco. Dois exemplos específicos são empréstimos direcionados e a criação de distorções do mercado.

175. **Empréstimos direcionados.** Os governos podem intervir por meio de participação acionária ou regulação e orientar os bancos a concederem empréstimos para tomadores ou setores específicos para fins políticos. Esse tipo de intervenção, chamado de crédito direcionado, é um fator de rating negativo para o SACP e se reflete no fator de rating da posição de negócios (tabela 6). Empréstimos com base na avaliação do banco da capacidade de pagamento do tomador geralmente levam a perdas de crédito inferiores àquelas baseadas nas orientações de um governo. Consequentemente, as perdas de crédito relacionadas a empréstimos direcionados serão superiores à média da indústria para classes de ativos específicos, o que é avaliado no fator de rating da posição de risco (tabelas 12-13).

176. **Distorções de mercado.** Um governo pode também influenciar a natureza da concorrência em um mercado bancário. Bancos detidos ou controlados pelo governo podem competir em termos não econômicos, forçando um ambiente de margem estruturalmente baixa em todo o setor. O BICRA aborda as distorções de mercado no risco da indústria bancária como parte da consideração das dinâmicas competitivas. Portanto, reflete-se no SACP-âncora de um banco.

### 4. Suporte adicional de curto prazo

177. Se o SACP de um banco com importância sistêmica alta ou moderada declinar rapidamente (em mais de dois degraus em uma única análise) e a Standard & Poor's esperar que o governo forneça suporte adicional de curto prazo, o critério permite uma elevação temporária adicional do SACP (parágrafos 197-203).

## B. Incorporando o suporte do governo ao ICR indicativo

178. No caso de uma avaliação positiva de probabilidade de “suporte extraordinário futuro” do governo soberano a uma banco em crise, o critério pode permitir o acréscimo de um ou mais degraus ao SACP como “elevação por suporte” a fim de determinar o ICR indicativo. Por outro lado, o governo pode não oferecer tal suporte. Consequentemente, o ICR indicativo será o mesmo que o SACP.

179. O ICR indicativo resulta dos degraus acrescidos pela elevação do SACP decorrente do suporte. A metodologia para incorporar suporte extraordinário do governo e no suporte do grupo consiste em quatro passos (gráfico 6) (veja detalhes da ALAC como fonte adicional de suporte externo na “Metodologia e premissas de ratings de bancos: Capacidade adicional de absorção de perdas”, de 27 de abril de 2015).

- Primeiramente, avaliar a probabilidade de suporte extraordinário futuro do governo.
- Em segundo lugar, avaliar a probabilidade de suporte extraordinário futuro do grupo (consulte “Metodologia de rating de grupo”, de 19 de novembro de 2013).
- Em terceiro lugar, utilizar o resultado mais alto obtido do primeiro e segundo passos.
- Em quarto lugar, aplicar os critérios apresentados nos parágrafos 206-212 ao ICR indicativo do banco.

## GRÁFICO 6 ESTRUTURA DE SUPORTE

O rating de crédito de emissor indicativo (ICR) resulta do acréscimo de degraus pela elevação do perfil de crédito individual (SACP) com base no suporte

Passo 1 – Determinar quantos degraus acrescentar ao SACP pela probabilidade de suporte extraordinário futuro do governo (tabelas 20-23)

Passo 2 – Determinar quantos degraus acrescentar ao SACP pela probabilidade de suporte extraordinário futuro do controlador ou de uma afiliada do grupo de uma subsidiária (consulte “Metodologia de rating de grupo”, 19 de novembro de 2013)

Passo 3 – Utilizar o resultado mais alto entre os passos 1 e 2 para determinar quantos degraus somar ao SACP para calcular o ICR indicativo

Passo 4 – Aplicar os critérios apresentados nos parágrafos 206-212 ao ICR indicativo de um banco

© S&P Global Ratings 2017.

180. Diante de uma crise financeira, os governos muitas vezes – mas nem sempre – proveem suporte adicional para proteger a confiança em sua economia, com a expectativa de que o custo desse suporte adicional seja menos prejudicial à economia em geral do que permitir a falência de bancos. As instituições financeiras, em especial os bancos, desempenham funções cruciais de salvaguardar as poupanças nacionais, alocando poupanças e depósitos a empresas e indivíduos, sob a forma de empréstimos e investimentos, e atuando como intermediárias e agentes em transações financeiras. Os governos implementam a política monetária por intermédio da indústria bancária. Eles também mantêm acordos de empréstimos para bancos equilibrarem seus livros diariamente e atenderem às necessidades de liquidez de curto prazo. Muitos governos regulam de perto os bancos e a maioria das outras instituições financeiras a fim de garantir que a indústria como um todo possa desempenhar essas funções cruciais de forma a manter a confiança da qual depende o sistema financeiro moderno.

181. Os bancos normalmente recebem ajuda de um grupo controlador ou do governo – mas não de ambos. Consequentemente, se o banco for uma subsidiária, sua qualidade de crédito é determinada com base tanto no critério de suporte do governo quanto do grupo. O ICR indicativo é aquele mais forte resultante da primeira ou da segunda abordagem. O ICR pode ser superior ao rating em moeda estrangeira do governo soberano de domicílio do banco apenas se este atender às condições listadas no parágrafo 209. É possível que o SACP ou o ICR indicativo baseado no suporte do grupo sejam mais fortes do que o rating em moeda estrangeira do governo soberano onde o banco está domiciliado.

182. O critério para determinar a elevação do rating a partir da expectativa de suporte extraordinário do governo abrange cinco passos:

- Primeiramente, determinar o grau de importância sistêmica de um banco (seção 1);
- Em segundo lugar, determinar a tendência do governo de suportar bancos privados (seção 2);
- Em terceiro lugar, determinar a probabilidade de o governo oferecer suporte a um banco específico (seção 3);
- Em quarto lugar, determinar se o suporte adicional de curto prazo está disponível (seção 4); e
- Em quinto lugar, vincular ratings de bancos com suporte do governo ao rating soberano (seção 5).

183. A importância sistêmica de um banco comercial do setor privado é classificado como “alta”, “moderada” ou “baixa”, conforme definido abaixo. A tendência de suporte do governo a tal banco é dividida em três categorias: “altamente *supportive*” (i.e. que tende a prover suporte), “*supportive*” e “incerta”. O critério então combina as duas classificações para determinar a probabilidade de suporte direto do governo no futuro (tabela 20).

## 1. Importância sistêmica

184. A importância sistêmica consiste no grau em que a falência de um banco impacta todo ou parte do sistema financeiro e a economia real do país onde a instituição opera. Um banco possui importância sistêmica alta, moderada ou baixa. Um banco avaliado com importância sistêmica alta ou moderada pode não receber suporte em um momento de estresse, uma vez que é impossível assegurar que o governo soberano fornecerá tal suporte. Por outro lado, no caso de uma crise, o governo pode decidir prover suporte a um banco, embora este possa apresentar baixa importância sistêmica. Um banco não é automaticamente classificado com importância sistêmica alta, moderada ou baixa se o governo ou os participantes do mercado local se referirem a ele dessa maneira. A classificação da Standard & Poor's será determinada de acordo com este critério (consulte a tabela 18 e os parágrafos 185-190).

185. **Alta importância sistêmica.** A falência de um banco classificado com importância sistêmica alta provavelmente terá um forte impacto adverso no sistema financeiro e na economia real. Em particular, um banco apresenta importância sistêmica alta se houver probabilidade de *default* de suas obrigações *senior unsecured* enfraquecer o sistema financeiro do país, limitar a disponibilidade de crédito para o setor privado e desencadear um estresse financeiro significativo em várias outras instituições financeiras.

186. Embora o porte não seja o único fator determinante, um banco com importância sistêmica alta normalmente será aquele que mantém uma participação substancial de mercado – normalmente acima de 10%, particularmente no setor bancário de varejo –, com uma posição de liderança e reconhecimento da marca no país. A importância sistêmica alta também é um fator do nível de interconexão, ou vínculos de uma instituição financeira com outras partes do sistema financeiro. Por exemplo, o banco pode ser uma contraparte significativa no país e no sistema financeiro internacional ou desempenhar um papel fundamental no sistema de pagamentos nacional, de tal forma que a sua falência leve a uma perda de confiança no sistema financeiro e a perdas significativas entre outras contrapartes no mercado. Além desses fatores, um banco pode ter importância sistêmica alta porque nenhuma outra instituição pode desempenhar seu papel fundamental na economia se ele falir.

187. **Importância sistêmica moderada.** A falência de um banco classificado com importância sistêmica moderada deve ter um impacto adverso substancial, mas gerenciável, no sistema financeiro e na economia real. Em particular, um banco apresenta importância sistêmica moderada se for provável que um default de suas obrigações *senior unsecured* levará a uma desestruturação no fornecimento de serviços financeiros a uma região ou setor da economia específicos.

188. Um banco com importância sistêmica moderada deve manter uma participação de mercado significativa no setor bancário de varejo no âmbito nacional ou ser um provedor líder de serviços bancários em uma região ou setor específicos que desempenhem um papel significativo na economia. As implicações sistêmicas de um *default* de tal banco serão mais gerenciáveis no âmbito nacional do que um *default* de um banco com importância sistêmica alta, mas o efeito em áreas específicas da economia pode ser considerável. Os bancos com importância sistêmica moderada também podem ser provedores líderes de produtos politicamente sensíveis, como, por exemplo, hipotecas residenciais. Uma classificação de importância sistêmica moderada para um banco significa que, se ele falir, outras contrapartes provavelmente assumirão seu papel de mercado.

189. **Baixa importância sistêmica.** Um banco apresenta baixa importância sistêmica quando não se encaixa nos critérios de importância sistêmica alta ou moderada. A maioria dos bancos de uma indústria bancária enquadra-se nesta categoria. No entanto, se o mercado for particularmente concentrado, provavelmente muito poucos bancos terão importância sistêmica baixa.

190. O critério reconhece a dificuldade de se prever o suporte do governo soberano. No caso de uma crise, o governo pode decidir prover suporte a um banco mesmo que este tenha importância sistêmica baixa. A classificação de importância sistêmica baixa reflete a falta de um incentivo claro para um governo soberano evitar a falência desse tipo de banco.

**TABELA 18**  
**IMPORTÂNCIA SISTÊMICA**

| Descritor                      | Observações  |
|--------------------------------|--|
| Alta importância sistêmica     | Uma perda de confiança em um banco provavelmente levará a uma perda de confiança em todo o sistema bancário nacional. Em particular, o default das obrigações <i>senior unsecured</i> de um banco provavelmente enfraquecerá o sistema financeiro do país, limitará a disponibilidade de crédito para o setor privado e desencadeará um estresse financeiro significativo em várias outras instituições financeiras. |
| Importância sistêmica moderada | Uma perda de confiança em um banco pode levar a uma perda de confiança em todo o sistema bancário. Em particular, o <i>default</i> das obrigações <i>senior unsecured</i> de um banco pode enfraquecer o sistema financeiro e limitar a oferta de crédito para o setor privado.  |
| Baixa importância sistêmica    | Um banco apresenta baixa importância sistêmica quando não se encaixa nos critérios de importância sistêmica alta ou moderada. A maioria dos bancos de uma indústria bancária provavelmente se enquadra nesta categoria. No entanto, se o mercado for especialmente concentrado, é provável que menos bancos tenham baixa importância sistêmica.  |

## 2. Tendência de suporte do governo soberano a bancos privados

191. A tendência de suporte do governo soberano a instituições financeiras varia de acordo com o país e pode variar ao longo do tempo, particularmente quando os legisladores lidam com os efeitos de uma crise bancária. O critério avalia a capacidade e a disposição dos governos soberanos de proverem suporte a bancos em dificuldades durante uma crise e classifica os soberanos em três grupos, “*altamente supportive*”, “*supportive*” e “incertos” (tabela 19).

**TABELA 19**

### TENDÊNCIA DE UM GOVERNO DE SOCORRER INSTITUIÇÕES FINANCEIRAS

| Descritor                   | Observações  |
|-----------------------------|--|
| Altamente <i>supportive</i> | <p>O governo tende a ser explícito sobre sua disposição de prover suporte contínuo a instituições financeiras com importância sistêmica alta e moderada, mesmo no caso de crises específicas ao banco. Há um histórico de intervenções frequentes que protegem os credores contra perdas.</p> <p>A política intervencionista provavelmente continuará.</p> <p>O governo soberano dispõe de recursos financeiros suficientes para prover suporte a bancos e uma estrutura razoável vigente para monitorar seus riscos ao setor financeiro.</p> <p>As intervenções normalmente são injeções diretas de capital ou de liquidez, garantias, ou regimes de proteção.</p> <p>As intervenções do governo normalmente não estão sujeitas à autorização ou restrições de agências supranacionais (como UE e FMI).</p>   |
| Supportive                  | <p>O governo não tem uma política explícita de suporte ao setor financeiro.</p> <p>Há um histórico de ações do governo soberano para prover suporte a instituições financeiras com importância sistêmica alta e moderada, principalmente durante uma crise sistêmica, que protegem os credores contra perdas.</p> <p>Em vez de fornecer suporte diretamente, o governo soberano tende a estimular ou organizar uma solução de mercado sempre que possível. O governo soberano provavelmente fornecerá suporte similar no futuro.</p> <p>O governo tem autorização para prover suporte, mas tem de obedecer a determinadas condições ou está sujeito à autorização do parlamento, assembleias legislativas ou instituições supranacionais.</p> <p>O governo soberano dispõe de recursos financeiros suficientes para prover suporte aos bancos.</p> <p>O governo normalmente terá uma gama de alternativas de políticas para reagir ao estresse do setor bancário, o que pode incluir uma legislação que obriga os credores a compartilhar o ônus de prover suporte a um banco em dificuldades financeiras (<i>distressed</i>) (como descontando as obrigações dos credores).</p> <p>O tipo de crise normalmente influencia a forma de suporte.</p> |
| Incerta                     | <p>O governo não possui uma política explícita de suporte, nem existe uma política ou legislação clara que impeça o suporte direto a instituições financeiras.</p> <p>Os credores são obrigados a compartilhar – e espera-se que compartilhem – as perdas resultantes da falência da instituição financeira.</p> <p>Não há histórico confiável de ações de suporte do governo soberano durante as crises financeiras anteriores ou evidência de que o suporte não é estendido aos credores <i>senior unsecured</i>. Há dúvidas quanto à capacidade do governo soberano de apoiar instituições financeiras sistemicamente importantes.</p>  |

## 3. Probabilidade de suporte extraordinário do governo no futuro

192. O critério classifica a probabilidade de um banco receber suporte extraordinário do governo no futuro como alta, moderadamente alta, moderada ou baixa. Essa avaliação é determinada pela combinação das avaliações da importância sistêmica de um banco e da tendência de suporte do governo a um banco (tabela 20).

**TABELA 20**

### PROBABILIDADE DE SUPORTE EXTRAORDINÁRIO DO GOVERNO NO FUTURO

| Importância sistêmica | Tendência de um governo prover suporte a bancos comerciais privados |                                |         |
|-----------------------|---|--------------------------------|---------|
|                       | Altamente <i>supportive</i>   | Supportive                     | Incerta |
| Alta                  | Alta (tabela 21)  | Moderadamente alta (tabela 22) | Baixa   |
| Moderada              | Moderadamente alta (tabela 22)                                      | Moderada (tabela 23)           | Baixa   |
| Baixa                 | Baixa   | Baixa                          | Baixa   |

193. O ICR indicativo de bancos com probabilidade alta, moderadamente alta ou moderada de suporte extraordinário é determinado com base na combinação do SACP do banco e do rating soberano de acordo com as tabelas 21-23, respectivamente.

**TABELA 21**  
**PROBABILIDADE ALTA DE SUPORTE EXTRAORDINÁRIO DO GOVERNO**

| SACP | Rating soberano em moeda local |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |
|------|--------------------------------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|
|      | AAA                            | AA+  | AA   | AA-  | A+   | A    | A-   | BBB+ | BBB  | BBB- | BB+  | BB   | BB-  | B+   | B    | B-   |
| aaa  | AAA                            |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |
| aa+  | AA+                            | AA+  |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |
| aa   | AA+                            | AA   | AA   |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |
| aa-  | AA                             | AA   | AA-  | AA-  |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |
| a+   | AA-                            | AA-  | AA-  | A+   | A+   |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |
| a    | AA-                            | A+   | A+   | A+   | A    | A    |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |
| a-   | AA-                            | A+   | A+   | A    | A    | A-   | A-   |      |      |      |      |      |      |      |      |      |
| bbb+ | A+                             | A+   | A    | A    | A    | A-   | BBB+ | BBB+ |      |      |      |      |      |      |      |      |
| bbb  | A                              | A    | A    | A-   | A-   | A-   | BBB+ | BBB  | BBB  |      |      |      |      |      |      |      |
| bbb- | A-                             | A-   | A-   | A-   | BBB+ | BBB+ | BBB+ | BBB  | BBB- | BBB- |      |      |      |      |      |      |
| bb+  | BBB+                           | BBB+ | BBB+ | BBB+ | BBB+ | BBB  | BBB  | BBB  | BBB- | BB+  | BB+  |      |      |      |      |      |
| bb   | BBB                            | BBB  | BBB  | BBB  | BBB  | BBB  | BBB- | BBB- | BBB- | BB+  | BB   | BB   |      |      |      |      |
| bb-  | BBB-                           | BBB- | BBB- | BBB- | BBB- | BBB- | BBB- | BB+  | BB+  | BB+  | BB   | BB-  | BB-  |      |      |      |
| b+   | BB+                            | BB+  | BB+  | BB+  | BB+  | BB+  | BB+  | BB+  | BB   | BB   | BB-  | BB-  | B+   | B+   |      |      |
| b    | BB                             | BB   | BB   | BB   | BB   | BB   | BB   | BB   | BB   | BB-  | BB-  | BB-  | B+   | B    | B    |      |
| b-   | BB-                            | BB-  | BB-  | BB-  | BB-  | BB-  | BB-  | BB-  | BB-  | BB-  | B+   | B+   | B    | B-   | B-   | B-   |
| ccc+ | B+                             | B+   | B+   | B+   | B+   | B+   | B+   | B+   | B+   | B+   | B    | B    | B-   | B-   | B-   | CCC+ |
| ccc  | B                              | B    | B    | B    | B    | B    | B    | B    | B    | B    | B-   | B-   | B-   | CCC+ | CCC+ | CCC+ |
| ccc- | B-                             | B-   | B-   | B-   | B-   | B-   | B-   | B-   | B-   | B-   | CCC+ | CCC+ | CCC+ | CCC  | CCC  | CCC  |
| cc   | B-                             | B-   | B-   | B-   | CCC+ | CCC+ | CCC+ | CCC+ | CCC+ | CCC+ | CCC  | CCC  | CCC  | CCC- | CCC- | CC   |

SACP (*Stand-Alone Credit Profile*): Perfil de crédito individual. \*Todas as conclusões de rating na categoria 'CCC' devem estar em conformidade com o "Critério para atribuição de ratings 'CCC+', 'CCC', 'CCC-' e 'CC'", caso contrário será apropriado um rating 'B-'.

**TABELA 22**

**PROBABILIDADE MODERADAMENTE ALTA DE SUPORTE EXTRAORDINÁRIO DO GOVERNO**

| SACP | Rating soberano em moeda local |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |
|------|--------------------------------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|
|      | AAA                            | AA+  | AA   | AA-  | A+   | A    | A-   | BBB+ | BBB  | BBB- | BB+  | BB   | BB-  | B+   | B    | B-   |
| aaa  | AAA                            |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |
| aa+  | AA+                            | AA+  |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |
| aa   | AA                             | AA   | AA   |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |
| aa-  | AA                             | AA-  | AA-  | AA-  |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |
| a+   | AA-                            | AA-  | A+   | A+   | A+   |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |
| a    | A+                             | A+   | A+   | A    | A    | A    |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |
| a-   | A+                             | A    | A    | A    | A-   | A-   | A-   |      |      |      |      |      |      |      |      |      |
| bbb+ | A                              | A    | A-   | A-   | A-   | BBB+ | BBB+ | BBB+ |      |      |      |      |      |      |      |      |
| bbb  | A-                             | A-   | A-   | BBB+ | BBB+ | BBB+ | BBB  | BBB  | BBB  |      |      |      |      |      |      |      |
| bbb- | BBB+                           | BBB+ | BBB+ | BBB+ | BBB  | BBB  | BBB  | BBB- | BBB- | BBB- |      |      |      |      |      |      |
| bb+  | BBB                            | BBB  | BBB  | BBB  | BBB  | BBB- | BBB- | BBB- | BB+  | BB+  | BB+  |      |      |      |      |      |
| bb   | BBB-                           | BBB- | BBB- | BBB- | BBB- | BBB- | BB+  | BB+  | BB+  | BB   | BB   | BB   |      |      |      |      |
| bb-  | BB+                            | BB+  | BB+  | BB+  | BB+  | BB+  | BB+  | BB   | BB   | BB   | BB-  | BB-  | BB-  |      |      |      |
| b+   | BB                             | BB   | BB   | BB   | BB   | BB   | BB   | BB   | BB-  | BB-  | BB-  | B+   | B+   | B+   |      |      |
| b    | BB-                            | BB-  | BB-  | BB-  | BB-  | BB-  | BB-  | BB-  | BB-  | B+   | B+   | B+   | B    | B    | B    |      |
| b-   | B+                             | B+   | B+   | B+   | B+   | B+   | B+   | B+   | B+   | B+   | B    | B    | B    | B-   | B-   | B-   |
| ccc+ | B                              | B    | B    | B    | B    | B    | B    | B    | B    | B    | B-   | B-   | B-   | CCC+ | CCC+ | CCC+ |
| ccc  | B-                             | B-   | B-   | B-   | B-   | B-   | B-   | B-   | B-   | B-   | CCC+ | CCC+ | CCC+ | CCC  | CCC  | CCC  |
| ccc- | CCC+                           | CCC+ | CCC+ | CCC+ | CCC+ | CCC+ | CCC+ | CCC+ | CCC+ | CCC+ | CCC  | CCC  | CCC  | CCC- | CCC- | CCC- |
| cc   | CCC                            | CCC  | CCC  | CCC  | CCC  | CCC  | CCC  | CCC  | CCC  | CCC  | CCC- | CCC- | CCC- | CC   | CC   | CC   |

SACP (*Stand-Alone Credit Profile*): Perfil de crédito individual. Todas as conclusões de rating na categoria 'CCC' devem estar em conformidade com o "Critério para atribuição de ratings 'CCC+', 'CCC', 'CCC-' e 'CC'", caso contrário será apropriado um rating 'B-'.



**TABELA 23****PROBABILIDADE MODERADA DE SUPORTE EXTRAORDINÁRIO DO GOVERNO**

|      |      | Rating soberano em moeda local |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |
|------|------|--------------------------------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|
| SACP | AAA  | AA+                            | AA   | AA-  | A+   | A    | A-   | BBB+ | BBB  | BBB- | BB+  | BB   | BB-  | B+   | B    | B-   |
| aaa  | AAA  |                                |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |
| aa+  | AA+  | AA+                            |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |
| aa   | AA   | AA                             | AA   |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |
| aa-  | AA-  | AA-                            | AA-  | AA-  |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |
| a+   | AA-  | A+                             | A+   | A+   | A+   |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |
| a    | A+   | A+                             | A    | A    | A    | A    |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |
| a-   | A    | A                              | A    | A-   | A-   | A-   | A-   |      |      |      |      |      |      |      |      |      |
| bbb+ | A-   | A-                             | A-   | A-   | BBB+ | BBB+ | BBB+ | BBB+ |      |      |      |      |      |      |      |      |
| bbb  | BBB+ | BBB+                           | BBB+ | BBB+ | BBB+ | BBB  | BBB  | BBB  | BBB  |      |      |      |      |      |      |      |
| bbb- | BBB  | BBB                            | BBB  | BBB  | BBB  | BBB  | BBB- | BBB- | BBB- | BBB- |      |      |      |      |      |      |
| bb+  | BBB- | BBB-                           | BBB- | BBB- | BBB- | BBB- | BBB- | BBB- | BB+  | BB+  | BB+  | BB+  |      |      |      |      |
| bb   | BB+  | BB+                            | BB+  | BB+  | BB+  | BB+  | BB+  | BB+  | BB+  | BB   | BB   | BB   | BB   |      |      |      |
| bb-  | BB   | BB                             | BB   | BB   | BB   | BB   | BB   | BB   | BB   | BB-  | BB-  | BB-  | BB-  |      |      |      |
| b+   | BB-  | BB-                            | BB-  | BB-  | BB-  | BB-  | BB-  | BB-  | BB-  | BB-  | B+   | B+   | B+   | B+   |      |      |
| b    | B+   | B+                             | B+   | B+   | B+   | B+   | B+   | B+   | B+   | B+   | B+   | B    | B    | B    | B    |      |
| b-   | B    | B                              | B    | B    | B    | B    | B    | B    | B    | B    | B    | B    | B-   | B-   | B-   | B-   |
| ccc+ | B-   | B-                             | B-   | B-   | B-   | B-   | B-   | B-   | B-   | B-   | B-   | B-   | B-   | CCC+ | CCC+ | CCC+ |
| ccc  | CCC+ | CCC+                           | CCC+ | CCC+ | CCC+ | CCC+ | CCC+ | CCC+ | CCC+ | CCC+ | CCC+ | CCC+ | CCC+ | CCC  | CCC  | CCC  |
| ccc- | CCC  | CCC                            | CCC  | CCC  | CCC  | CCC  | CCC  | CCC  | CCC  | CCC  | CCC  | CCC  | CCC  | CCC- | CCC- | CCC- |
| cc   | CCC- | CCC-                           | CCC- | CCC- | CCC- | CCC- | CCC- | CCC- | CCC- | CCC- | CC   | CC   | CC   | CC   | CC   | CC   |

SACP (*Stand-Alone Credit Profile*): Perfil de crédito individual. Todas as conclusões de rating na categoria 'CCC' devem estar em conformidade com o "Critério para atribuição de ratings 'CCC+', 'CCC', 'CCC-' e 'CC'", caso contrário será apropriado um rating 'B-'.

194. Para um banco com baixa probabilidade de suporte, o ICR indicativo é equivalente ao SACP. Contudo, o ICR pode ser distinto do ICR indicativo após a aplicação do critério de suporte de grupo (consulte a “Metodologia de rating de grupo”, de 19 de novembro de 2013) ou quando o ICR é determinado (parágrafos 19-24).

195. Ainda que a probabilidade de suporte do governo seja “alta” e o rating soberano de longo prazo em moeda local seja ‘AAA’, um banco com um SACP ‘aa+’ não será avaliado com um ICR ‘AAA’. Isso está em linha com a visão da Standard & Poor’s de que o suporte do governo para bancos que não sejam GREs não pode ser previsto com certeza.

196. Os ICRs indicativos de bancos apresentados nas tabelas 21-23 estão sujeitos aos critérios apresentados nos parágrafos 206-212 abaixo.

#### 4. Suporte adicional de curto prazo para bancos com importância sistêmica alta ou moderada

197. (Esta seção foi parcialmente substituída pela “Metodologia e premissas de ratings de bancos: Capacidade adicional de absorção de perdas”, de 27 de abril de 2015, que deve ser lida em conjunto com esta seção, uma vez que descreve uma fonte adicional de suporte de curto prazo.) Este critério determina uma elevação adicional de curto prazo do SACP de um banco (além da elevação apresentada nas tabelas 21-23) se todas as seguintes condições forem atendidas:

- Se o banco for classificado com importância sistêmica alta ou moderada;
- Se o SACP do banco tiver sido rebaixado rapidamente em dois ou mais degraus em uma única revisão; e
- Se esperado que o governo forneça suporte adicional de curto prazo.

198. Na prática, pode levar algum tempo para que um governo apresente um comprometimento específico para prover suporte adicional de curto prazo após surgir um problema financeiro em um banco sistemicamente importante. Nesses casos, o critério estima o montante ou o nível de suporte.

199. Por exemplo, se o SACP de um banco declinar rapidamente, conforme descrito acima, o ICR provavelmente será rebaixado em pelo menos um degrau e provavelmente colocado na listagem *CreditWatch* com implicações negativas. Em conjunto com a ação de *CreditWatch*, o critério provavelmente exigirá:

- Uma confirmação por parte do governo da importância do banco por meio de uma declaração pública de suporte que cubra as obrigações do banco com seus credores seniores;
- Uma estimativa do montante ou nível de suporte requerido para recuperar o capital ou a liquidez do banco ao nível mínimo regulatório (parágrafo 202); e
- Uma avaliação sobre se o soberano possui capacidade suficiente para fornecer esse nível de suporte.

200. Se o governo não emitir nenhuma declaração pública de suporte enquanto o rating for mantido em *CreditWatch*, a avaliação da importância sistêmica é alterada para baixa, a elevação por suporte do governo é removida, e o ICR é rebaixado para o nível do SACP.

201. Se houver dúvidas quanto à capacidade de o governo soberano prover suporte à instituição, o ICR é rebaixado ao mesmo nível do SACP. Além disso, a elevação para todos os demais bancos com importância sistêmica alta ou moderada naquele país é reavaliada.

202. Se o governo realizar uma clara afirmação de sua intenção de prover suporte ao banco, o critério permite uma estimativa do montante monetário de suporte que estará disponível. Essa estimativa baseia-se nos detalhes fornecidos pelo governo ou em um cálculo da Standard & Poor's do montante de capital adicional ou de liquidez requeridos para recuperar o capital ou a liquidez ao nível mínimo regulatório – ou seja, o montante que permitirá ao banco manter suas operações em funcionamento (*going concern*), de acordo com os reguladores. O cálculo é orientado para a exigência regulatória mínima, exceto se houver uma diretriz de que o regulador espera que o banco cumpra uma exigência diferente.

203. Para estabelecer o número de degraus de elevação temporária pelo suporte adicional de curto prazo, essa estimativa é incluída na avaliação de capital, risco ou liquidez. Desde que o governo não tenha se comprometido com o suporte, a elevação total do SACP compreende uma elevação temporária pelo suporte adicional de curto prazo do governo e pela probabilidade de suporte extraordinário do governo no futuro (tabela 20). Após o governo se comprometer com o suporte, este é incorporado ao SACP e o ICR indicativo é definido de acordo com a tabela de suporte aplicável (tabelas 21-23).

## **5. Vinculando ratings de bancos que contam com suporte do governo aos ratings soberanos**

204. O critério de ratings de bancos tem um vínculo direto com o critério de ratings soberanos. Especificamente, o critério de ratings soberanos avalia o impacto dos passivos contingentes relacionados ao setor financeiro em um rating soberano (consulte a “Metodologia de Ratings Soberanos”, de 23 de dezembro de 2014). Essa avaliação é realizada estimando as potenciais necessidades de recapitalização de todo o setor bancário no caso de uma crise bancária sistêmica associada a um nível de estresse definido no RACF (consulte a “Metodologia e premissas de capital de bancos”, de 6 de dezembro de 2010).

205. Após determinar os passivos contingentes relacionados ao setor financeiro, o critério avalia o impacto do nível em geral dos passivos contingentes no perfil fiscal do soberano, o qual afeta seu rating. O rating soberano em moeda local é combinado com o SACP do banco para determinar seu ICR indicativo de acordo com as tabelas 21-23.

## C. Ratings de bancos acima do rating soberano

206. O critério pode resultar em um SACP ou em um ICR de um banco acima do rating em moeda estrangeira do governo soberano onde o banco está domiciliado.

207. Esses casos são raros porque o critério reconhece que os bancos são instituições alavancadas dependentes do governo soberano para liquidez e outras formas de suporte do sistema. Além disso, as autoridades regulatórias e de supervisão de um governo soberano podem restringir a flexibilidade do sistema financeiro ou de um banco.

208. Os bancos são afetados por muitos dos mesmos fatores econômicos que provocam estresse soberano. Esse estresse soberano pode causar, entre outras coisas, uma forte deterioração no valor dos ativos de um banco, liquidez mais cara em moeda estrangeira, escassez de liquidez em moeda local, um ambiente regulatório mais rígido, mudanças obrigatórias nas condições de crédito, aumento de impostos e declínio dos serviços públicos. Esses acontecimentos podem agravar as condições econômicas domésticas e aumentar os créditos de liquidação duvidosa dos bancos.

209. Este parágrafo foi excluído, tendo sido substituído pelo critério “Ratings Acima do Soberano - Ratings Corporativos e de Governo: Metodologia e Premissas”, publicado em 19 de novembro de 2013.

210. Este parágrafo foi excluído, tendo sido substituído pelo critério “Ratings Acima do Soberano - Ratings Corporativos e de Governo: Metodologia e Premissas”, publicado em 19 de novembro de 2013.

211. No caso de um banco que seja uma subsidiária, o controlador deve atender às mesmas condições para que a subsidiária para ser avaliado um ICR indicativo superior ao rating soberano em moeda estrangeira resultante do suporte do grupo de um controlador estrangeiro ou afiliada. Se o controlador não apresentar capacidade e disposição para fornecer suporte suficiente de modo que a subsidiária possa resistir ao estresse relacionado a um default soberano, o ICR é limitado pelo rating em moeda estrangeira do governo soberano onde a subsidiária é domiciliada.

212. Este parágrafo foi substituído pelo critério “Avaliando a qualidade de crédito de agências bancárias”, publicado em 14 de outubro de 2013.

[1] “*Causes of the Recent Financial and Economic Crisis*”, Ben S. Bernanke, *Perante à Comissão de Inquérito à Crise Financeira, Washington, D.C.*, 2 de setembro de 2010 (Congresso dos Estados Unidos).

[2] “*Final report of the Commission of Experts for limiting the economic risks posed by large companies*”, 30 de setembro de 2010 (Confederação Suíça).

[3] “*Final Report Recommendations*”, *Comissão Independente Bancária*, 12 de setembro de 2011 (Reino Unido).

## IX. METODOLOGIA: GESTÃO INTEGRADA DE RISCO

213. Esta seção abrange os principais fatores de risco que a Standard & Poor’s considera ao avaliar a gestão de risco de instituições financeiras.

214. Na análise de rating, consideramos em que medida as políticas, procedimentos e ferramentas de risco de uma instituição são adequadas para seu perfil de risco e contribuem para seu desenvolvimento estratégico e comercial. Quando tais avaliações são atipicamente fortes ou fracas em relação a seus pares, a gestão de risco de um banco pode afetar nossa avaliação da estratégia, posição de risco, e *funding* e liquidez da instituição. Não atribuímos uma classificação específica à gestão integrada de risco (i.e., não atribuímos uma classificação geral de ERM fraca, adequada, forte, etc.), embora essas considerações contribuam para nossa análise em várias áreas do SACP, incluindo as avaliações de posição de negócios, posição de risco, e *funding* e liquidez.

215. Listamos abaixo exemplos dos tipos de questões que consideramos ao avaliar as práticas de uma instituição relacionadas à governança de risco (que é considerada na posição de negócios); risco operacional, risco de mercado e risco de crédito (que são considerados na posição de risco); e *funding* e liquidez. A análise dessas áreas de risco mais amplas também incorpora as avaliações de gestão de negócios, legal, e de riscos reputacionais de uma instituição. Na maioria dos casos, a governança de risco é a área mais crítica de nossa avaliação, pois normalmente influencia a qualidade e a força da estrutura de gestão de risco de uma instituição. Se a organização apresentar todas as características relevantes para uma área de risco específica e for reconhecida como líder em sua indústria em um aspecto particular de gestão de risco, a consideraremos um exemplo de uma característica excelente. Os exemplos fornecidos não constituem uma lista exaustiva de questões que normalmente abordamos, mas sim algumas das questões mais prementes.

## A. Governança de risco

216. A governança de risco abrange avaliações da cultura, estratégia, apetite e nível de consciência de risco. A área de gestão de risco tem relevância suficiente na empresa?

217. Exemplos de características mais fracas: A gestão de risco é considerada uma função de controle, ou um centro de custos que agrega baixo valor. Os funcionários e recursos são insuficientes.

218. Exemplos de características adequadas: O departamento de gestão de risco é independente das unidades de negócios e é considerado um valioso parceiro. Possui acesso à alta administração e funcionários qualificados. Há um compromisso expresso da organização com a gestão de risco.

219. Exemplos de características fortes: O histórico mostra que o departamento de gestão de risco formal é um valioso parceiro para as unidades de negócios, fornecendo esclarecimentos quanto a riscos “locais” e da organização como um todo. A gestão de risco está proximamente envolvida com o planejamento e orçamento, e profissionais de risco desempenham um importante papel na empresa. Entre os indicadores de uma forte estrutura estão a existência de um diretor executivo de risco (*chief risk officer*) que se reporta diretamente ao CEO, bem como um conselho de gestão de risco com um diretor não executivo que se reporta ao conselho. Há clara evidência de envolvimento do conselho em questões de gestão de risco.

### **Em que medida a empresa estabelece e estrutura seu apetite ao risco? Isso é consistente com a estratégia de negócios, e qual o papel da gestão de risco nesse processo?**

220. Exemplos de características mais fracas: A empresa é incapaz de expressar tolerância ao risco agregada. O departamento de gestão de risco envolve-se minimamente na avaliação dos riscos da organização e no desenvolvimento da estratégia de negócios.

221. Exemplos de características adequadas: Há algum tipo de métrica de tolerância ao risco agregada disponível, mas esta se baseia em dados insuficientes ou é definida de forma relativamente vaga. A tolerância pode não ser definida em termos qualitativos e quantitativos.

222. Exemplos de características fortes: O banco definiu seu apetite ao risco com base em uma revisão rigorosa da combinação de risco e retorno. A tolerância é bem definida em termos qualitativos e quantitativos. Os funcionários conseguem expressar adequadamente o apetite ao risco da empresa.

### **A função de gestão de risco abrange todo o grupo? As políticas aprovadas das linhas de negócios são consistentes com o apetite a riscos e a estratégia de negócios do grupo?**

223. Exemplos de características mais fracas: O risco é monitorado por silo. A entidade apresenta baixa capacidade de obter uma visão consolidada dos riscos da instituição como um todo.

224. Exemplos de características adequadas: A empresa monitora os riscos principalmente por silo, embora possa monitorar e agregar alguns riscos na organização. Políticas de risco das linhas de negócio paralelas às políticas do grupo.

225. Exemplos de características fortes: A instituição tem apresentado um histórico bem-sucedido de monitorar e agregar riscos em toda a organização, incluindo subsidiárias de menor porte ou remotas. As iniciativas de gestão de risco são bem coordenadas em toda a entidade. Políticas de risco das linhas de negócios paralelas às políticas do grupo, e as estratégias e políticas comerciais são consistentes com o apetite ao risco e com os objetivos do grupo. Capital econômico, balanced business scorecard ou abordagem similar é ativamente utilizada na administração diária do negócio.

### **A alta administração é bem informada sobre questões de risco? A comunicação interna de questões de risco é eficaz? A divulgação externa de informações relevantes é efetiva?**

226. Exemplos de características mais fracas: Reuniões entre a alta administração e os funcionários da área de risco são infrequentes. O reporte de risco é insatisfatório, e os relatórios de risco têm função meramente de compliance, raramente causando a percepção de um papel de negócios mais amplo.

227. Exemplos de características adequadas: Há estruturas do comitê de risco em vigor, com melhora nas métricas e nos formatos de relatórios. Um fórum estratégico discute questões de risco. São realizadas auditorias internas programadas regulares da função de gestão de riscos, mas o reporte de riscos pode ser mais reativo do que proativo.

228. Exemplos de características fortes: A instituição vale-se de uma sofisticada comunicação interna e externa de gestão de risco, com discussões regulares em comitês de risco. A estrutura de reporte é sólida e bem sustentada pelas unidades de negócios, apresentando melhora ao longo do tempo. A avaliação de questões de risco é incorporada na tomada de decisões estratégicas, no orçamento e no planejamento. Esperamos que os relatórios de risco apresentem aplicações estratégicas tangíveis, com um vínculo comprovado entre o relatório de risco e as decisões comerciais. As questões de risco que surgem são prontamente levadas aos executivos seniores, as respostas são tempestivas, e existe um histórico de medidas efetivas em curso. O banco desfruta de um equilíbrio adequado entre a mensuração e a modelagem de riscos e a gestão dos riscos de negócio.

## **B. Risco operacional**

229. Avaliamos aqui as práticas de gestão de risco operacional de uma instituição, o nível de consciência dos processos de gestão de riscos operacionais e em que medida a instituição utiliza sua análise de gestão de risco operacional na tomada de decisão.

### **A empresa possui uma definição prática de risco operacional?**

230. Exemplos de características mais fracas: Os funcionários não têm conhecimento dos riscos operacionais da empresa.

231. Exemplos de características adequadas: As linhas de negócios estão em desenvolvimento ou melhoraram suas definições de risco operacional.

232. Exemplos de características fortes: Uma definição clara e consistente aplicável a toda a organização impede a sobreposição ao risco de crédito e risco de mercado, por exemplo.

### **Há uma estrutura efetiva em vigor para capturar exposições a riscos operacionais e perdas de dados?**

233. Exemplos de características mais fracas: Não há uma estrutura de coleta de dados abrangente. As perdas operacionais são, por vezes, contabilizadas na forma de perdas por risco de crédito ou risco de mercado.

234. Exemplos de características adequadas: O banco desenvolveu uma estrutura consistente para coletar dados referentes a perdas (isso pode ter sido retardado por aquisições). As potenciais exposições são avaliadas com base nos principais indicadores de risco e autoavaliações de controle, por exemplo.

235. Exemplos de características fortes: A empresa coordena seus esforços em todas as linhas de negócios para identificar e monitorar eventos de “gatilho” e dados de indicadores de risco. Mantém uma estrutura consistente para capturar dados referentes a perdas, o que não é prejudicado pelas aquisições recentes. Desenvolveu uma metodologia transparente para classificar os principais indicadores de risco.

### **A análise de riscos operacionais afeta a tomada de decisão e os controles?**

236. Exemplos de características mais fracas: O mecanismo de respostas que vincula dados de perdas a controles operacionais é inadequado. Consideramos o compliance regulatório como o principal fator que determina as métricas de riscos operacionais.

237. Exemplos de características adequadas: A empresa tem fornecido respostas claras a questões de riscos operacionais, mas as melhoras de controle são primordialmente reativas. Está desenvolvendo um processo para injetar capital nos negócios para perdas operacionais.

238. Exemplos de características fortes: Foco claro da administração e das análises do risco operacional mediante o uso de relatórios em forma de painel que proporcionam melhoria nos controles. A empresa adotou uma postura proativa em relação a questões de riscos operacionais e apresenta um histórico comprovado de respostas efetivas. No caso de perdas operacionais, a empresa possui um processo claramente articulado de alocação de capital no negócio.

### **Qual abordagem de Basileia a empresa adota?**

239. A abordagem de mensuração avançada pode ser um indicador de boas práticas de gestão de risco operacional.

### **Existem recursos suficientes dedicados a questões de risco operacional?**

240. Exemplos de características mais fracas: Estruturas *back-office* nem sempre são independentes do negócio. Localizações remotas da empresa possuem estruturas mais fracas.

241. Exemplos de características adequadas: O banco estabeleceu uma estrutura organizacional clara de back-office, independente do negócio. São disponibilizadas aos funcionários várias oportunidades de treinamento relacionadas a riscos. A empresa está desenvolvendo planos de recuperação de desastres e planos de continuidade do negócio. Demonstrou capacidade de lidar com potenciais questões de risco operacional.

242. Exemplos de características fortes: Funcionários altamente qualificados e estruturas consolidadas de treinamento e desenvolvimento são evidentes. Existem processos de recuperação de dados e planos de continuidade do negócio em vigor, os quais são continuamente aprimorados. A empresa mantém planos de continuidade de negócios bem documentados e testados com frequência (e de preferência aleatoriamente).

### **Há um processo bem definido de aprovação de novos produtos? Como são avaliados os produtos sem liquidez?**

243. Exemplos de características mais fracas: A definição de um novo produto não é clara e a aprovação final depende do negócio.

244. Exemplos de características adequadas: Existe um processo de aprovação para novos produtos, embora possa ser ocasionalmente evitado.

245. Exemplos de características fortes: A função de risco, em conjunto com outras funções de suporte, veta novos produtos e pode emitir a aprovação final. A gestão de risco também veta a precificação de modelos, incluindo o registro de dados.

## C. Risco de crédito

246. Para avaliar o risco de crédito, observamos como as práticas de concessão de crédito de uma instituição estão relacionadas a seu apetite ao risco de crédito, bem como a robustez das técnicas usadas no monitoramento e gestão de seu portfólio.

A empresa é capaz de garantir que os critérios de concessão de crédito sejam consistentes com seu apetite ao risco?

247. Exemplos de características mais fracas: Os critérios de risco do banco são ineficazes. Há uma aparente disposição para comprometer os padrões de aprovação de crédito a fim de atingir metas de lucro ou crescimento de curto prazo.

248. Exemplos de características adequadas: O banco possui políticas em vigor, embora nem sempre suficientemente claras ou sujeitas a revisões regulares. O número de exceções às políticas oficiais pode ser alto o suficiente para que questionemos sua eficácia.

249. Exemplos de características fortes: Foram definidas políticas claras de risco e de precificação, as quais são revistas regularmente. Há evidências de uma classificação efetiva de crédito e autoridades delegadas. Funcionários experientes e altamente qualificados implementam políticas de forma consistente.

### **A empresa possui estruturas apropriadas para identificar possíveis problemas em seu portfólio de crédito?**

250. Exemplos de características mais fracas: A instituição carece de métricas e dados necessários para monitorar a evolução de seu portfólio. A entidade tem capacidade limitada de obter dados por segmento de forma eficaz.

251. Exemplos de características adequadas: A instituição tem melhorado suas métricas de risco, mas sua capacidade de monitorar o desempenho de alguns produtos/segmentos pode ser limitada. Os dados podem estar parados em silos ou serem insuficientemente flexíveis para responder a mudanças nas necessidades. Os funcionários podem ser adequados, mas há preocupação quanto à profundidade da experiência das pessoas e a disponibilidade geral de recursos para cobrança/recuperação.

252. Exemplos de características fortes: Análises efetivas do portfólios têm sido realizadas para monitorar o desempenho por produto e por safras de originação de crédito, monitorar listas de créditos sob observação, e transferir exposições com fraco desempenho para cobrança/recuperação. O número de funcionários das áreas de cobrança ou de recuperação, que conta com funcionários experientes, é mais que adequado. A instituição realiza análises abrangentes quanto à adoção de uma abordagem de modelo de crédito específica e dispõe de premissas e limitações claramente documentadas. Possui um histórico sólido de reservas/provisões versus perdas reais.

### **A instituição tem acesso a técnicas suficientes de gestão de portfólios, incluindo ferramentas de mitigação de risco de crédito?**

253. Exemplos de características mais fracas: Somente estão disponíveis técnicas meramente reativas de gestão de exposição a entidades ou setores específicos. São tomadas poucas decisões conscientes sobre os níveis adequados de risco para a empresa, e a gestão de concentrações de risco é eventual ou insuficientemente abrangente.

254. Exemplos de características adequadas: O banco tem empregado seus esforços na gestão de seu portfólio de forma mais proativa e tomado decisões conscientes sobre o nível de risco que retém, mas dispõe de ferramentas ou técnicas limitadas. As concentrações de risco são monitoradas e gerenciadas pelo grupo.

255. Exemplos de características fortes: A entidade adota uma visão altamente proativa dos riscos de crédito no portfólio e controla metodicamente a exposição a segmentos específicos por meio de várias ferramentas possíveis. A entidade definiu políticas de níveis de manutenção e contratos de venda de ativos, e monitora de perto as ações das equipes. Portfólios específicos são revisados com base em testes de estresse.

## **A estrutura de gestão de risco de crédito é integrada à tomada de decisões?**

256. Exemplos de características mais fracas: O mecanismo de opinião (feedback) das métricas de risco de crédito para decisões comerciais e estratégicas é inadequado. O uso de algumas métricas e modelos de risco de crédito aparentemente baseia-se no cumprimento das exigências regulatórias.

257. Exemplos de características adequadas: O banco apresenta respostas claras a questões de risco de crédito, com um processo de alocação de capital para risco de crédito.

258. Exemplos de características fortes: A administração tem um bom entendimento das métricas de crédito e dos processos. Adota uma postura proativa e apresenta um histórico comprovado de respostas efetivas a questões de risco de crédito. O uso de abordagens mais avançadas de Basileia II em geral indica que a entidade dispõe de técnicas mais sofisticadas de gestão de risco e de dados, se respaldado pelo conhecimento comprovado da administração, e uso claro de informações pela empresa.

## **D. Risco de mercado**

259. A avaliação de risco de mercado considera a qualidade dos processos que uma instituição estabeleceu para gerenciar o risco de negociação e o risco da taxa de juros estrutural.

### **A função de risco de mercado tem alcance suficientemente amplo?**

260. Exemplos de características mais fracas: A função de risco de mercado tem alcance restrito, controles limitados e cobertura vaga ou inconsistente. Conta com técnicas de mensuração excessivamente simplistas. A administração tem conhecimento limitado dos relatórios de risco de mercado.

261. Exemplos de características adequadas: É evidente a disseminação da cobertura do risco de mercado a todo o grupo. Algumas áreas ainda podem ficar fora da cobertura. A administração tem conhecimento em geral aceitável dos reportes de risco de mercado.

262. Exemplos de características fortes: A estrutura de risco de mercado incorpora riscos assumidos pelas subsidiárias, incluindo subsidiárias não bancárias. Os riscos de mercado associados a fundos de pensões e outros benefícios a funcionários também são identificados, se aplicável. Relatórios úteis são elaborados periodicamente pelo grupo para avaliar a posição no âmbito do grupo.

### **A entidade é capaz de expressar e gerenciar sua tolerância ao risco da taxa de juros estrutural? E quanto ao risco estrutural da taxa cambial e risco de sua carteira de renda variável (*equity risk*)?**

263. Exemplos de características mais fracas: O banco não mensura ou gerencia esses riscos com eficácia. Não há uma esfera definida. Os limites ou controles são frouxos, e as técnicas de mensuração são excessivamente simplistas.

264. Exemplos de características adequadas: A entidade aprimorou a mensuração do risco da taxa de juros estrutural (ou o risco cambial ou da carteira de renda variável, se aplicável). Os relatórios de risco podem fornecer orientação menos efetiva para a administração, e as ferramentas da entidade não são desenvolvidas o suficiente comparado aos padrões de evolução da indústria. As métricas são apropriadas para o tipo de risco.

265. Exemplos de características fortes: A instituição desenvolveu uma abordagem ajustada pelo risco para gerar lucros dentro dos parâmetros acordados pelo conselho e pela alta administração. O risco da taxa de juros estrutural é amplamente mensurado, com reportes periódicos e métricas de valor agregado (em geral, com uma análise de cenário que o negócio considera útil).



## **A estrutura de gestão de ativos e passivos da empresa é robusto o suficiente, dadas as premissas sobre fatores relevantes, como prazos (*duration*) e pré-pagamentos?**

266. Exemplos de características mais fracas: A empresa utiliza premissas insustentáveis, as quais influenciam consideravelmente as exposições reportadas.

267. Exemplos de características adequadas: O banco apresenta premissas claras, mas sua validação (*back-testing*) ou o uso de testes de estresse é limitado.

268. Exemplos de características fortes: A entidade utiliza premissas validadas, estressadas e claramente articuladas. Ela avalia múltiplos cenários e leva em consideração características comportamentais, em vez de características contratuais apenas.

## **Qual a abordagem robusta da empresa para limites e uso de testes de estresse?**

269. Exemplos de características mais fracas: As unidades de negócio dispõem de autoridade excessiva. A utilidade dos testes de estresse é limitada pela opinião de que tais testes têm por objetivo o cumprimento de normas regulatórias, e não agregar valor. A alta administração não compreende nem valoriza os testes de estresse.

270. Exemplos de características adequadas: Há um processo claro para atribuir limites e procedimentos claros (mas restritos) para abrir uma exceção. Todos os excessos e o descumprimento de limites são prontamente reportados ao nível executivo apropriado. São aplicados testes de estresse, embora com granularidade insuficiente e com um papel limitado na tomada de decisões.

271. Exemplos de características fortes: As unidades de negócios e as funções de risco estabeleceram uma estrita cooperação. Somente a gestão de risco pode aprovar exceções aos limites fundamentais. Podem ser utilizadas estruturas duplas de limite. O banco realiza periodicamente testes de estresse de cenários macro, históricos e hipotéticos. Utiliza diversos testes de estresse e considera todos relevantes. Os testes de estresse e as análises de sensibilidade são aplicados e revisados em um nível adequado de granularidade para o perfil de negócios.

## **E. Funding e liquidez**

272. Avaliamos nesta seção a solidez dos processos de gestão dos riscos de funding e liquidez de uma instituição. A entidade possui uma política de funding consolidada? Coloca a ênfase adequada na concentração e mix de funding (por produto, vencimento e investidor, por exemplo)?

273. Exemplos de características mais fracas: A instituição foca excessivamente na minimização dos custos de captação e possui entendimento limitado dos riscos de liquidez. Demonstra dificuldade ou indisposição para diversificar o perfil de *funding*.

274. Exemplos de características adequadas: A instituição apresenta um mix diversificado de *funding*, embora com uma política muito mais reativa do que proativa. Suas opiniões sobre os níveis adequados de concentração de *funding* podem não ser rigorosas.

275. Exemplos de características fortes: A instituição mantém um perfil diversificado de *funding*, sem dependência excessiva de uma única fonte. A entidade adota uma visão proativa em relação a seu mix de funding. Suas opiniões sobre o mix de *funding* ótimo são definidas com clareza, incluindo limites e diretrizes apropriados.

## **A entidade dispõe de planos de contingência adequados para crises de liquidez?**

276. Exemplos de características mais fracas: Mal preparada para uma crise de liquidez, a empresa utiliza testes de estresse severo insuficientes, que não levam a ações complementares. As técnicas de gestão de risco respondem lentamente ao crescimento de fontes de *funding* mais sensíveis.

277. Exemplos de características adequadas: Planos de contingência são usados, mas não são suficientemente detalhados ou não são empregados nos níveis adequados em todo o grupo (por exemplo, por subsidiária ou país). A exposição a um potencial rebaixamento pode ser monitorada somente em épocas de estresse. As técnicas de gestão de risco podem estar em processo de ajuste ao recente crescimento no uso de algumas fontes de *funding* mais sensíveis.

278. Exemplos de características fortes: A entidade realiza testes de estresse detalhados e realiza um planejamento do cenário de continuidade de liquidez. Há vínculos comprovados entre esses testes e as medidas tomadas pela administração. Com uma visão clara dos potenciais efeitos de um rebaixamento, a entidade desenvolveu um plano para gerenciar sua exposição. A estrutura de gestão de risco do grupo leva em consideração sua dependência de fontes de liquidez sensíveis.

### **A empresa possui capacidade suficiente de liquidez para captar recursos sem prejudicar sua franquia?**

279. Exemplos de características mais fracas: Fontes de liquidez de emergência inadequadas significam que a instituição depende excessivamente de linhas de crédito bancário comprometidas e/ou de fontes de liquidez questionáveis.

280. Exemplos de características adequadas: Foram reservadas fontes de liquidez de emergência suficientes, embora possam estar relativamente concentradas.

281. Exemplos de características fortes: A empresa possui ativos líquidos não onerados suficientes, bem como linhas de crédito do banco central e/ou outras fontes de liquidez de emergência para atender a saídas de recursos em períodos de estresse.

## **APÊNDICE A**

Este critério de rating de bancos substitui integral ou parcialmente os critérios abaixo. Todos os artigos estão disponíveis no RatingsDirect de nosso Global Credit Portal, exceto se indicado em contrário.

### **Critérios integralmente substituídos**

- *Assumptions For Base-Case Credit Losses For Italian Banks*, 23 de abril de 2010
- *The Ratings Approach To Australian Government-Guaranteed Debt (Updated)*, 10 de junho de 2009
- *The Ratings Approach To U.S. Financial Institutions' FDIC-Guaranteed Commercial Paper*, 6 de abril de 2009
- *Franchise Stability, Confidence Sensitivity, And The Treatment Of Hybrid Securities In A Downturn*, 1 de dezembro de 2008
- *Assumptions: Analytical Adjustments For Captive Finance Operations*, 27 de junho de 2008
- *Recovery Ratings For U.S. Finance Companies*, 19 de junho de 2008
- *Applying Group metodologia To Independent U.S. Investment Banks*, 2 de junho de 2008
- *How Systemic Importance Plays A Significant Role In Bank Ratings*, 3 de julho de 2007
- *A Roadmap For Evaluating Financial Institutions' ERM Practices*, 3 de maio de 2007
- *External Support Key In Rating Private Sector Banks Worldwide*, 27 de fevereiro de 2007
- *Equity Credit for Hybrid Securities Issued by Asset Managers*, 13 de novembro de 2006
- *Standard & Poor's Updated Methodology For Rating Exchanges And Clearinghouses*, 10 de julho de 2006
- *Assessing Trading Risk Management Practices Of Financial Institutions*, 17 de outubro de 2005
- *Financial Institutions Bank Fundamental Strength Ratings*, 10 de julho de 2005
- *Bank Spreadsheet Data Definitions*, 2 de maio de 2005
- *Rating Securities Companies*, 9 de junho de 2004
- *Securities Company Ratings Analysis Methodology Profile*, 29 de abril de 2004
- *Bank Survivability Criteria*, 24 de março de 2004
- *FI Criteria: Bank Rating Analysis Methodology Profile*, 18 de março de 2004
- *U.S. Mortgage Bank Rating Analysis Methodology Profile*, 18 de março de 2004
- *Rating Asset Management Companies*, 18 de março de 2004
- *Sovereign Risk for Financial Institutions*, 16 de fevereiro de 2004

## Critério parcialmente substituído

- Finance Company Ratios, 18 de março de 2004

## APÊNDICE B: HISTÓRIO DE REVISÕES

Nota do editor anterior:

Este artigo de critério foi originalmente publicado em 9 de novembro de 2011. Em 7 de abril de 2017, republicamos o artigo após nossa revisão anual de critérios, concluída em 6 de fevereiro de 2017, quando atualizamos as referências de critérios, excluimos textos desatualizados relacionados à publicação inicial do critério, e incluímos referências à capacidade adicional de absorção de perdas (ALAC, *additional loss absorbing capacity*) no parágrafo 11, nos gráficos 1 e 2, e na seção 'VIII: METODOLOGIA: ESTRUTURA DE SUPORTE DO GOVERNO'. Nessa data, também corrigimos um erro tipográfico no parágrafo 133, substituindo uma referência no "Apêndice A" por uma referência ao artigo aplicável mencionado no Apêndice deste critério. Em 21 de março de 2016, republicamos este artigo com as referências atualizadas dos critérios relacionados, informações de contato dos analistas e melhor legibilidade, após a conclusão de nossa revisão periódica realizada em 9 de fevereiro de 2016. Previamente, havíamos republicado este artigo em 30 de setembro de 2014, e atualizamos as informações de contato dos autores. Os gráficos 1 e 2 e a seção "Suporte adicional de curto prazo para bancos com importância sistêmica alta ou moderada" foram parcialmente substituídos pela "Metodologia e premissas de ratings de bancos: Capacidade adicional de absorção de perdas", de 27 de abril de 2015. O "Critério para atribuição de ratings 'CCC+', 'CCC', 'CCC-' e 'CC'" também substituiu parcialmente o critério de avaliação de bancos. Todas as conclusões de rating na categoria 'CCC' devem estar em conformidade com o critério acima; caso contrário, seria apropriado o rating 'B-'. O critério "Ratings Acima do Soberano - Ratings Corporativos e de Governo: Metodologia e Premissas", de 19 de novembro de 2013, substituiu os parágrafos 209-210 da Seção C deste critério, "Ratings acima do rating soberano". O parágrafo 212 foi substituído pelo critério "Avaliando a qualidade de crédito de agências bancárias", de 14 de outubro de 2013. Este critério substituiu integral e parcialmente os critérios listados no Apêndice.

**Texto excluído, referente à publicação inicial do critério:**

## III. MUDANÇAS EM RELAÇÃO À SOLICITAÇÃO DE COMENTÁRIOS

12. Em 20 de abril de 2011, a Standard & Poor's publicou "*What's Happening With The New Bank Criteria? An Update On Feedback And Implementation*". A maioria dos investidores e emissores que enviaram comentários à Standard & Poor's defendeu a maior transparência quanto aos ratings de bancos. As mudanças abaixo (parágrafos 13-16) refletem as opiniões do mercado sobre aspectos variados da estrutura do critério.

13. Primeiramente, atividades de *investment banking* não levam mais a ajustes na âncora. Os ajustes resultam em parte da avaliação da posição de negócios e da posição de risco. Um banco com atividades significativas de *investment banking* pode apresentar uma posição de negócios mais arriscada do que um banco comercial com foco na captação de depósitos e concessão de empréstimo.

14. Em segundo lugar, o *funding* e liquidez são combinados em um único fator. Além disso, o critério agora permite uma elevação de um degrau para bancos com avaliação de *funding* acima da média, liquidez forte e SACP 'bbb-' ou acima. Entretanto, esperamos que essa elevação seja rara na prática (tabelas 15-17).

15. Em terceiro lugar, um banco com um SACP-âncora abaixo de 'bbb-' cujo índice de capital ajustado pelo risco (RAC, *risk-adjusted capital*) seja adequado ou alguma categoria superior pode receber um ajuste de um ou dois degraus (tabela 3) se mantiver um excedente de 7% no capital regulatório Nível 1 (parágrafos 88-89).

16. Por fim, a Standard & Poor's também revisou a metodologia BICRA (consulte a "Metodologia e premissas para avaliação do risco da indústria bancária de um país", de 9 de novembro de 2011), que avalia os pontos fortes e fracos relativos de créditos do sistema bancário de um país. A abordagem de avaliação do risco econômico e do risco da indústria é uma parte importante do critério de avaliação de bancos (parágrafos 29-41 e tabela 2).

## IV. IMPACTO NOS RATINGS VIGENTES

17. Este critério resultará em mudanças em geral consistentes com o impacto nos ratings indicado na solicitação de comentários do artigo de critério “*Banks: Rating Methodology*”, de 6 de janeiro de 2011, e atualizado no artigo “*How Standard & Poor’s Intends To Finalize Its Bank Criteria And Apply Them To Ratings In The Fourth Quarter Of 2011*”, de 1 de novembro de 2011.

**Texto excluído, substituído pelo critério “Ratings Acima do Soberano - Ratings Corporativos e de Governo: Metodologia e Premissas”, publicado em 19 de novembro de 2013.**

209. Um banco terá de atender a todas as condições a seguir para ser avaliado acima do rating soberano em moeda estrangeira do país de domicílio:

- Capital e liquidez suficientes para cobrir o estresse que a Standard & Poor’s associa a um cenário de default soberano;
- Características institucionais, flexibilidade nas políticas do governo soberano ou precedentes históricos indicam uma alta probabilidade de que o governo soberano não interferirá ou adquirirá recursos do banco, e que é improvável que necessite de suporte adicional do governo soberano;
- A expectativa de que o setor financeiro, ou pelo menos o banco específicos, permanecerá em uma posição líquida de ativos externos;
- Pouca exposição a empréstimos ou outros ativos ao governo soberano ou ao setor público em geral e expectativa de que isso não mudará;
- Índice de lucros, capital e outros índices mais fortes do que os de bancos com avaliação similar localizados em países cujos sistemas financeiros apresentam risco inferior, de acordo com as avaliações BICRA; e
- Avaliação do risco de transferência e conversibilidade (T&C) que não limita os ratings do banco ao rating soberano (parágrafo 210).

210. A avaliação do risco de transferência e conversibilidade do governo soberano limita os ratings em moeda estrangeira do banco. Essa avaliação reflete a visão da Standard & Poor’s da probabilidade de um governo soberano restringir o acesso a moeda estrangeira necessária para uma entidade não soberana honrar suas obrigações do serviço da dívida. Para a maioria dos países, a análise da Standard & Poor’s conclui que esse risco é mais baixo do que o risco de default do governo soberano de suas obrigações em moeda estrangeira. Portanto, a maioria das avaliações de T&C excedem o rating soberano em moeda estrangeira (consulte a “Metodologia para determinar a avaliação de transferência e conversibilidade”, publicada em 18 de maio de 2009).

Texto excluído do parágrafo 212, tendo sido substituído pelo critério “Avaliando a qualidade de crédito de agências bancárias”, publicado em 14 de outubro de 2013.

212. As agências bancárias estão sujeitas às mesmas condições que entidades legais distintas. Os ratings de agências bancárias, como parte da mesma entidade legal, são equiparados ao rating do banco, salvo se a agência for localizada em outro país. Se uma agência estiver localizada em outra jurisdição legal, o critério considera se medidas tomadas pelo governo soberano-”sede” podem afetar a capacidade da agência de honrar suas obrigações. O critério não atribui ratings a uma agência acima dos ratings do governo soberano-sede, a menos que as condições listadas acima tenham sido atendidas ou se os credores da agência tiverem acesso - irrestrito - a todos os seus recursos de forma tempestiva por meio de uma agência localizada em outra jurisdição. Na maioria dos casos, o rating em moeda estrangeira do governo soberano-sede limita os ratings da agência bancária. Se o rating do governo soberano-sede for superior ao rating do banco, os ratings da agência bancária e do banco serão equiparados.

## APÊNDICE C: DATA DE VIGÊNCIA E TRANSIÇÃO

Este critério entrou em vigor em 9 de novembro de 2011.

# CRITÉRIOS E ARTIGOS RELACIONADOS

## Critérios

- *Methodology For Linking Long-Term And Short-Term Ratings*, 7 de abril de 2017
- *Critério de avaliação de garantias*, 21 de outubro de 2016
- Metodologia: Impacto de operações de financiamento cativo em emissores corporativos não financeiros, 14 de dezembro de 2015
- Metodologia e premissas de ratings de bancos: Capacidade adicional de absorção de perdas, 27 de abril de 2015
- Ratings de Entidades Vinculadas a Governos (GREs, na sigla em inglês para Government-Related Entities): Metodologia e Premissas, 25 de março de 2015.
- Metodologia e premissas para avaliar dívidas subordinadas não diferíveis e instrumentos híbridos de capital de emissão de bancos, 29 de janeiro de 2015
- Metodologia de Ratings Soberanos, 23 de dezembro de 2014
- Metodologia de avaliação de instituições financeiras não bancárias, 9 de dezembro de 2014
- Metodologia de Avaliação de Crédito de Emissão para Instituições Financeiras Não Bancárias e Empresas de Serviços Financeiros Não Bancários, 9 de dezembro de 2014
- Principais Fatores de Crédito para Empresas de Infraestrutura do Mercado Financeiro, 09 de dezembro de 2014
- Critério geral: Metodologia de rating de grupo, 19 de novembro de 2013.
- Avaliando a qualidade de crédito de agências bancárias, 14 de outubro de 2013
- Métricas Quantitativas para a Avaliação de Bancos Globalmente: Metodologia e Premissas, 17 de julho de 2013.
- Critérios para Atribuição de Ratings 'CCC+', 'CCC', 'CCC-', e 'CC', 1º de outubro de 2012
- Metodologia e premissas para avaliação do risco da indústria bancária de um país, 9 de novembro de 2011
- Princípios dos Ratings de Crédito, 16 de fevereiro de 2011
- Metodologia e premissas de capital de bancos, 6 de dezembro de 2010
- Perfis de crédito individual (Stand-Alone Credit Profiles ou SACP): componente de um rating, 1º de outubro de 2010
- *Methodology For Analyzing Funding And Liquidity Positions Of Bank-Licensed Investment Companies*, 2 de julho de 2010
- Critérios de estabilidade de crédito, 3 de maio de 2010
- *Methodology: Hybrid Capital Issue Features: Update On Dividend Stoppers, Look-Backs, And Pushers*, 10 de fevereiro de 2010
- Entendendo as Definições de Ratings da Standard & Poor's, 3 de junho de 2009
- Metodologia para determinar a avaliação de transferência e conversibilidade, 18 de maio de 2009
- *Rating Private Equity Companies' Debt And Counterparty Obligations*, 11 de março de 2008
- *Issues Of Subordination for Hedge Fund Debt*, 13 de setembro de 2007
- *Counterparty And Debt Rating Methodology For Alternative Investment Organizations: Hedge Funds*, 12 de setembro de 2006
- *Commercial Papers I: Bancos*, 23 de março de 2004
- *Commercial Paper II: Finance Companies*, 22 de março de 2004

## Artigos

- *The Evolving Landscape For Banks Requires A Robust Analytical Framework*, 1 de novembro de 2011
- *How Standard & Poor's Intends To Finalize Its Bank Criteria And Apply Them To Ratings In The Fourth Quarter Of 2011*, 1 de novembro de 2011
- *For Universal Banks, The Recent Dominance Of Investment Banking Is Giving Way To More Balanced Earnings*, 30 de junho de 2011
- *Bank Resolution Regimes: Potential Rating Implications As Sovereign Support Frameworks Evolve*, 16 de março de 2011

Este critério representa a aplicação específica de princípios fundamentais que definem o risco de crédito e as opiniões de ratings. Seu uso é determinado por atributos específicos do emissor ou da emissão, bem como pela avaliação de crédito da Standard & Poor's e, se aplicável, por riscos estruturais a um dado rating de emissor ou de emissão. A metodologia e premissas podem mudar periodicamente como resultado das condições de mercado e econômicas, fatores específicos do emissor ou emissão, ou evidência nova empírica que afete nosso julgamento de crédito.

Copyright© 2017 pela Standard & Poor's Financial Services LLC. Todos os direitos reservados.

Nenhum conteúdo (incluindo-se ratings, análises e dados relativos a crédito, avaliações, modelos, software ou outras aplicações ou informações obtidas a partir destes) ou qualquer parte destas informações (Conteúdo) pode ser modificada, sofrer engenharia reversa, ser reproduzida ou distribuída de nenhuma forma, nem meio, nem armazenada em um banco de dados ou sistema de recuperação sem a prévia autorização por escrito da Standard & Poor's Financial Services LLC ou de suas afiliadas (coletivamente, S&P). O Conteúdo não deverá ser utilizado para nenhum propósito ilícito ou não autorizado. Nem a S&P, nem seus provedores externos, nem seus diretores, representantes, acionistas, empregados nem agentes (coletivamente, Partes da S&P) garantem a exatidão, completude, tempestividade ou disponibilidade do Conteúdo. As Partes da S&P não são responsáveis por quaisquer erros ou omissões (por negligência ou não), independentemente da causa, pelos resultados obtidos mediante o uso de tal Conteúdo, ou pela segurança ou manutenção de quaisquer dados inseridos pelo usuário. O Conteúdo é oferecido "como ele é". AS PARTES DA S&P ISENTAM-SE DE QUALQUER E TODA GARANTIA EXPRESSA OU IMPLÍCITA, INCLUSIVE, MAS NÃO LIMITADA A, QUAISQUER GARANTIAS DE COMERCIALIZABILIDADE, OU ADEQUAÇÃO A UM PROPÓSITO OU USO ESPECÍFICO, LIBERDADE DE FALHAS, ERROS OU DEFEITOS DE SOFTWARE, QUE O FUNCIONAMENTO DO CONTEÚDO SEJA ININTERRUPTO OU QUE O CONTEÚDO OPERE COM QUALQUER CONFIGURAÇÃO DE SOFTWARE OU HARDWARE. Em nenhuma circunstância, deverão as Partes da S&P ser responsabilizadas por nenhuma parte, por quaisquer danos, custos, despesas, honorários advocatícios, ou perdas diretas, indiretas, incidentais, exemplares, compensatórias, punitivas, especiais, ou consequentes (incluindo-se, sem limitação, perda de renda ou lucros e custos de oportunidade ou perdas causadas por negligência) com relação a qualquer uso do Conteúdo aqui contido, mesmo se alertadas sobre sua possibilidade.

Análises relacionadas a crédito e outras, incluindo ratings e as afirmações contidas no Conteúdo são declarações de opiniões na data em que foram expressas e não declarações de fatos. As opiniões da S&P, análises e decisões de reconhecimento de ratings (descritas abaixo) não são recomendações para comprar, reter ou vender quaisquer títulos ou tomar qualquer decisão de investimento e não abordam a adequação de quaisquer títulos. Após sua publicação, em qualquer maneira ou formato, a S&P não assume nenhuma obrigação de atualizar o Conteúdo. Não se deve depender do Conteúdo, e este não é um substituto das habilidades, julgamento e experiência do usuário, sua administração, funcionários, conselheiros e/ou clientes ao tomar qualquer decisão de investimento ou negócios. A S&P não atua como agente fiduciário nem como consultora de investimentos exceto quando registrada como tal. Embora obtenha informações de fontes que considera confiáveis, a S&P não conduz auditoria nem assume qualquer responsabilidade de diligência devida (due diligence) ou de verificação independente de qualquer informação que receba.

Até o ponto em que as autoridades reguladoras permitam a uma agência de rating reconhecer em uma jurisdição um rating atribuído em outra jurisdição para determinados fins regulatórios, a S&P reserva-se o direito de atribuir, retirar ou suspender tal reconhecimento a qualquer momento e a seu exclusivo critério. As Partes da S&P abdicam de qualquer obrigação decorrente da atribuição, retirada ou suspensão de um reconhecimento, bem como de qualquer responsabilidade por qualquer dano supostamente sofrido por conta disso.

A S&P mantém determinadas atividades de suas unidades de negócios separadas umas das outras a fim de preservar a independência e objetividade de suas respectivas atividades. Como resultado, certas unidades de negócios da S&P podem dispor de informações que não estão disponíveis às outras. A S&P estabeleceu políticas e procedimentos para manter a confidencialidade de determinadas informações que não são de conhecimento público recebidas no âmbito de cada processo analítico.

A S&P pode receber remuneração por seus ratings e certas análises, normalmente dos emissores ou subscritores dos títulos ou dos devedores. A S&P reserva-se o direito de divulgar seus pareceres e análises. A S&P disponibiliza suas análises e ratings públicos em seus sites na [www.standardandpoors.com](http://www.standardandpoors.com) (gratuito), e [www.ratingsdirect.com](http://www.ratingsdirect.com) e [www.globalcreditportal.com](http://www.globalcreditportal.com) (por assinatura), e pode distribuí-los por outros meios, inclusive em suas próprias publicações ou por intermédio de terceiros redistribuidores. Informações adicionais sobre nossos honorários de rating estão disponíveis em [www.standardandpoors.com/usratingsfees](http://www.standardandpoors.com/usratingsfees).

Austrália

Standard & Poor's (Austrália) Pty. Ltd. conta com uma licença de serviços financeiros número 337565 de acordo com o Corporations Act 2001. Os ratings de crédito da Standard & Poor's e pesquisas relacionadas não tem como objetivo e não podem ser distribuídas a nenhuma pessoa na Austrália que não seja um cliente pessoa jurídica (como definido no Capítulo 7 do Corporations Act).